

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ
CAMPUS DE PARANAVAÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO
FORMAÇÃO DOCENTE INTERDISCIPLINAR-
PPIFOR**

**A IMPORTÂNCIA DA SIGNIFICAÇÃO DA PALAVRA PARA O
APRIMORAMENTO DO INTELLECTO: CONTRIBUIÇÕES DOS
CLÁSSICOS PEDRO ABELARDO E HUGO DE SÃO VÍTOR**

ROSELI BELÉM MACHADO

PARANAVAÍ

2019

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ
CAMPUS DE PARANAVAÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO
FORMAÇÃO DOCENTE INTERDISCIPLINAR-
PPIFOR

A IMPORTÂNCIA DA SIGNIFICAÇÃO DA PALAVRA PARA O
APRIMORAMENTO DO INTELECTO: CONTRIBUIÇÕES DOS
CLÁSSICOS PEDRO ABELARDO E HUGO DE SÃO VÍTOR

ROSELI BELÉM MACHADO

PARANAVAÍ
2019

- M149i Machado, Roseli Belém
A importância da significação da palavra para o aprimoramento do intelecto: contribuições dos clássicos Pedro Aberlardo e Hugo de São Vítor / Roseli Belém Machado. – Paranavaí: Unespar, 2019.
x, 102 f.
- Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual do Paraná, Campus de Paranavaí, Programa de Pós-Graduação em Ensino Formação Docente Interdisciplinar - PPIFOR; área de concentração: Formação Docente Interdisciplinar.
Orientador: Profa. Dra. Conceição Solange Bution Perin;
Banca examinadora: Prof. Dr. Ailton José Vinholi Junior, Prof. Dr. Ricardo Tadeu Caires Silva.
- Bibliografia
1. Educação. 2. Leitura. 3. Escrita. 4. Desenvolvimento Intelectual. 5. Abelardo, Pedro. 6. São Vítor, Hugo de. I. Título. II. Programa de Pós-Graduação em Ensino Formação Docente Interdisciplinar.

CDD 20. ed. 372.41

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ
CAMPUS DE PARANAVAÍ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO
FORMAÇÃO DOCENTE INTERDISCIPLINAR-
PPIFOR**

**A IMPORTÂNCIA DA SIGNIFICAÇÃO DA PALAVRA PARA O
APRIMORAMENTO DO INTELLECTO: CONTRIBUIÇÕES DOS
CLÁSSICOS PEDRO ABELARDO E HUGO DE SÃO VÍTOR**

Dissertação apresentada por Roseli Belém Machado, ao Programa de Pós-Graduação em Ensino da Universidade Estadual do Paraná – Campus de Paranavaí, como um dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Ensino. Área de Concentração: Formação Docente Interdisciplinar.

Orientador (a): Profa. Dra: Conceição Solange Bution Perin

PARANAVAÍ

2019

ROSELI BELÉM MACHADO

**A IMPORTÂNCIA DA SIGNIFICAÇÃO DA PALAVRA PARA O
APRIMORAMENTO DO INTELECTO: CONTRIBUIÇÕES DOS
CLÁSSICOS PEDRO ABELARDO E HUGO DE SÃO VÍTOR**

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Conceição Solange Bution Perin (orientadora)

Prof. Dr. Airton José Vinholi Junior (IFMS – Campo Grande/MS)

Prof. Dr. Ricardo Tadeu Caires Silva (Unespar/campus de Paranavaí)

Data de Aprovação:

08/03/2019

Dedico este trabalho

A Deus que sempre me deu discernimento e estrutura para seguir a jornada mais linda
que um homem pode ter, a vida;

Aos meus familiares.

AGRADECIMENTOS

Os conselhos sempre são necessários para termos prudência ao prosseguir em meio aos nossos objetivos. Nessa jornada, muitos foram os que me ajudaram a sanar dúvidas e seguir o percurso com suas experiências e conhecimento, ajudaram-me a rever os meus conceitos e orientaram-me a refletir sobre o passado e também olhar para o futuro. Assim, para a dissertação que agora apresento teço agradecimentos a essas pessoas especiais.

À minha orientadora, Prof. Dr^a. Conceição Solange Bution Perin, que me ofereceu a confiança para desenvolvimento da pesquisa, com muitos desafios, e conhecer dois clássicos tão ricos em conhecimentos referentes ao uso das palavras e à formação integral humana como *Lógica para principiantes*, de Pedro Abelardo e *Didascalicon*, de Hugo de São Vítor. Agradeço por tamanha confiança, credibilidade e coragem.

Aos professores da banca de qualificação e banca de defesa, pelas significativas orientações, contribuições e reflexões pertinentes ao andamento da pesquisa: Prof. Dr. Airton José Vinholi Júnior (IFMS – Campo Grande/MS), Prof. Dr. Ricardo Tadeu Caires Silva (Unespar/campus de Paranavaí).

Sou grata à disponibilidade da Prof. Dr^a. Rosimeiri Darc Cardoso, por sua importante contribuição em me ouvir e me dar direcionamento nas horas mais difíceis dessa pesquisa.

Gratidão à CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) por financiar a pesquisa e contribuir com a formação intelectual da sociedade.

Aos profissionais do Programa de Pós-Graduação, pela dedicação e contribuição para a formação profissional de professores.

A minha querida amiga, Fabíola Grasielle Zappiello, por fazer as minhas horas de estrada rumo à universidade mais alegres, por se tornar minha companheira de todas as horas e por me deixar fazer parte desse coração gigante que tem.

A minha amiga Silvana Malavasi Huszcz, por gentilmente dividir suas experiências de estudos comigo.

Aos meus pais Jose Belém e Maria Nazaré Paulino Belém, que mesmo em sua simplicidade de conhecimento veem a educação como a oportunidade de fazer o homem melhor e permaneceram, como sempre, na torcida por mim, por meus estudos.

Aos meus filhos, Kauane e Mateus, que em meio a tanta correria são exemplos de garra e perseverança. Deus os abençoe sempre.

Eternamente Deus, por tudo e por todas as pessoas.

MACHADO, Roseli Belém. **A IMPORTÂNCIA DA PALAVRA PARA O APRIMORAMENTO DO INTELLECTO: CONTRIBUIÇÕES DOS CLÁSSICOS PEDRO ABELARDO E HUGO DE SÃO VÍTOR.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual Do Paraná, *campus* Paranavaí. Orientadora: Profa. Dra Conceição Solange Bution Perin. Paranavaí, 2019.

RESUMO

Essa pesquisa, que se situa no campo da história da Educação, visa analisar a metodologia de ensino de Pedro Abelardo (1079 – 1142), um dos mestres precursores da dialética medieval, e Hugo de São Vítor (1096 – 1141), que em sua obra *Didascalicon* faz apontamentos fundamentais sobre a metodologia da leitura, para a compreensão e o uso das palavras como contribuintes para o bom desenvolvimento da inteligência. A concepção intelectual, bem como a importância da metodologia do uso das palavras para ampliação do conhecimento, é abordada em grande parte em relação à formação do homem medieval do século XII, visto que este momento é concebido com grandes mudanças na educação. A hipótese levantada refere-se à organização do homem em relação à busca do conhecimento, à importância de se rever os rumos metodológicos de ensino, à importância de se trabalhar as vias intelectuais em relação à construção do saber, tomando a necessidade de exploração do objeto estudado como um todo. Isto significa usar o trabalho simultâneo da leitura e da dialética como rota fundamental entre o estímulo da ampliação das potencialidades mentais, por meio do ensino reflexivo que vise à formação do homem ativo na sociedade. Evidencia-se para tanto que atividades que estimulam o desenvolvimento cognitivo e o raciocínio lógico se difundem no mecanismo do cérebro por meio de estímulos exteriores que possibilitam a transcendência do conhecimento quantitativo para o qualitativo, nas diferentes formas de memórias, que possibilitarão ao homem o conhecimento e o domínio do todo: razão e emoção, assegurando as capacidades subjetivas essenciais à espécie humana. Por meio dessa pesquisa, é possível verificar que o uso das palavras mediadas por meio da leitura e da escrita reflexiva, como instrumentos estimuladores do desenvolvimento intelectual, fundamenta a memória prática e assim indica possibilidades de progresso de uma educação significativa, como viés do conhecimento que favorece a formação integral do homem. Analisa-se a importância de se repensar a educação, seus métodos e metodologias para que visem à ampliação da inteligência por meio da organização do processo da aquisição do conhecimento, como rever, retomar didaticamente as rédeas do ensino investigativo, reorganizar o que e o como ensinar; repensar quão fundamental é a verificação e a escolha de uma linha de ensino como âncora facilitadora no direcionamento e na mediação do conhecimento, que objetive a formação do homem ético, consciente e participativo no seu próprio processo histórico.

Palavras-chave: Pedro Abelardo; Hugo de São Vítor; Leitura; Escrita; Desenvolvimento intelectual.

MACHADO, Roseli Belém. **A IMPORTÂNCIA DA PALAVRA PARA O APRIMORAMENTO DO INTELLECTO: CONTRIBUIÇÕES DOS CLÁSSICOS PEDRO ABELARDO E HUGO DE SÃO VÍTOR.** Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade estadual do Paraná, *Campus Paranavaí*. Orientador: Prof.^a Dr^a Conceição Solange Bution Perin. Paranavaí, 2019.

ABSTRACT

This research, belonging to the field of study of the history of Education, aims to analyze the teaching of Pedro Abelardo (1079 – 1142), one of the founding masters of medieval dialectic e Hugo de São Vítor (1096 – 1141), that in his work *Didascalion* establishes fundamental points about the methodology of reading, to the comprehension e the use of words as contributors to a good development of intelligence. The intellectual conception, as well as the importance of methodology in the use of words to the expansion of knowledge, is addressed mostly in relation to the formation of the medieval man in the 12nd century, since in this moment there were great changes in education. The brought-up hypothesis refers to the organization of the man in relation to the search for knowledge, to the importance of revisiting the methodological ways of teaching, to the importance of working the intellectual ways in the relation to the construction of knowledge, taking the need of exploring the studied object as a whole. This means using simultaneous word of reading and dialectic as a fundamental route between the stimulus of amplifying the mental potentialities, through reflexive teaching that addresses the formation of the active man in society. It is evident that both the activities that stimulate cognitive development and the logical thinking spread themselves in the mechanism of the brains by the means of exterior stimuli that allows the transcendence of quantitative knowledge to the qualitative, in different forms of memory, enabling the knowledge and mastery of the whole: reason and emotion, assuring the subjective capabilities essential to the human species. Through this research, it is possible to verify that the use of words mediated by reading and reflexive writing, as stimulating instruments of intellectual development, underlies the practical memory e as such indicates possibilities of progress of a significative education, as a form of knowledge that facilitates the integral formation of the man. The importance of rethinking education is analyzed, as well as its methods and methodologies that aim to increase intelligence through organizing the process of knowledge acquisition, such as rethinking, retaking didactically the rein of investigative teaching, reorganize what it is e how to teach, rethink how important is the verification and the choice of a way of teaching as an anchor that eases the targeting and mediation of knowledge, that aims to develop the ethic human, conscious and active in his own historical process.

Key-words: Pedro Abelardo; Hugo de São Vítor; Reading; Writing; Intellectual Development.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. INTELLECTUAIS DA IDADE MÉDIA – A CULTURA INTELLECTUAL DO SÉCULO XII	15
2.1 MÉTODO E TÉCNICA DE ENSINO: A ESCOLÁSTICA.....	23
2.2 A IMPORTÂNCIA DA UNIVERSIDADE E DO PROFESSOR DO SÉCULO XII PARA O DESENVOLVIMENTO INTELLECTUAL	25
3. LEITURA E ESCRITA – BASE FUNDAMENTAL PARA O DESENVOLVIMENTO INTELLECTUAL	33
3.1 LECTIO, QUAESTIO: A DIALÉTICA	43
3.2 EXPRESSIVIDADE POR MEIO DA ESCRITA: O PAPEL QUE A PALAVRA EXERCE AO LEITOR POR MEIO DA ESCRITA.....	46
4. DESENVOLVIMENTO INTELLECTUAL	56
4.1 VIAS INTELLECTUAIS: O PROCESSO DO DESENVOLVIMENTO DA INTELIGÊNCIA NA LEITURA, ESCRITA E LINGUAGEM.....	69
4.2 EXERCITANDO A MENTE: AMPLIANDO CONHECIMENTO COM O USO PRÁTICO DAS PALAVRAS.....	83
5. CONCLUSÃO.....	99
REFERÊNCIAS.....	101

1 INTRODUÇÃO

Por meio desta investigação, buscamos verificar no modelo de ensinamento de Pedro Abelardo e Hugo de São Vítor o método que instigava seus alunos a desenvolver vias facilitadoras de compreensão dos objetos em questão.

Pedro Abelardo (1097-1142) nasceu na aldeia de La Pallet, próximo de Nantes, na Bretanha, França. Com 11 anos ingressou na Escola de Chartes onde aprendeu o Trivium – conjunto das disciplinas: lógica, gramática e retórica. Abelardo era um brilhante mestre de Teologia na Catedral de Notre Dame de Paris.

Hugo de São Vítor (1096 – 1141) nasceu na Saxônia, território que hoje é a Alemanha, mas na época fazia parte do Sacro Império Romano Germânico. Quando jovem, impelido pela vocação sacerdotal e aconselhado pelo tio que era bispo, mudou-se para Paris e ingressou no mosteiro de São Vítor. Posteriormente foi professor no mesmo mosteiro, assumiu sua direção e organizou a estrutura de sua escola de Teologia. Instituiu uma prática pedagógica que conduzia à contemplação por meio da boa leitura.

Assim, a partir do estudo de um objeto ou de uma leitura e de um debate, tem-se o estímulo para a maturação intelectual na formação dos homens, que acontece mediante o processo dialético em Abelardo e da leitura bem estruturada em São Vítor, a qual permite pensar e compreender as contradições da realidade e suas transformações.

Vale ressaltar que o meu interesse pelo tema proposto, leitura e escrita, faz parte da minha formação como professora na área de Neuropsicopedagogia, pois, estudando há anos sobre essas questões e colocando-as na prática com alunos que atendo, vejo que o desenvolvimento do intelecto faz parte de um processo construtivo do ser humano. O “eu” ou o indivíduo necessita do uso da inteligência para se tornar participativo socialmente. O homem dentro do seu contexto, a meu ver, precisa de reflexões coerentes e muitas vezes assertivas para cumprir o seu papel para o seu desenvolvimento humano.

Nesse sentido, estudar clássicos que nortearam discussões sobre o intelecto e visaram à formação humana como principal quesito da re/organização social, instigou-me a entender o passado/presente, analisando que o que perpassa todo o processo histórico, como diz Marc Bloch (1886-1944) “é o homem”.

Desse modo, o período central de nossa pesquisa é o final do século XI e a primeira metade do século XII, pois, a princípio, ater-nos-emos às décadas vividas por Pedro Abelardo (1079-1142) e Hugo de São Vítor (1096 – 1141), para entendermos o

momento em que esses mestres procuraram conscientizar os seus ouvintes sobre a importância de compreenderem os reflexos das suas ações, ensinando como é fundamental o aprofundamento do conhecimento para possíveis contribuições no contexto onde se encontravam inseridos.

De tal modo, essa análise nos leva a refletir os ensinamentos de Abelardo em relação à maturação do conhecimento, por meio da metodologia que usa, da análise crítica de trocas de informações que leve o homem a entender suas ações.

O ensino utilizado por São Vítor e Abelardo nos reforça a importância do ensino dialético, que pode possivelmente conciliar as palavras e as ideias, facilitando o chegar, de fato, à lógica do raciocínio, de modo que o argumento não se torne uma falácia, de palavras desprovidas de reflexões.

Nesse mesmo contexto, destacamos outro mestre medieval, Hugo de São Vítor (1096-1141), uma vez que em seus apontamentos, tal como nos estudos de Pedro Abelardo, trata sobre os fundamentos da didática do ensinar e do aprender, a importância dos estudos reflexivos, da boa leitura e da meditação intelectual que ampara as vias do conhecimento.

É intelectível quando consideramos que possui natureza incorpórea, sendo impossível de ser reconhecida simplesmente pelos sentidos. E é inteligível quando possui relação com os sentidos, mas com eles não se confunde. Em outros termos, o intelectível não é sensível nem possui qualquer semelhança com ele [não podendo ser reduzido ou conhecido pela sensibilidade]. Já o inteligível, ainda que somente conhecido pelo intelecto, não se afasta totalmente dos sentidos. Pelo contrário, o inteligível conhece por meio do intelecto, e também o faz pela imaginação e pela própria sensibilidade. É justo por esses dois instrumentos que o inteligível torna-se capaz de conhecer as coisas que nos são submetidas pelos sentidos (SÃO VÍTOR, 2015, p. 62).

Abelardo e São Vitor nos convidam a compreender que, para se chegar a uma lógica de fato, é necessário realizar um trabalho de ampliação das vias de conhecimento, trabalhar o intelecto, estimulando-o por meio de estudos, levando-o a conclusões concretas e possivelmente verdadeiras. Analisamos que tanto a leitura quanto a escrita são cooperadoras para a maturação do intelecto constituindo-se como meio das ciências para se chegar ao conhecimento. Os ensinamentos desses autores indicam que o conhecimento se estrutura por meio de análises dos acontecimentos num dado contexto, como uma leitura do todo, reafirmando que um objeto estudado para se tornar claro, precisa ser compreendido. No século XII, por meio dos ensinamentos de Abelardo, era

notória essa prática, como podemos perceber em uma das passagens redigidas no livro “Correspondência de Abelardo e Heloisa”

Propus-me um dia a discutir o princípio fundamental de nossa fé com a ajuda de analogias racionais. Meus alunos exigiram quanto a esse ponto uma argumentação humana e filosófica e, não se contentavam com palavras, queriam demonstrações; “Os discursos, com efeito, diziam-me eles, são supérfluos se escapam à inteligência; não se pode crer sem antes ter compreendido, e é ridículo pregar aos outros aquilo que não se sabe melhor que eles; o próprio Senhor condena os “cegos que conduzem outros cegos” (ZUMTHOR, 2000, p. 54).

Pedro Abelardo como também Hugo de São Vítor nos levam a perceber a necessidade da imersão em estudos que, na ação conjunta entre pensamento e fala, expressem o conhecimento com fundamento nas reflexões do contexto histórico e social. Ambos os autores nos permitem compreender como é importante a argumentação fundamentada, que dê sentido lógico à expressão, que torne possível uma leitura crítica, a qual busca verificar reflexivamente a espécie, o gênero coloquial da palavra em relação ao objeto em questão. O objetivo desta forma de construção de conhecimento é ampliar a visão sobre o estudo realizado pelo sujeito, bem como os significados construídos a partir de todo o processo. Deste modo, a formulação dos pensamentos conduz posteriormente às expressões por meio de palavras e atos significativos para o conhecimento do homem.

Assim, é necessário abstrair a lógica da palavra, pois esta, quando solta, pode ter vários sentidos. A condução de seu objetivo necessita do conhecimento para compreensão de sua verdadeira lógica. Todavia, a compreensão do uso das palavras, o entendimento lógico destas nos mais diversos contextos é fundamental para conscientizar e possivelmente ensinar aos homens refletir sobre suas ações, como podemos verificar na obra de Abelardo “Lógica Para Principiantes”.

Ainda que o filósofo da natureza componha argumentações, não é a filosofia natural (Physia) que o instrui quanto a isso, mas apenas a lógica. Por essa razão lembra, ainda, Boécio, a respeito da lógica, que ela foi organizada e reduzida a certas regras das argumentações, para que não arrastasse ao erro aqueles que são excessivamente vacilantes devido aos falsos raciocínios, quando pareça construído com os seus argumentos o que não se acha na natureza das coisas, e quando, às vezes, se inferem coisas que são contrárias nas suas condições, como neste caso- Sócrates é corpo, ora, o corpo é branco, Sócrates é branco. Ou de outro modo: Sócrates é corpo; ora, o corpo é preto; logo, Sócrates é preto (ABELARDO, 2005, p.10).

Não adianta nada argumentar com discursos prontos ou simplesmente redigi-lo com palavras das quais não se tem conhecimento de fato, criando possibilidades para uma interpretação incorreta. O discurso pode se constituir de vários modos, haja vista que ele pode ter eficácia se o palestrante/professor instigar o intelecto, trabalhando as vias de maturação do conhecimento, isto é, tratando primeiramente da análise simples do objeto em questão para visualizá-lo em seu todo. Só assim o ensino terá significações.

Analisar separadamente os aspectos das palavras era um dos principais modos de estudo e de ensino de Pedro Abelardo. Em seus ensinamentos, ressaltava a importância da fundamentação para o êxito da argumentação. Abelardo fazia uso frequente de uma metodologia analítico-reflexiva, instigando o desenvolvimento do intelecto, por meio da observação, leitura, análise desta nos seus diferentes contextos: religioso, político ou familiar. Na sequência, trazia para a interpretação do texto debates reflexivos que possibilitavam aos ouvintes pensar, analisar e questionar sobre o assunto tratado.

Em nossos estudos, pautados em clássicos como Pedro Abelardo (1079 – 1142), Hugo de São Vítor (1096 – 1141) e Jacques Le Goff (1924 – 2014), este como um dos grandes estudiosos medievalistas, nota-se que o século XII foi um dos períodos primordiais para o despertar do homem para o campo do saber. A partir desse período, o conhecimento sem reflexão passa a perder o seu valor naquela sociedade, sendo o renascimento das cidades e do comércio um dos fatores que impulsionou essas mudanças, desencadeando o aumento do desenvolvimento urbano. Tal movimento, que culminou em mudanças econômicas e sociais, provocou o destaque de um novo modelo de homem na sociedade, o intelectual. Os intelectuais da Idade Média foram homens que se preocuparam com o conhecimento e provocaram grandes questionamentos sobre os ensinamentos dados pelos pensadores da Antiguidade e sobre questões que a Igreja impunha como verdade.

A transformação social que visa ao bem comum necessita do conhecimento reflexivo, pautado na análise do processo histórico para que o sujeito possa se perceber como parte ativa e participativa de tal contexto. O despertar da intelectualidade do homem é indispensável para a inserção deste como agente na construção ou transformação do seu próprio processo histórico social, conforme análise em Abelardo. Este autor, assim como Hugo de São Vítor, demonstra em seus ensinamentos a importância de se instigar o processo cognitivo para o despertar do homem, de modo

que o indivíduo deixe de ser passivo e passe a ser o sujeito da ação, por meio da principal ferramenta da dialética, a leitura crítica que oportuniza ao homem pensar em suas ações.

Desse modo, para melhor compreensão do contexto histórico de Pedro Abelardo e de Hugo de São Vítor, estudiosos como Jacques Le Goff (1924 – 2014) e Jacques Verger (1999), são considerados imprescindíveis para o entendimento do contexto do século XII, no qual Abelardo e São Vitor viveram e questionaram os métodos de ensino de uma época de transformação social e educacional, ousando apontar que os homens precisavam melhorar intelectualmente para se tornarem participantes críticos do seu próprio processo histórico.

Assim, o trabalho ficou estruturado em quatro sessões. Na primeira, a introdução traz apontamentos do objetivo da pesquisa; a segunda sessão aborda métodos e técnicas de ensino; a terceira faz apontamentos reflexivos do papel da palavra como instrumento de expressividade e a quarta e última sessão reflete questões do trabalhar as vias intelectuais como fonte fundamental para o processo do desenvolvimento da inteligência.

2 INTELLECTUAIS DA IDADE MÉDIA – A CULTURA INTELLECTUAL DO SÉCULO XII

Nesta sessão, faremos uma reflexão de como se dava o ensino na Europa no período do século XII, momento do despertar do conhecimento fundamentado cujo controle era mantido pela igreja. Assim, visamos refletir quais os métodos utilizados pelos intelectuais desse momento que instigavam os homens para o sentido real das afirmações visando ampliar o pensamento ativo e a racionalidade lógica por meio de um ensino significativo que ainda não se manifestava no início desse período.

Em um tempo em que os ensinamentos se davam por meio da arte, do teatro, da música, da poesia, pautados nos ensinamentos que tinham como base instrumental de ensino as sagradas escrituras, o homem assistia e aceitava as informações como únicas e verdadeiras. Dar significação, despertar o olhar desse homem para o sentido real das afirmações e fazer fluir o pensamento ativo, a racionalidade lógica deste, era

compromisso de homens que tentavam tratar do intelecto, desenvolver nos seus ouvintes a reflexão sobre a sua realidade, os seus comportamentos.

O homem, os chartrianos o veem em primeiro lugar como um ser racional. É nele que se opera essa união ativa da razão e da fé que é um dos ensinamentos fundamentais dos intelectuais do século XII. É nessa perspectiva que vejo esses intelectuais se interessarem tanto pelos animais – como contrastes em relação ao homem. A antítese bruto-homem é uma das grandes metáforas desse século (LE GOFF, 2016, p. 79).

O surgimento desse novo homem, o homem urbanizado do século XII, desencadeia um trabalho por parte dos homens do saber: trabalhar conhecimentos que afaste o olhar primitivo do simbolismo, das ideologias e dos dogmas como principais comandos da racionalidade e chegar a um conhecimento que impulsione o despertar da necessidade de conhecer para o saber prático, da experiência.

Conforme Abelardo e Le Goff, o estímulo do conhecimento, uma das principais vias do enriquecimento do intelecto, ainda estava por despertar neste período, pois até mesmo os monges não percebiam o valor cultural das palavras que eles redigiam. A inteligência deles fora moldada à sombra dos objetivos políticos da igreja, de modo a deixá-los embevecidos na crença de que cada letra redigida caprichosamente amenizaria seus possíveis dias no purgatório.

O controle social era mantido pela Igreja durante a Idade Média. A partir de então, principalmente os mestres e os estudantes das universidades passaram a ter dúvidas sobre as certezas impostas pela fé, criaram embates e debates que envolviam a veracidade da interpretação das Sagradas Escrituras, realizadas pelos homens da igreja. Esse movimento foi aumentando e gerando angústias na sociedade, pois o que era considerado como ‘certo’ perante os olhos de Deus, passou a ser questionado.

No decorrer da Idade Média, a maior parte das escolas e das universidades do Ocidente foram instituições eclesiásticas ou controladas pela Igreja. Note-se que, não somente nas faculdades de teologia, mas também nas escolas de artes e de direito canônico, a proporção de padres e religiosos era elevada e, de qualquer modo, estudantes e professores, que tivessem ou não recebido às ordens sagradas, portavam a tonsura e seu estatuto era correspondente, notadamente no plano fiscal e judiciário àquele dos clérigos (VERGER, 1999, p. 144).

Entende-se que tal conhecimento era colocado por meio da fé, que procurava restringir os ensinamentos a serem ministrados, atrelando sempre a obediência para com a santa igreja para que a fé na palavra de Deus, presente na sagrada escritura, não fosse afrontada.

Por tal motivo, os homens que rejeitavam a ciência da disputa [argumentativa] necessariamente são falhos, perseguindo [respostas pela] natureza das coisas. Ora, se antes não se sabe, por conhecimento de uma ciência argumentativa, qual raciocínio dá suporte a um caminho verdadeiro para a argumentação fluir, isto é, o conceber do verossímil, desconhecem-se por tantos argumentos nos quais possamos de fato confiar (SÃO VÍTOR, 2015, p. 50).

No século XII, para se entender o que era a fé e como ela se distinguia dos objetivos políticos ou religiosos, era preciso compreender que a fé e a razão encontravam-se interligadas no coletivo e no individual, por estarem completamente relacionadas com a essência e a existência do próprio homem. Abelardo mostrava que a essência e a existência humana podiam se relacionar, porém não deveriam se subordinar entre si, para não delimitar ou ofuscar nem o campo do saber nem o da fé. Para compreensão de ambas, faz-se necessária a análise do objeto no tempo e nas devidas circunstâncias, abrindo espaço para a consciência crítico-racional e não as subordinando ilusoriamente.

Abelardo considera necessária a investigação crítica racional para subtrair os enunciados cristãos a qualquer acusação de absurdo e, o que é mais importante, torná-las de alguma forma acessíveis a inteligência humana. Trata-se de um esforço programático no qual “não é a razão que absorve a fé, mas sim, ao contrario, a fé absorve em si a razão” Abelardo distingue o *intelligere* do *comprehendere*, afirmando que o *ratio* é indispensável para a inteligibilidade, não para a compreensão das verdades cristãs. O *intelligere* é obra conjunta da *ratio* e da *fides*, ao passo que o *comprehendere* é dom exclusivo de Deus, que concede aos homens dóceis à sua graça o dom de penetrar no cerne de seus mistérios (REALE, ANTISERI, 1990 p. 516).

Portanto, a dialética possibilita o uso da razão como via para compreender as ciências e a fé quando relacionada com a razão, favorece a reflexão do intelecto de cada ser, ou seja, quando relacionada com a razão, possibilita ao homem entender as coisas abstratas e concretas. Pedro Abelardo destaca a importância das palavras fundamentadas, por meio de uma sentença do primeiro livro do “De Trinitate”, de Santo Agostinho: “Quem disse que Deus é de tal poder que se geraria a si próprio, erra tanto mais quanto não só Deus não existe assim (De Trinitate, cap. I.)”, vindo a afirmar que:

Ora, aconteceu que eu me aplicasse de início, a discorrer sobre o próprio fundamento da nossa fé por meio de analogias propostas pela razão humana, e que eu compusesse para os meus alunos um tratado Sobre a Unidade e a Trindade de Deus. Eles me pediam argumentos humanos e filosóficos, e insistiam mais naqueles que pudessem ser entendidos do que proferidos, dizendo ser supérflua a prolação de palavras sem a compreensão das mesmas (ABELARDO, 2005, p. 112).

Assim, encontramos a explanação de um pequeno trecho, referindo-se à grandeza da Trindade a qual era o objetivo de ensino de Abelardo naquele momento, para atender ao pedido de seus alunos que solicitaram um conteúdo que discorresse a base da fé, ou seja, o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Abelardo expressou a semelhança entre a expressão da fala no sentido figurado, quando ele diz que Deus é uno, e o sentido lógico quando ele explica de forma fundamentada a unidade da Trindade, Deus Pai, Deus Filho e o Espírito Santo, apontando a Trindade como unida em relação à grandeza da santidade. Abelardo exemplifica a importância do ouvir, ler reflexivamente e conseguir absorver dentro do sentido total, o sentido lógico da questão em análise.

Todavia, tal sabedoria de explicar o conhecimento e trabalhar o intelecto de modo contextualizado esbarrou no sentimento da ambição política que pretendia simplesmente o monopólio do poder, conduzindo distorcidamente esses ensinamentos de Abelardo, colocando-o como um insulto a Deus, à própria igreja, para uma sociedade de muita fé, mas com pouco conhecimento explorar criticamente a ciência.

Abelardo faz uso de suas palavras, pautado nas sagradas escrituras, e demonstra interpretativamente tal análise entre a fé e a razão humana. O texto parafraseado, apresentando a lógica de tais dizeres, só ficaria claro se fosse estudado em seus fundamentos históricos e sociais, caso contrário poderia ser distorcido para usos indevidos e com vistas à manipulação, principalmente quando envolvia a crença/religiosidade humana, como ainda era de alta influência no século XII, conforme análise em Pedro Abelardo.

Abelardo nos leva a refletir sobre a importância de ponderar entre o saber humano e o saber religioso de modo que nos deparemos novamente com a importância de se desenvolver a compreensão dos significados do emprego das palavras como base de entendimento para discernir intelectualmente sobre o real e o abstrato, pois o desenvolvimento intelectual propicia dúvidas sobre o que é posto como verdade.

Ninguém reclamou a aliança da razão e da fé tanto quanto Abelardo. Nesse domínio ele ultrapassou – enquanto não vinha Santo Tomás, o grande iniciador da nova teologia – Santo Anselmo, que lançara, no século anterior, sua fórmula fecunda: a fé em busca da inteligência (*fides quaerens intellectum*) Abelardo satisfaz com isso, as necessidades dos meios escolares que, em matéria de teologia, reclamavam razões humanas e filosóficas e solicitavam mais matérias que pudessem ser compreendidas do que coisas a serem ditas: para que servem perguntavam, palavras desprovidas da inteligibilidade? Não se pode crer no que não se compreende, é ridículo ensinar aos outros aquilo que nem o próprio expositor nem seus ouvintes podem atingir pela inteligência (LE GOFF, 2006, p. 73).

O principal instrumento de ensino daquele período era a Bíblia Sagrada, os textos de relato histórico e santificados, de modo que o conceito da escrita e o idealismo do ser tornavam-se ainda mais frágeis diante de tais textos, devido à persuasão da fé na essência existencialista do homem.

Como observamos em nossa pesquisa, os homens acreditavam que toda palavra dita pelos comentadores, por ser colocada como uma verdade que vinha da palavra sagrada, era tomada como verdade absoluta e deveriam cumpri-la sem hesitação. Os comentadores, pautados em seus propósitos de idealismo, desencadeavam comentários advindos de seus próprios conhecimentos, pois munidos de instrumentos para a discussão teciam suas próprias reflexões, ou aquela que se fizesse necessária para atender interesses de terceiros, como os interesses políticos e econômicos da época.

A leitura crítica se faz necessária e é entendida aqui como uma das vertentes que possibilitam a constituição de liberdade intelectual, de forma a favorecer a ampliação de conhecimento. Observamos também que, quando se tem um repertório intelectual colaborativo, os sentidos da atenção, da compreensão, da percepção, entre outros, ficam mais aguçados para discernir os vários significados que uma palavra ou um enunciado possa vir a ter. Desta maneira, os autores que estamos analisando nesta pesquisa, Pedro Abelardo e Hugo de São Vítor, demonstram que a metodologia da leitura crítica é o caminho fundamental para a maturação intelectual e o despertar do olhar para uma leitura significativa que permita o entendimento do sentido da palavra falada ou escrita nos mais diferentes contextos.

Nada impede, porém, a quem propõe uma questão, tomar, ao investigar, algumas palavras de um modo, ao passo que um outro as toma de modo diferente na resolução, como se aquele que resolve a questão dissesse: “Queres saber se estão colocados só no intelecto, etc. Podes tomar as coisas dessa maneira, o que é a verdade, tal como já o

deixamos estabelecido anteriormente”. Podem as palavras ser tomadas de modo absolutamente igual em toda a parte, tanto por quem responde quanto por quem pergunta, e então faz-se uma só questão, não pela oposição de dois membros anteriores de duas questões dialéticas, como no caso destas duas: se existem ou não existem e, de novo, se estão colocadas ou não nos significados isolados, nus e puros (ABELARDO, 2005, p. 67).

Perceber a necessidade do sentido real das afirmações, tanto verbal quanto não verbal, em um tempo em que a sociedade se rendia ao simbolismo como verdade inexplorável, tornava árdua a tarefa dos homens do saber para disseminar a importância da análise, do despertar intelectual, de se derrubar o tabu de que os fatos são finitos. “Urbanos os novos intelectuais são homens de ofício. Precisam como os mercadores uma vez que são ‘vendedores de palavras’ como aqueles que são ‘vendedores de tempo’ superar o chavão tradicional da ciência que não existe” (LE GOFF, 2016, p. 9). Para saber, é necessário apartar ideologias e dogmas como principais comandos da racionalidade, impulsionar o despertar do homem intelectualmente de modo a entender que há uma organização em todo processo, na natureza das coisas, no próprio mundo, que o acaso é causado, e muitas vezes plantado intencionalmente.

Assim, era fundamental e necessário o trabalho dos homens do saber na Idade Média, os quais demonstraram em seus ensinamentos que a intelectualidade é intrínseca em cada ser e que o desenvolvimento da inteligência prepara a aptidão do homem para distinguir o ‘certo do incerto’, como já observado por Le Goff (2016). Formar o homem que tenha controle consciente de suas ações, não censurando suas crenças e nem impondo por meio desta crença interesses alheios, mas operar um ensino que universalize conhecimentos com clareza e fundamentação, tanto intelectuais quanto a liberdade de se ater aos espirituais e a quem manifestar tal desejo de conhecimento, era esse um dos objetivos dos intelectuais da Idade Média. Em outras palavras, buscavam um ensino que respeitasse e contribuísse para o desenvolvimento do cidadão em relação à ampliação do saber ativo da razão e da fé que era um dos ensinamentos fundamentais dos intelectuais do século XII.

Os homens deste período procuravam ampliar a aliança entre a essência, ou seja, as crenças particulares que cada ser traz consigo e a existência, objetivando o esclarecimento intelectual do indivíduo por completo, em uma cultura que ainda não percebia o efeito da flexibilidade das palavras, as mudanças que estas podiam proporcionar nos mais diversos contextos dependendo do emprego destas. Todavia, tais

intelectuais pretendiam fortalecer com esta união as vias de uso da inteligência, o pensamento, de forma a alargar os olhares para que se percebessem e se compreendessem como sujeitos em sua totalidade. É um período de despertar do homem para ensinamentos que os preparavam para as questões sociais, independentemente de seus valores morais e seus desejos particulares, para tanto, um dos critérios era o de efetuar leituras críticas que pudessem permitir a interpretação lógica diante de inúmeras questões que se fizessem presentes, como exemplo, os homens chartrianos no período da Idade Média, no século XII.

Entre eles e mesmo em Chartres seria preciso distinguir as personalidades e os temperamentos. Bernard foi, sobretudo, um professor atento no sentido de dar, por meio de uma sólida formação gramatical, uma cultura de base e métodos de pensamento a seus alunos. Bernard Silvestris e Guilherme de Conches foram acima de tudo, acima de tudo, cientistas – bons representantes, nesse ponto, da tendência mais original do espírito Chartriano. Com eles o século agita o espírito *literário* que seduz tantos espíritos. Como disse Abelardo a Heloisa: *Mais preocupado com o ensino do que com a eloquência, busco a clareza da exposição, não ordenamento da eloquência, o sentido literal, não o ornamento retórico.* (LE GOFF. 2016, p. 85).

Em um tempo em que a significação universal tinha grande predominância, fazia-se necessário instigar a criticidade sobre as verdades postas, habilidade da crítica, da compreensão de que as coisas não devem ser consideradas apenas pelos seus símbolos, formas ou expressões em seu estado universal, visto que, possivelmente, com a mudança de contexto podem ocorrer contradições e ou alterações de estado de um mesmo símbolo, verbal ou não, em decorrência de sua aplicação para finalidades diferentes.

Os homens do saber no século XII trabalharam para despertar o homem medieval para o passo primordial do conhecimento íntegro; para que pudessem analisar distintamente a essência da natureza das coisas em suas particularidades, para fluir a clareza do que se podia conhecer pelo conhecimento empírico, ou seja, alcançar a compreensão lógica dos fatos que se apresentam à sombra da universalidade simbólica e, desta maneira, fomentar o aprimoramento do intelecto com conhecimentos concretos e verdadeiros. “A lógica portanto é a última no tempo, mas a primeira na fila, é por meio dela que se estuda a natureza das palavras. E justamente por isso é chamada de ciência racional ou ciência do discurso.” (SÃO VÍTOR, 2015, p. 51). Por esta razão, o

denominado vendedor de palavras, o intelectual medieval, desencadeia seus ensinamentos por meio da técnica argumentativa, isto é, a racionalidade da lógica e dialeticamente a disseminação da análise crítica.

O uso da racionalidade, a ligação do abstrato ao concreto, passa a afrouxar os fundamentos que eram pautados apenas no senso comum daquele século. “Sem dúvida o século XII ainda é cheio de símbolos, mas seus intelectuais já fazem a balança se inclinar para o lado da ciência racional” (LE GOFF, 2016, p. 78). Os intelectuais podem ser vistos como artesãos do conhecimento, um conhecimento racional que desemboca em olhares investigativos nas veredas dos porquês, onde, quando; abrindo o percurso da racionalidade crítica e participativa a qual possibilita ao sujeito perceber as possibilidades de ser um agente no roteiro de sua própria história e que o temor e o isolamento do conhecimento nas suas diversas esferas apenas o limita. “Com efeito, quem investiga bem a verdade das coisas não considera apenas o que pode ser dito verdadeiramente, mas todas as coisas que podem ser postas numa opinião” (ABELARDO, 2005, p. 68).

Conforme os apontamentos dos autores Abelardo e Hugo de São Vítor, a leitura crítica vai além de texto, assim sendo, mesmo diante de fatos constatados como verdade, o bom leitor obtém o conhecimento destes para o seu enriquecimento intelectual para, possivelmente, contribuir com o meio que está inserido e não apenas aceitá-lo como tarefa cumprida ou fato encerrado.

2.1 Método e Técnica de Ensino: A Escolástica

A Escolástica foi um método ocidental de pensamento crítico e de aprendizagem com origem nas escolas monásticas cristãs, que concilia a fé cristã com um sistema de pensamento reflexivo colocando em ênfase na dialética para ampliar o conhecimento por inferência e resolver contradições. O principal representante da Escolástica foi o teólogo e filósofo São Tomas de Aquino.

Apresentaremos, nesta seção, como se dava o trabalho dos escolásticos em meio à organização dos estudos no século XII, como se fundamentou o método tendo como base a análise da linguagem e o seu processo histórico. O trabalho educacional desenvolvido por estes estudiosos tinha em vista disseminar contribuições a favor da

maturação intelectual, investindo em apontamentos referentes à importância da releitura das inúmeras situações apresentadas como verdades.

A organização dos estudos, das leituras, recebeu muitas contribuições dos escolásticos e foi no século XII que estes homens alicerçaram os degraus que favoreciam a história do pensamento como aliada da leitura de mundo, âncora enriquecedora do esclarecimento da inteligência que se pauta na leitura do ontem, na visão do hoje e na reflexão do possível amanhã.

Direcionaram seus métodos com ênfase na fé e na razão. Este método se organizava a partir de leituras de textos bíblicos para justificar a crença e combater infiéis, por meio da utilização de trabalhos argumentativos, com vistas à ciência teológica que contribuísse com o desenvolvimento intelectual.

Os escolásticos herdaram dos intelectuais do século XII o sentido agudo do progresso necessário e inelutável da história e do pensamento. Com os materiais, construíram sua obra. Aos alicerces acrescentaram andares novos, ergueram edifícios originais. São da linhagem de Bernard de Chartres, montados nas costas dos Antigos para ver mais longe. Jamais, diz Gilbert de Tournai, acharemos a verdade, se nos contentarmos com aquilo que existe... Os que escreveram antes para nós não são senhores, mas guias. Os escolásticos desenvolvem o convite implícito da Escritura que incita o crente a explicar o motivo de sua fé: *Esteja sempre pronta a satisfazer a quem o interrogar, a explicar o que são para você a fé e a esperança* (1 Pedro 3, 15) (LE GOFF, 2006 p.119).

A história é um instrumento de instrução aos homens do saber, pois esta se torna rica em favor da inteligibilidade porque disponibiliza acontecimentos reais que levam o sujeito a refletir contextualizadamente sobre os fatos que impulsionam os movimentos rumo ao conhecimento.

A história é uma arte, a história é uma literatura. Frisa: a história é uma ciência, mas uma ciência que tem como uma de suas características, o que pode significar sua fraqueza, mas também sua virtude, ser poeta, pois não pode ser reduzida a abstração (BLOCH, 2001, p. 19).

O *lectio* discorre com profundidade a análise da escrita trazendo explicações lógicas dos textos, exercício esse que, possivelmente, favorece a reflexão e o entendimento do processo histórico, caracterizado pela oportunidade de estudo e de discussão ampla sobre todo o contexto do texto referido para análise, possibilitando ao

homem encontrar explicações plausíveis que o ajude a entender e a se entender como parte da história.

Os escolásticos investiram no desenvolvimento de um trabalho que visasse a um ensino de incorporação do progresso do pensamento. Fazia-se necessária a organização de instrumentos de trabalhos reflexivos que contemplassem a compreensão dos processos de análise e síntese, ou seja, um método que possibilitasse a análise lógica do todo, como Pedro Abelardo destacava em seus estudos.

Ele também demonstrava em seus ensinamentos sobre a importância da clareza da linguagem, sendo este um dos instrumentos fundamentais para eficácia da análise crítica. Como mestre de ensino no seu tempo, um de seus maiores artifícios era tomar a palavra a favor do desvelamento das imbricações ocultas nas entrelinhas do ensino de predominância eclesiástica. Conhecedores da importância da análise das palavras, como Abelardo, os escolásticos constituíam seus trabalhos de modo a instigar embasamentos na pesquisa analítica das palavras, para entender racionalmente o sentido que esta pode vir a dar, ou ter, nas mais diversas situações, principalmente nas mudanças do emprego em diferentes contextos.

Pois toda análise requer primeiro, como instrumento, uma linguagem apropriada capaz de desenhar com precisão os contornos dos fatos, embora conservando a flexibilidade necessária para se adaptar progressivamente às descobertas, uma linguagem, sobretudo sem flutuação nem equívocos (BLOCH, 2001; p. 135).

A Escolástica criou seu método de estudos com fundamento na análise da linguagem, sendo a leitura crítica e a interpretação analítica os requisitos para alcançar explicações racionais.

Daí a necessidade de uma ciência da linguagem. As palavras são feitas para significar – nominalismo-, mas tem fundamento na realidade. Correspondem as coisas que significam. Todo esforço da lógica deve constituir e proporcionar essa adequação significante da linguagem com a realidade que ela manifesta. Para esse espírito exigente a linguagem não é o véu antológico do seu instrumento: o verbo (LE GOFF, 2006, p.71).

O trabalho educacional desenvolvido pelos escolásticos tinha em vista disseminar contribuições a favor da maturação intelectual, investindo em apontamentos referentes à importância da releitura das inúmeras situações e autores apresentados

como verdades, em um tempo em que a sociedade acreditava ser a igreja a única detentora do saber ou o único caminho para atingir o conhecimento. Os escolásticos deram grandes contribuições quanto à consideração da análise linguística, lembrando-nos que a linguagem, sem os estudos relacionados com o todo que a envolve, não pode funcionar com eficiência.

Conforme nossa reflexão na obra *Lógica Para Principiantes* de Abelardo, na qual foram analisados os ensinamentos de Abelardo e o papel dos escolásticos, para entender que o uso do intelecto deve estar pautado nos fundamentos das questões analisadas. Um ensino que oportuniza encontrar o melhor caminho para respostas concretas, nos diversos contextos, mediados pelo caminho da pesquisa, da ciência. Isto quer dizer que, na análise geral dos objetos, abrem-se novos caminhos de conhecimento mediados por estímulos de raciocínio, que conduzem ao amadurecimento intelectual, ao entendimento em relação ao objeto em estudo.

2.2 A importância da Universidade e do professor do século XII para o desenvolvimento intelectual

Este subitem analisa os intelectuais no cotidiano da universidade do século XII e a sua atuação com os alunos. Entendemos que o papel do intelectual nesse contexto foi imprescindível para o desenvolvimento intelectual dos ouvintes, pois usavam o método de reflexão/argumentativo sobre questões delimitadas como inquestionáveis. Nesse sentido, o nosso objetivo é o de entendermos como a universidade medieval do século XII contribuiu mudanças na re/organização social/intelectual da época.

Em um período em que se percebe que a ciência não pode mais ser ocultada, que o conhecimento necessita ser disseminado para a fruição dos saberes fundamentados, os intelectuais procuraram atuar em prol do desenvolvimento de trabalhos que instrumentalizassem um ensino por meio de experiências reflexivas e participativo.

Estes intelectuais medievais, utilizando-se do método dialético, tendo as palavras como instrumento primordial para a melhora da inteligência, também o livro¹ ainda em

¹ VEGER, Jacques. *Homens e Saber na Idade Média*. Bauru SP: Edusc, 1999. – p. 112 – O livro custava caro. Esse custo vinha antes de mais nada do preço do suporte. Um livro requeria uma grande quantidade de pergaminho (de acordo com o formato do livro, obtinha-se de dez a dezesseis folhas por pele) e o pergaminho era material oneroso. A difusão do papel *chiffon*, ocorria na Espanha desde o século XII, na

seu início de surgimento e de utilização, impulsionaram a movimentação do ensinar e do aprender criticamente, fomentando o estabelecimento da universidade medieval.

Homem de ofício, o intelectual tem consciência da profissão a assumir. Reconhece a ligação necessária entre a ciência e o ensino. Não pensa mais que a ciência deve ser entesourada: está persuadido de que deve ser posta em circulação. As escolas são oficinas de onde são exportadas as ideias, como as mercadorias. Sobre o canteiro urbano, o professor acompanha, com igual ímpeto produtor, o artesão e o mercador. Abelardo lembra a Heloísa que os filisteus é que guardam sua ciência para si e impedem tanto eles como os outros de aproveitá-la. (LE GOFF, 2016, p. 88)

No início do século XII, os universitários eram os clérigos, tendo em vista que o monopólio da igreja se sobrepunha em relação à educação, mantendo-se ainda uma cultura de ensino pautada com forte ênfase na fé. Os intelectuais visavam a avançar com os objetivos de seus ensinamentos, um percurso que contou com grandes mestres do saber que em seus métodos não se preocupavam apenas com o ensino acumulativo, mas sim com o ensino formativo, o qual tinha como base a formação integral do homem, a implantação do conhecimento em sua totalidade. Isto significa que a prioridade passa a ser a possibilidade de se ver, conhecer-se, respeitar-se assim como ver, entender e respeitar o outro como sujeito histórico, que traz em sua experiência de vida conhecimentos natos que necessitam ser estimulados e ampliados intelectualmente. Todavia, vale ressaltar que se tornava fundamental respeitar integralmente cada indivíduo na busca por sua autonomia, visando à mediação do saber respaldando-se em um ensino como fonte de conhecimento e formação crítica participativa, a exemplo da escolástica; Alberto Magno; São Boaventura; Santo Tomás de Aquino, como podemos verificar em Le Goff (2016).

Nesse período de transformação dos saberes, no século XII, momento da corporação das universidades, estas passaram por vários embates em busca da conquista de sua autonomia. Já é sabido que neste período ocorreram as lutas em favor da implantação de um ensino de formação intelectual integral e liberto de interesses terceirizados politicamente, tal como Paris (1229), com a batalha entre estudantes e a

França no XIII, permitiu baixar o preço. Mas somente no século XIV e, sobretudo, no XV que o uso do papel se difundiu largamente no domínio do livro manuscrito. 2 Ibid., p. 111. Seus estudos de lógica e de retórica lhes teria dado a arte do raciocínio correto e da demonstração convincente. Uma longa aprendizagem da memória lhes permitia convocar sem se referir a notas escritas, múltiplas citações de “autoridades” que fundamentavam seu saber.

polícia real; em Oxford, com a excomunhão de João Sem Terra após uma discussão com o Papa Inocêncio III, em que a Universidade de Oxford conseguiu sua primeira liberdade. Em Bolonha, onde ocorreu a luta pela emancipação, pela autonomia do ensino universitário, tem-se o embate entre a Universidade e a burguesia, assunto que não iremos nos aprofundar, apenas analisamos de modo breve as imbricações entre educação, sociedade, política e igreja, para vermos como os intelectuais se moviam a favor do progresso do ensino, do esclarecimento, da verdade e da possibilidade de um ensino eficientemente igualitário. De igual modo, não podemos deixar de mencionar a Universidade de Sorbonne, surgida da escola episcopal da Catedral de Notre Dame em Paris, a qual teve um ensino significativamente crescente de teologia e filosofia com ênfase na metodologia dialética, onde Pedro Abelardo teve boa parte de sua atuação de ensino.

Ao lado dos professores regulares do Capítulo de Notre-Dame, cônegos de Saint-Victor e de Sainte-Geneviève, mestres mais independentes, os professores *agregés* que tinham recebido do monge encarregado, em nome do bispo, a licentia docentia, o direito de ensinar, atraem alunos e estudantes em número crescente a suas casas particulares ou aos claustros de Saint-Victor ou de Sainte- Geneviève que se abrem para eles. Paris deve sua fama primeiro à explosão do ensino teológico, que está no topo das disciplinas escolares, porém logo, mais ainda, ao ramo da filosofia que, usando plenamente a contribuição aristotélica e o recurso ao raciocínio, faz triunfar os métodos racionais do espírito: a dialética (LE GOFF, 2016, p. 44)

Neste período, essas instituições de ensino têm papel fundamental no alargamento das fronteiras no mundo intelectual, pois a exemplo do teólogo Padre Chenu, tomam a Bíblia, como o principal instrumento de estudo da época, “corpus de ciência escolar”, explicitando que as coisas podem ter dois lados, mais de um significado e que as dúvidas são necessárias e precisam ser analisadas para a compreensão dos fatos. “O verdadeiro progresso veio no dia em que a dúvida tornou-se, como dizia Volney ‘examinadora’ em que as regras objetivas foram pouco a pouco elaboradas, entre a mentira e a verdade permitem uma triagem”. (BLOCH, 2001, p. 90)

Os homens do saber procuram deixar em evidência a tendência do ensino reflexivo. O esclarecimento dos fatos que estão relacionados com o objeto em questão são estudados por meio de ensinamentos que interajam com o todo, com a análise do discurso para que reflexivamente se chegue à lógica e se concretizem os saberes com assuntos plausíveis intelectualmente. A exemplo da busca do ensino dialético, os universitários

medievais foram instigados pelos intelectuais, a ter sede de conhecimento de modo a compreender esta fonte, como fonte primária da instrução do saber.

De tal forma já neste tempo constata-se que a prática pela prática apenas apresentava uma teoria enrijecida a seus aprendizes e não um ensino reflexivo, de modo a transformar tal momento em perda de tempo e vir a apagar o desejo do conhecimento, como exemplifica Pedro Abelardo em relação aos ensinamentos de um de seus mestres, o mestre Anselmo.

Então fui ter com esse velho que conquistara um grande nome mais pela longa prática do que pelo engenho ou pela memória. Se alguém vinha bater à sua porta, incerto, para consultá-lo sobre alguma questão, voltava mais incerto. Na verdade, parecia admirável aos olhos dos seus ouvintes, mas era nulo aos olhos dos que lhe faziam perguntas. Tinha uma elocução admirável, mas era vazio de conteúdo, oco de pensamento. Quando acendia o fogo, enchia a casa de fumaça, mas não iluminava. Sua árvore parecia toda vistosa na sua folhagem aos que olhavam de longe, mas revelava-se infrutífera aos que a observavam de perto e com cuidado. No entanto, quando eu me aproximei dela para lhe recolher o fruto, percebi que se tratava daquela figueira que o senhor amaldiçoou ou daquele carvalho ao qual Lucano comparou Pompeu, ao dizer: “Eleva-se, sombra de um grande nome, Como um carvalho altivo no campo fecundo, etc.” (Lucano, *Farsalia*, I, 135 – 136.) Estando, pois, disso convencido, não me deixei ficar ocioso à sombra por muito tempo; pouco a pouco, todavia, como eu comparecesse cada vez mais raramente as suas aulas (ABELARDO, 2005, p. 87).

Abelardo ressalta a importância do desenvolvimento intelectual e tem consciência da necessidade do preparo desta para atuar com desenvoltura e segurança, pautada em fontes de conhecimento fundamentado. Ele procura demonstrar os exemplos negativos do ensino, tal como a prática pela prática ou as meras plumas das falácias, ou seja, palavras soltas sem fundamentação. Ressalta que este método não convém e aponta a aplicação de uma didática em sentido oposto, isto é, usar a prática como instrumento da fundamentação da teoria. Apresenta a dialética como método que forma cidadãos atuantes em seus contextos, pois desperta os sentidos do aprendiz e o conduz a ser protagonista nos espaços de troca de conhecimentos, como notamos na atuação dos seus alunos universitários.

A maioria das universidades do século XII sabia da importância desta formação e buscava preparar seus alunos para uma atuação ativa a partir do processo de aprendizagem com a intenção de que assim seguissem em todos os momentos, vindo a fundamentar seus estudos em suas leituras, para tomar consciência dos fatos. Este

ensino preparava tais universitários a ponto de representar a própria instituição de ensino em debates, pois se tornavam intelectualmente aptos para tal realização.

A teoria da argumentação possui, como suas partes integrais, a invenção e o juízo; e, como partes divididas, a demonstração, o provável e a sofística. A demonstração se constrói com argumentos necessários e pertence aos filósofos; o provável, aos dialéticos e aos oradores; a sofística, aos sofistas e aos zombadores. Como citado, o provável divide-se em dialética e em retórica, possuindo, ambas, como suas partes integrais, a invenção e o juízo. Estes dois, aliás, constituem a integralidade do próprio gênero, a saber, a dissertativa, sendo necessário que estejam simultaneamente presentes, na composição de todas as espécies. Já a invenção é a parte responsável por nos ensinar a encontrar os argumentos [certos], bem como a construir argumentações. A ciência do juízo nos ensina a julgar tanto os argumentos quanto as argumentações construídas previamente (SÃO VÍTOR, 2015, p. 102).

Dialogar com o outro, somar informações, contestar dizeres isolados é um dos caminhos que os mestres Pedro Abelardo, Hugo de São Vítor, entre outros, e também a universidade medieval utilizavam para o desenvolvimento intelectual, a atuação inteligível do homem em sociedade. É por meio do ensino qualitativo que a universidade medieval, em seu início, busca discernir a cultura do conhecimento.

É preciso compreender a famosa frase de Bernard de Chartres que teve tamanha repercussão na Idade Média: *Somos anões carregados nos ombros de gigantes. Assim vemos mais, e vemos mais longe do que eles, não porque nossa visão seja mais aguda, ou nossa estatura mais elevada, mas porque eles nos carregam no alto e nos levantam acima de sua altura gigantesca...* (LE GOFF, 2016, p. 36).

A inteligência conduz o homem à possibilidade de romper barreiras, em direção ao desenvolvimento do bem comum, pois sabiamente compreende que o bem-estar isolado é frágil, finito, que o homem é um ser social e que o isolamento o limita ou atrofia as possibilidades de conhecimento diante do julgamento de seu próprio juízo em seu próprio egocentrismo. É preciso olhar os escritos dos sábios, ouvir os ensinamentos dos mestres, romper com a barreira que bloqueia o conhecimento por meio dos principais instrumentos de maturação intelectual, de tal forma que a imersão nos estudos possibilite a sondagem no conhecimento histórico como fonte enriquecedora da inteligência.

Qualquer informação não pode ser chamada de conhecimento, mas sim o processo tomado pela reflexão e pela crítica, sendo a maneira que os intelectuais

medievais atuavam no ensino dos universitários e assim também instigavam a atuação de seus alunos, em seus ensinamentos nas ruas movimentadas ou nas bancadas dos auditórios das universidades. Ensinavam-lhes os procedimentos da argumentação e a força de expansão desta quando apresentada com clareza e significação, vindo a repercutir por diversas localidades e classes sociais.

Tais artesãos do conhecimento, no seio da nascente universidade medieval, rica herança do século XII, sabiamente e por exemplo prático, demonstravam que, para o desenvolvimento intelectual provido de argumentos significativos e contribuintes, é necessário o árduo estudo, a organização, a disciplina para se tomar as rédeas do conhecimento, certificando-se de que o conhecimento vai além de um amontoado de dizeres, não de modo enrijecido nem limitado a ambientes, mas sim uma ciência, ciência do conhecimento que se dissemina em uma rica troca entre locutor e interlocutor.

As leituras asseguradas por bacharéis e a participação nas disciplinas habituavam os estudantes a se exprimir e posicionar-se em público, a enfrentar e se possível vencer pela argumentação, os eventuais adversários. Junte-se a isso o fato de, na maior parte das universidades, os estudantes e os jovens mestres em artes poderem tomar a palavra na deliberação das diversas assembleias e conselhos, exercer funções eletivas, representar a universidade diante de autoridades exteriores. Enfim, as provas, sempre orais, os exames relativamente simples para o bacharelado, bem mais formalizados e solenes para as licenciaturas e o doutorado, eram concebidos um pouco sob o modo de proezas individuais onde cada um deveria fazer exposição de suas qualidades não apenas quanto ao conhecimento científico, mas quanto à memória, ao temperamento e ao tema para não se falar da generosidade que vinha a se exprimir no contentamento que se seguia os exames. Pela importância dada a todas essas atividades, a universidade certamente contribuiu para a formação de homens de saber, dotando-os, não apenas de uma certa bagagem intelectual, mas de saber-fazer e de desembaraço social e politicamente úteis (VERGER, 1999, p. 100).

Prudentemente, os intelectuais visavam a ensinar aos universitários o caminho do conhecimento empírico, ou seja, da busca para a constatação do real, do plausível de entendimento, por meio do saber ouvir atentamente os ensinamentos, procurando aprofundar o conhecimento, assim como os pensadores e os professores da Idade Média que querem saber de que falam, saber a relação entre a palavra, o conceito e o ser (LE GOFF, 2016).

O ciclo da formação integral do saber, saber fazer por meio da demonstração e constatação mediada pelo método de fazer o objeto em debate um problema a ser analisado, ir além do texto, não deve se ater apenas nas palavras ou em breves reflexões como é o hábito de um raciocínio vazio, estéreo, não produtivo, e sim dialeticamente trazer um conteúdo que viabilize o pensamento eficaz. Esta era a preocupação dos intelectuais da universidade medieval.

Os intelectuais do século XII dão-nos exemplos de que a eficácia da aprendizagem, do enriquecimento intelectual, forma-se no percurso decorrente da disposição, atenção, ação e acomodação intelectual; ou seja, dispor-se a aprender *tomando ciência do que quero* para uma formação ou informação clara e contribuinte para possíveis tomadas de decisões; *quando e como quero*; a disposição de se olhar e estudar os conceitos como questão histórica e observar suas transformações de tempos em tempos compreendendo de fato os seus significados. Enfim, eles prezavam a meta de ensinar o aluno que a prudência, a ponderação e a dedicação são instrumentos de estabilização para uma boa aprendizagem.

Assim um estudante prudente ouve com felicidade todas as teorias. E as estudas, não desprezando qualquer escrito, pessoa ou doutrina [que lhes chegue aos olhos]. Sem qualquer distinção, notando algum conhecimento que lhes falte, pedem para [que] lhes sejam dados, porque não levam em consideração o quanto conhecem, mas sim o quanto ignoram! Serás mais sábio, quando quiseses aprender tudo de todos: os que recebem o conhecimento de todos são de fato os mais ricos de todos! Não qualifiques qualquer conhecimento de vil [ou inútil], porque toda ciência é boa [de algum modo]. Se te deparas com um tempo livre, não deixeis de, pelo menos ler um escrito qualquer, porque se não lucrareis com tais palavras ao menos nada irás perder. Não existe, portanto, qualquer livro sem algo especial, isto é, sem um sentido diferente, e ainda não descoberto, e que, quanto mais raro o for, com mais graça um pesquisador diligente o tomará (SÃO VÍTOR, 2015, p. 131/132).

Realmente, em relação ao que seja o ser humano, nem o próprio Sócrates nem outro homem nem a inteira coleção dos homens é racionalmente entendida por força da palavra (ABELARDO, 2005, p. 47); o desconhecido precisa ser significado e o significado precisa ser trabalhado; o trabalho da significação do desconhecido necessita da maturação intelectual a qual se porta pelos sentidos da leitura contextualizada que, por meio do conflito cognitivo, leva-o a avançar pela prática, como pudemos observar

nos debates ocorridos nas bancadas das universidades medievais, nas aulas ministradas por Pedro Abelardo e outros intelectuais medievais.

Assim sendo, as raízes da universidade medieval do século XII contribuíram com o marco de despertar o conhecimento do homem para além do simbolismo, trazendo a importância do seu papel social, a ampliação intelectual e a inserção deste sujeito como atuante e participativo no contexto que se encontra inserido. Tal instituição de ensino teve grande contribuição para ampliação do conhecimento cultural, visto que os homens de saber, dos livros, das leituras, colaboraram com a importante herança da ciência, ciência do juízo, da análise que ensina a argumentar de forma fundamentada, visando decompor o real, com vistas à ligação necessária entre ciência do conhecimento, ensino e aprendizagem.

3 LEITURA E ESCRITA – BASE FUNDAMENTAL PARA O DESENVOLVIMENTO INTELECTIVO

Quando falamos em leitura e desenvolvimento do intelecto, procuramos entender como se dá a condução e a acomodação das informações recebidas como possível conhecimento. Isto significa dizer como serão conduzidas essas informações que dependem de várias questões, como aspectos sociais, biológicos, físicos e genéticos de cada um. Desta maneira, destacamos principalmente a ação simultânea dos órgãos dos sentidos desde a tenra idade que se somará ao longo do tempo à compreensão racional plausível para a concretização do conhecer. Desse modo, consideramos necessário fazer um estudo sobre a importância da eloquência para se ter o domínio da língua falada e escrita.

Iniciamos o processo de leitura desde os primeiros momentos de nossas vidas², e de várias formas, por meio do decifrar códigos e signos escritos, presentes na leitura de

2 PIAGET, Jean. **O nascimento da inteligência na criança**. Rio de Janeiro: LTC, 1966. – p. 10 [...] é porque o bebê começa por construir, coordenando suas ações, esquemas tais como os do objeto permanente, encaixamento a duas ou três dimensões, rotação e translações, superposições etc., que consegue em seguida, organizar seu “espaço mental” e, entre a inteligência pré-verbal e os começos de instituições espacial euclidiana, insere-se toda uma série de instituição “topológicas”. LURIA, Alexandre Roimanovich. **Desenvolvimento Cognitivo**. São Paulo: Ícone, 1902. – p. 83 Vygotsky observou que, durante os primeiros estágios do desenvolvimento de uma criança, as palavras não são um fator de organização. Não tendo um princípio lógico. Em seguida vem a classificação do objeto.

símbolos e na leitura interpretativa da oralidade. Esse conjunto de ações para a realização de uma leitura necessita da sequência organizada em relação ao trabalho dos nossos sentidos que conduzirão informações conforme as condições físicas e genética que cada indivíduo apresentar. Neste processo, entram em ação os estímulos dos sentidos da visão, da audição, do tato, do olfato, da percepção e estímulos externos que se somarão para a compreensão racional plausível. Tais estímulos atuam como instrumentos facilitadores para o homem ter discernimento em suas ações e possíveis contribuições para com a sociedade.

Essas questões sempre foram relevantes, no passado e no presente, e vêm sendo objeto de estudo de tempos em tempos, com vistas ao aperfeiçoamento intelectual dos seres humanos. Os homens sempre se preocuparam com a formação do saber e tentaram analisar os meios e os métodos possíveis para o desenvolvimento com eficácia da inteligência. Isto quer dizer que sempre sentiram necessidade de pensar a formação do homem eticamente participativo, que contribua para o desenvolvimento de uma sociedade racionalmente consciente, com ações mais justas e igualitárias.

Ora, uma vez que tanto os sentidos quanto o intelecto são próprios da alma, a diferença entre eles é que os sentidos são exercidos apenas através de instrumentos corpóreos, e só percebem os corpos ou as coisas que neles estão, tal como a vista percebe uma torre ou as suas qualidades. O intelecto, entretanto, assim como não precisa de um instrumento corpóreo, também não tem necessidade de um corpo por sujeito no qual esteja situado, mas está satisfeito com a semelhança da coisa que o espírito (*animus*) elabora para si mesmo, e para a qual dirige a ação da sua inteligência. Donde se colhe que, se a torre for destruída ou removida do campo de visão, o sentido que atuava em função dela perece, enquanto o intelecto permanece com a semelhança da coisa retida pelo espírito (ABELARDO, 2005, p. 50/51).

Os meios e os métodos são fundamentais para a formação da inteligência. Conforme os estudos do nosso primeiro capítulo desta pesquisa, verificamos que os homens medievais, os homens do saber do século XII, refletiram sobre a importância do desenvolvimento intelectual e lançavam mão das palavras como principal método para, possivelmente, enriquecer seus conhecimentos e seus ensinamentos. Esses homens demonstravam por meio da prática que, para debater e ou argumentar, era preciso ter a base de conhecimento proporcionada pela leitura e a escrita, no que tange ao entendimento e à atuação referente a seu próprio espaço. Por meio da metodologia do

amadurecimento, do conhecimento ampliado, por meio do ato de ler significativamente, os indivíduos chegam à compreensão do contexto histórico.

Assim sendo, a leitura é percebida como um dos principais instrumentos de desenvolvimento intelectual que ativa o pensamento, que faz mover a inteligência por meio da análise e compreensão do todo.

Permanece, portanto, que os homens de saber eram fundamentalmente, e, sobretudo, aos olhos de seus contemporâneos, homens do livro e da escrita, e essa era inclusive, em relação a todos os outros grupos sociais uma de suas especialidades mais marcantes. Eram em última instância, os livros que os mantinham por si sós no poder; pela leitura, ou até pelo manuseio correto, eles obtinham seu saber e, por tanto, a própria justificação de seu papel social. Eram nos livros e nos arquivos que eles tinham, que eles consignavam e conservavam suas decisões e suas opiniões (VERGER, 1999, p. 112).

Pela leitura analítica, esses homens conseguiam compreender e exercer o seu papel social. Os homens do saber da Idade Média nos deixam o legado de que a leitura é um dos principais caminhos para ciência do conhecimento, uma vez que por meio da leitura o homem tem a oportunidade de compreender e atuar em seu próprio processo histórico.

Nota-se que o método da leitura dialeticamente reflexiva, utilizada por Pedro Abelardo, era o elo da aprendizagem para a compreensão dos fatos que fundamentavam o entendimento intelectual. Percebe-se também a análise interpretativa como instrumento de base para aquisição do conhecimento, sendo observada esta metodologia como mediadora do aprimoramento intelectual, desenvolvendo-se no exercício do ato da leitura. Tais ações, desenvolvidas conjuntamente, isto é, realização da leitura reflexiva juntamente com análise crítica interpretativa, tornam-se operadoras do aperfeiçoamento da aprendizagem.

O aprimoramento do conhecimento pela leitura e pela escrita é algo que precisa ser trabalhado, como principal contribuinte do saber fundamentado. Nesse sentido, a leitura realizada com a clareza necessária, a compreensão dos fatos que rodeiam o objeto de estudo, torna-se o ato condutor do processo que instiga a inteligência concreta, alicerçada no conhecimento de forma que, possivelmente, evitaria a crença em situações fictícias.

Todavia, assim como o sentido não é a coisa percebida, assim o intelecto não é a forma da coisa que ele concebe, mas o intelecto é

uma certa ação da alma que é chamada de inteligente, mas a forma para a qual é dirigida é uma certa coisa imaginária e fictícia, que o espírito elabora para si mesmo quando quer e como quer, tal como aquelas cidades imaginárias e fictícias, que o espírito elabora para si mesmo quando quer e como quer, tal como aquela forma de um edifício a ser construído que o artesão concebe à semelhança e sob o modelo da coisa a ser formada e que não podemos chamar nem de substância nem de acidente. Alguns, entretanto, chamam aquela forma de o mesmo que o intelecto, tal como o edifício da torre que eu concebo; enquanto ela não se acha à minha vista e eu a contemplo mentalmente num campo espaçoso como alta e quadrada eles denominam de intelecto da torre. Aristóteles parece concordar com eles, pois, chama no *Peri Hermeneias* aquelas “paixões” da alma, que eles denominam de intelectos, de semelhanças das coisas (ABELARDO, 2005, p. 51/52).

Sabemos que o homem traz, culturalmente, conhecimentos e crenças que, em grande parte, podem estar imbuídas de sentimentalismos que no decorrer do processo de aprendizagem, podem ofuscar o olhar interpretativo deste sujeito. A ação dos sentidos, que é ativar a função compreensiva, tem a função primordial de atuar possibilitando a transformação da sensibilidade simbólica em sentido lógico (SÃO VÍTOR, 2015, p. 30). “Os seres possuidores de sentido não captam somente forma das coisas – ultrapassam a sensibilidade – guardam imagens preservam lembranças – Os animais são isentos de maturação de memória que não detém conhecimento”.

Conforme os apontamentos de Abelardo e de São Vítor, se não houver a preparação intelectual facilmente confundirão o abstrato com o real, pois o confronto sensorial entre um símbolo e sua significação real desencadeará o conflito cognitivo no campo da leitura universal dos significados. Neste campo onde ocorrem as imbricações entre o pensamento abstrato e o pensamento concreto, só será possível resolver logicamente qualquer situação pelo processo da leitura analítica e interpretativa.

Contudo, pode investigar-se, ainda, uma outra questão, a saber, se, quando a alma percebe sensorialmente e entende a mesma coisa ao mesmo tempo, como ao ver uma pedra, o intelecto lida com a imagem da pedra ou o intelecto e o sentido atuam, ao mesmo tempo, sobre a própria pedra. Mas parece mais racional que, então, o intelecto não precise da imagem, quando a verdade da substância está presente para ele. Se alguém, porém, disser que onde está o sentido aí não está o intelecto, nós não admitimos a asserção. De fato, às vezes acontece que a alma vê uma coisa mas considera intelectualmente uma outra, como ocorre com os que estudam bem, os quais, enquanto discernem as coisas presentes com os olhos abertos pensam, contudo, em outras coisas a respeito das quais escrevem (ABELARDO, 2005, p. 52).

A importância da compreensão do estado das coisas no seu sentido singular, na sua simplicidade primária para seguir o desvendar do significado das palavras de modo contextualizado, evita a interpretação ambígua e a indução ao erro, uma vez que a análise por meio do olhar aligeirado proporciona resultados superficiais que não agregam conhecimento, apenas informações superficiais.

Conforme os apontamentos dos autores estudados, desvelar o significado na amplitude de um texto escrito ou figurado, inicialmente, remete-nos à esfera universal das diversas representações, ocasionando a transcendência entre o ver e o compreender do trabalho das habilidades interpretativas de leitura e escrita, capacitando o intelecto a discernir a composição real do abstrato.

Ainda conforme os ensinamentos dos autores, olhar, ouvir, ver, rever, questionar faz parte da aproximação da inteligência. O intelecto deve ser instigado à análise, para que em seu processo de percepção tenha a sensibilidade de considerar as coisas na sua unidade e na sua diversidade, ou seja, integralmente.

Todavia, talvez possa ser correto o intelecto que considera as coisas que estão unidas como separadas de um modo e unidas de outro e inversamente: De fato, tanto a união quanto a divisão das coisas podem ser tomadas em dois sentidos. Na verdade, dizemos que certas coisas estão unidas uma com a outra por alguma semelhança, como estes dois homens nisso que são homens e gramáticos, enquanto certas coisas estão unidas por uma certa oposição e agregação, tal como a forma e a matéria ou o vinho e a água. Neste último caso, o intelecto concebe as coisas unidas uma com a outra e, no outro, como divididas de um modo e unidas de outro. Por isso, Boécio atribui essa capacidade ao espírito de poder pela sua razão compor o que está separado e desunir o que está composto, sem se apartar, contudo, em nenhum dos dois casos, da natureza da coisa considerada, mas percebendo apenas aquilo que existe na natureza dessa coisa. Se assim não fora, não se trataria de razão mas de opinião, isto é, se a inteligência se afastasse do estado da coisa (ABELARDO, 2005, p. 62/63).

Na amplitude das variações dos significados, o intelecto deve ser preparado para não ignorar a necessidade interpretativa da leitura do abstrato. As afirmações da fala ou representações figurativas tais como: danças, teatros, desenhos etc.; e as concretas, como textos orais e escritos das mais diversas áreas, principalmente religiosos que necessitam do discernimento diante da essência e a existência humana, necessitam

serem trabalhados para contribuir para com a elaboração do significado e contribuir com a ampliação de inteligência do homem. “O intelectual deve cooperar, por sua vez, com suas aptidões próprias, para o trabalho criador que se elabora. Não tem como instrumentos mais do que seu espírito, mas também seus livros, que são suas ferramentas de operário” (LE GOFF, 2016, p. 89).

Há de se considerar que o leitor necessita ampliar o conhecimento, trabalhar o desenvolvimento intelectual, para possivelmente compreender variações abstratas e concretas. O leitor precisa ter um bom entendimento para poder compreender as transformações referentes às mudanças presentes no contexto social; as variações que se fizerem presentes, tais como os hábitos de linguagem que podem mudar conforme os costumes, contextos, dentre os mais variados grupos sociais.

Nesse sentido, a compreensão linguística é fundamental para se conhecer as características da língua. A aplicação da linguagem, tanto na oralidade como na escrita, pode sofrer variações conforme sua utilização contextual, de acordo com a localidade espacial ou referencial de cultural nos grupos sociais.

Cada sociedade e, mais ainda, cada pequeno grupo profissional tem seus hábitos de linguagem. Não basta portanto enumerar os pontos de similitude. É ainda preciso distinguir, entre eles, o raro do usual... O erro aqui é atribuir a todos os elementos do discurso um peso igual, como se os variáveis coeficientes de preferência social de que cada um deles se acha que contrariam a equivalência das chances (BLOCH, 2001, p. 118).

De acordo com Bloch, para compreender precisamos conhecer e o conhecimento é algo que precisa ser trabalhado, pois se adquire com o passar do tempo e com ações que estimulem o desenvolvimento da sabedoria, da inteligência. “É principalmente por dois instrumentos que alguém adquire o conhecimento: a leitura e a meditação. Observando ambos, notamos que é a leitura que vem em primeiro lugar” (SÃO VÍTOR, 2015, p. 19).

Quando falamos em leitura, não nos atemos apenas às letras, mas sim à leitura de mundo, do todo, principalmente do alto conhecimento; o de ler a nossa própria história e de reconhecer o nosso papel como homem ético que trabalha na busca de uma sociedade mais justa e igualitária, que tenha discernimento de olhar, analisar e conhecer a si mesmo e o seu papel enquanto sujeito histórico, um homem que descubra e trabalhe a arte da sabedoria.

Dentre todos os bens que aspiramos, é certo que a sabedoria ocupa o primeiro lugar, posto ser nela que consiste a forma do Bem perfeito. É Bem perfeito porque, ao iluminar o homem, a sabedoria faz com que ele conheça a si mesmo (SÃO VÍTOR, 2015, p.23).

Com o despertar da sabedoria, da inteligência, o caminho do conhecimento se tornou mais significativo, pois ao discernir as propriedades presentes em relação ao objeto analisado, tem-se uma leitura mais prazerosa e facilitadora para agregar o conhecimento, de sorte que se amplia o campo visualizador dos fatos, apura-se a sensibilidade para a possível compreensão dos termos e da lógica.

Deus, porém, a quem todas as coisas que criou são conhecidas claramente por si mesmas, e que as conheceu antes que existissem, distingue os estados individuais na sua própria realidade, e a sensibilidade não serve de empecilho para Ele, que é o único ser a possuir verdadeira inteligência (ABELARDO, 2005, p. 56/57).

O conhecimento, o domínio intelectual como reflexo dos diversos atos do homem na sociedade, é uma questão relevante em relação aos estudos e à aplicação destes para que o homem tenha ações inteligentes. Assim sendo, é importante considerar as raízes que estruturam o conhecimento de cada indivíduo.

Retomamos a reflexão de que cada ser traz conhecimentos culturais, os quais precisam ser respeitados, porém, em termos de aprimoramento intelectual, necessitam ser trabalhados para que este indivíduo passe do estado passivo da aceitação, para o estado ativo, tornando-se atuante no contexto em que se encontra inserido.

Conforme analisamos em São Vítor, para ocorrer a atuação crítica, é preciso trabalhar ordenadamente para que se construam vias de absorção intelectual por meio da explanação dos possíveis fatos presentes no contexto do objeto estudado.

A organização do sujeito em relação ao seu processo de aprimoramento intelectual é peça fundamental para alcançar o conhecimento. O processo de leitura como atividade relevante para ampliação da inteligência necessita, fundamentalmente, de se ater aos passos organizados: do que, quando e o que se quer ler, para possibilitar a aquisição do conhecimento significativo.

De pronto, afirmo o seguinte: são três, os preceitos mais necessários para a arte de ler: o primeiro preceito: “que saibamos previamente o que devemos ler”. O segundo: “a ordem a seguir durante a leitura, isto

é, qual o primeiro texto a ser destrinchado, qual o segundo e assim por diante”. E o terceiro preceito: “como devemos ler” (SÃO VÍTOR, 2015, p. 19).

Para se chegar à compreensão, é necessário deleitar-se na reflexão, pois a observação dará suporte para checagem e a análise clara das questões incutida na diversidade de informações presentes no tempo. A análise do processo histórico, a verificação do espaço social é uma das primeiras leituras do caminho para o conhecimento científico.

A ciência do conhecimento é pautada na observação do sujeito e os acontecimentos que o envolvem de tempos em tempos. “Na verdade, o pensamento quanto às coisas futuras é chamado de previsão, quanto às coisas passadas é chamado de memória, e quanto às coisas presentes denomina-se apropriadamente inteligência” (ABELARDO, 2005, p. 64).

Podemos analisar o tempo como termômetro do conhecimento, o percurso prudente da análise das causas que rodeiam o objeto estudado e seus possíveis efeitos para o desenvolvimento do homem e da sociedade. A sabedoria reflexiva do sujeito para autoconhecer-se, saber onde está e para onde quer ir em termos do enriquecimento intelectual, é primordial para a organização do percurso de estudos que se pretende percorrer rumo à evolução do conhecimento.

Logo o princípio da doutrina está na leitura, e sua consumação, na meditação. E quanto mais alguém aprender a amar a leitura com familiaridade, desejando-se esvaziar-se para com ela se preencher, mais construirá uma vida agradável. [E o que é uma vida agradável?] Aquela vida que, diante das tribulações cotidianas, nos dá a alternativa de consolações cotidianas, nos dá a alternativa de consolação máxima. A meditação, portanto [amparada inicialmente na leitura] afasta maximamente nossa alma do mundo estrépito, isto é, aqueles direcionados pelas coisas terrenas (SÃO VÍTOR, 2015, p. 125).

Buscar a ciência do conhecimento é uma virtude que necessita ser conscientizada, treinada, aprendida para ser aplicada eticamente todos os dias, conforme análise nos dois clássicos, nas duas obras literárias de base desta pesquisa – *Didascalicon A Arte de Ler*, do autor Hugo de São Vítor e *Lógica Para Principiantes*, de Pedro Abelardo. Temos a consciência da necessidade de se compreender que a leitura precisa ser dialeticamente investigativa, crítica e participativa e a arte de ler deve ser a instrumentalização para fundamentação e a aquisição do conhecimento.

Ambas as obras norteiam apontamentos fundamentais para trabalhar o aprimoramento intelectual, a partir do exercício de trabalhar os sentidos de modo articulado e contínuo: ouvir, que abre o campo instigador da memória; buscar reflexivamente leituras que ampare o olhar investigativo, para que no trabalho conjunto desses apontamentos se realize de fato o ciclo disciplinar de aquisição do conhecimento.

O mover da inteligência se potencializa por meio da meditação, organização e atuação dialética pautadas na realização da leitura crítica construtiva. São Vítor e Abelardo instigam à reflexão que o conhecimento lógico requer a ordem nos tratamentos dos assuntos, a compreensão dos termos para a ponderação lógica na argumentação.

Na redação de um trabalho de lógica impõe-se necessariamente certa ordem no tratamento dos assuntos, pois uma vez que as argumentações se compõe de proposições, e já que estas são formadas por termos, quem escreve uma obra completa de lógica precisa primeiramente tratar dos simples termos, depois, das proposições, e por fim coroar o seu estudo com exame de argumentação (ABELARDO, 2005, p. 11).

O ordenamento das ações da aprendizagem, as regras, a conscientização de se querer saber é uma necessidade notada de tempos em tempos como base primordial para adquirir o conhecimento, para a inserção do homem intelectualmente ativo na sociedade. Os autores analisados conduzem-nos à verificação de que, quando há um comodismo em relação à estruturação das vias do conhecimento, da busca da pesquisa, da leitura, temos um efeito contrário; já que o comodismo leva o homem à zona do falso conforto, à neutralidade e ao adormecimento do conhecimento, o que se constitui um dos grandes bloqueios do aprimoramento do intelecto a abstenção da investigação.

Podem formular-se algumas outras, e que são igualmente difíceis, a respeito delas, tal como a da causa comum da imposição de nomes universais, isto é, qual seja a causa pela qual coisas diversas concordem entre si ou, também, a questão do significado dos nomes universais pelos quais nada parece ser concebido ou que parecem não corresponder a coisa alguma e, ainda, muitas outras difíceis questões, Podemos, também, explicar de tal modo as palavras neles permanecendo, de forma a acrescentar uma quarta questão, isto é, se é necessário que os gêneros e as espécies, enquanto gêneros e espécies, tenham alguma coisa que se lhes sujeite pela denominação ou, se essas denominadas fossem destruídas, se poderia, ainda, o universal consistir apenas no significado intelectual como, por exemplo, esta palavra “rosa, quando nenhuma rosa mais existisse à qual esse termo

pudesse ser aplicado. Observe-se que, quando Porfírio diz no momento, isto é, no presente tratado, ele de certo modo insinua que o leitor aguarda que se resolvam essas questões em outro lugar. *Esse problema é muito difícil* (ABELARDO, 2005, p. 24/25).

Não há como ocorrer transformação sem ação. A ação necessita ser contínua e ordenada, porém as imbricações do desenvolvimento da aprendizagem têm como forte tabu o comodismo que diversamente leva o indivíduo a abandonar as práticas do saber, a dialética e a arte de saber ler, função esta desenvolvida com boa frequência, pelos fracos de conhecimento que lançam falácias de que as coisas vão ser resolvidas por alguém instruído para tais situações-problema e serão comunicadas em nível de conhecimento. Assim, não se pratica as ações para aquisição do saber, compreender, aprender para possivelmente ser um intelectual conscientemente envolvido com o bem comum.

Quanto a pôr em prática decisões inspiradas ou concebidas por homens de saber, isso teria sido, não sem desdém, abandonado aos práticos da fraca cultura, que praticamente não sabiam ler nem escrever: baixo clero e monges ignorantes, meirinhos brutais, prebostes sem escrúpulos, coletores de impostos gananciosos, tabeliões capazes apenas de recopiar incansavelmente os mesmos formulários, barbeiros e cirurgiões de um empirismo arriscado, etc. (VERGER, 1999, p. 195).

O problema do comodismo cognitivo por falta da prática de treinamento do saber para o aprimoramento intelectual já vinha sendo alertado desde a Idade Média, tanto por Abelardo quanto por São Vítor, visto que ambos apontam que a ausência de leituras aprofundadas, de questionamentos e de debates leva ao enrijecimento das ideias, uma vez que a leitura dialeticamente analisada é o viés da ciência do conhecimento, porque significa o pensamento e as ações do homem.

O conhecimento significativo necessita partir do processo histórico do sujeito para que este possa entender a importância de seu papel crítico e participativo do seu próprio processo histórico social. O caminho do saber eficientemente significativo é árduo, mas necessário. Para que ocorra o desenvolvimento da inteligência com eficácia, os estudos realizados por esta pesquisa apontam como primordiais os modos como se dão o processo que instiga o sujeito a obter o conhecimento. “Uma última dificuldade, não de vocabulário, mas de método, deve ser assinalada” (VEGER, 1999, p. 226).

A explanação do conhecimento é o caminho prioritário da ciência que amplia possibilidades investigativas por meio da leitura dialética, oportunizando a atuação do sujeito de modo ponderado e crítico.

Devemos antes de tudo considerar que a leitura costuma causar fastio e afligir o espírito por dois modos: pela qualidade, caso seja mais obscura; pela quantidade, mostrando-se mais prolixa. Nestes dois modos, é preciso conduzir-se com bastante moderação, para que o que busquemos como refresco à nossa saúde não se torne sufoco. Há pessoas que deseja ler todas as coisas, mas tu não deves desejar competir, e sim contentar-te (SÃO VÍTOR, 2015, p. 198).

O modo que se ensina deve ser sensato para que o sujeito desperte o interesse para aprendizagem. Para tanto, é fundamental trabalhar, estimular a formação de uma verdadeira cultura literária.

3.1 *Lectio, Quaestio*: A Dialética

Analisaremos quão importante é fazer a leitura analítica que possibilita o direcionamento para o entendimento lógico e a argumentação qualitativa, uma vez que a compreensão intelectual depende que se ordene o processo de análise e síntese, de forma que conduza a apontamentos reflexivos.

É preciso ir além dos textos, ultrapassar os caracteres formadores de palavras, para o sentido que estas trazem. Explorar as raízes para compreender o todo, estar munido de conhecimento para questionar, debater o sim ou o não, e alcançar o método da análise reflexiva que trará possibilidades intelectuais para explanação dialética de situações-problema que se fizerem presentes.

A dialética permite ultrapassar a compreensão do texto para ir aos problemas que levanta, faz com que o texto se apague diante da busca da verdade. Uma extensa problemática substitui a exegese. De acordo com procedimentos próprios, a *lectio* se desenvolve em *quaestio*. O intelectual universitário nasce a partir do momento em que põe em questão o texto, que não é mais do que uma base, e então de passivo se torna ativo. (LE GOFF, 2006, p. 120)

A “dialética” é o mais abrangente dos caminhos do conhecimento, pois busca explorar o saber em sua totalidade. A esse propósito podemos iniciar observando que a

dialética expõe, defende suas soluções contra os opositores e conscientiza o ouvinte, o leitor e ou o escritor.

Abelardo em seus ensinamentos já apontava que a chave de partida para uma boa argumentação é a análise reflexiva das ações humanas em sua totalidade, para trabalhar com conhecimento real, sendo ele afirmativo ou negativo, uma vez que, conforme o autor reforça, a dialética ajuda a discernir o que pode ser considerado verdadeiro do falso, à medida que o plano estritamente lógico-formal e com base nas regras lógicas, estabelece a veracidade ou a falsidade do discurso científico.

Tal análise propõe a reflexão de que todo ser humano, todo objeto faz parte de um todo e que este conjunto está inserido em contextos sociais interligados por situações-problema, que devem ser cautelosamente analisadas. Esta análise é um dos fundamentos básicos da dialética, remetendo-nos a Aristóteles, devido à organização rigorosa do *Organon*, ou “órgão”, “instrumento de pensar”. Para tanto, observamos que é necessário, a princípio, compreender os termos apresentados a que está relacionado, constituir indagações, levantar hipóteses que oportunizem a organização do pensamento e se chegue com clareza a possíveis conclusões.

Para que ocorra a compreensão intelectual é preciso que se ordene o processo de análise e síntese, de forma que remeta a apontamentos reflexivos tornando clara a importância da argumentação qualitativa e não apenas quantitativa. Um discurso que discorra a análise combinativa de palavras, de modo que o texto discursado contribua com informações para o ouvinte.

As palavras sem combinação umas com as outras significam por si mesmas umas das seguintes coisas: o que (a substância), o quanto (quantidade), o como (qualidade), com que se relaciona (relação), onde está (lugar), quanto (tempo), como está (estado), em circunstância (hábito), atividade (ação) e passividade (paixão)”. (ARISTÓTELES, 1985, p. 47).

As palavras desconstruídas perdem o sentido, não podem ser compreendidas de fato, como podemos exemplificar tomando isoladamente as palavras acima: substância, por si só, ganha o significado de qualquer tipo de matéria; quantidade, remete a um amontoado de alguma coisa; qualidade, pensamos em qualquer objeto, geralmente aqueles que temos mais proximidade; relação, remete a relações pessoais ou com objetos por combinações; lugar, imaginamos inúmeros lugares de inúmeras maneiras, com sol ou chuva, noite ou dia, etc.; tempo, lembramos de cronômetro, ou vidas em

transformações ou simplesmente em cumprimento de obrigações; estado, pode ser tomado como espiritual, físico; ação, quando isolada pode ser desde física a situações de cunhos solidários; paixão, pode ser compreendida desde relações amorosas ou até meros hábitos, como ter paixão por estudar, etc. Constatamos que as palavras isoladas são soltas de muitos outros significados que aqueles que expressam apenas uma quantidade de dizeres vazios, sem significação sólida.

O discurso quantitativo, não organizado analiticamente, torna-se fragmentado e desprovido de embasamento para se chegar ao discernimento entre a verdade ou seu oposto. Se não ocorre o processamento do todo, isto é, as ações relacionadas ao tempo, lugar e suas finalidades atingindo o ponto crítico da análise da situação e ou do objeto em questão, não se obtém a essência do entendimento, de forma que não ocorre a transformação da quantidade em qualidade, sendo esta uma das preocupações de Abelardo.

Antes de mais nada, Abelardo se preocupa em distinguir a dialética da mera habilidade discursiva, bem como da sofista, que são uma degeneração da dialética, porque pretendem explicar tudo com “miseros raciocínios (ratiuncolis)” e, com importuna loquacidade, discutir sobre tudo, desacreditando e tornando malquista a dialética nos ambientes monásticos e junto à autoridade da Igreja (REALE, ANTISERI, 1990 p. 514).

Ter um direcionamento, uma organização consciente do que se está buscando estudar, evita o exercício intelectual meramente especulativo que divaga por vários caminhos desencontrados, arriscando-se a se perder. Todavia, os métodos de aprimoramento do intelecto, tais como a leitura crítica, o discurso claro se concretizam no caminho da dialética.

Por outra banda, a inteligência, porque se dedica à investigação da verdade e [ao julgamento] e à consideração dos costumes, é dividida em duas espécies: a inteligência teórica – isto é, especulativa -, e a prática ou ativa, chamada de ética e atrelada à moral (SÃO VÍTOR, 2015, p. 42).

A dialética pode ser considerada um método que se faz presente, de tempos em tempos, com o intuito de construir o significado entre os termos apresentados nos mais diversos contextos sociais, nas mais variadas formas: falado, ouvido ou escrito,

oportunizando a formação do homem eticamente participativo na formação de uma sociedade mais justa e igualitária intelectualmente.

3.2 Expressividade por Meio da Escrita: o papel que a palavra exerce ao leitor por meio da escrita

O trabalho de significação da escrita em meio ao processo de ação do locutor e do interlocutor, bem como a utilização de textos mediados por mensagens do código escrito, são alguns pontos que consideramos essenciais para a compreensão sobre o papel que a palavra exerce ao leitor, por meio da escrita. Desta forma, tomamos como exemplo reflexivo referente à boa organização da escrita, a troca de mensagens entre Abelardo e Heloísa, que nos esclarecerá a importância da palavra em tornar a linguagem clara e significativa.

Segundo São Vítor, o surgimento do alfabeto se deu por volta de 1500 a. C, com Moisés. Usavam as rochas para registrar as mensagens divinas para serem interpretadas pelo povo de Moisés e por gerações futuras. Esses registros possibilitava o conhecimento histórico do desenvolvimento humano.

O registro por meio da escrita foi se ampliando por vários lugares diferentes, em línguas diferentes, porém com objetivos semelhantes, como por exemplo, redigir mensagens que relatam a história de povos e ou nações diferentes, que por meio da escrita deixavam registrados seus hábitos e costumes em relação ao desenvolvimento histórico social.

Como comumente se crê, o alfabeto hebraico teve início com Moisés, pela Lei. Já as letras dos caldeus e as dos sírios nasceram de Abraão. As dos egípcios originaram-se de Ísis; as dos gregos, dos fenícios, porque Cadmo, vindo da Fenícia, quem as trouxe. Carmenta, mãe de Evandro, verdadeiramente chamada de Nicóstrata, deu início às letras latinas. O primeiro a escrever a história divina foi Moisés. Entre os gentios, Darete da Frigia escreveu a história de Tróia que dizem ser feita por ele em folhas de palmas. Após Daretas, já na Grécia, o título de primeiro historiador foi dado a Heródoto, mas depois de algum tempo, Ferécides brilhou, seguido por Esdras, o responsável pela escrita da Lei. Acredita-se, por fim, que coube a Alcmone de Crotão o título de criador das fábulas. O Egito é a mãe das artes, porque de lá elas foram para Grécia e, depois, para a Itália. Foi no Egito, nos tempos de Osíris, marido de Ísis, que se iniciou a gramática, bem como este país é o berço primeiro da dialética (SÃO VÍTOR, 2015, p. 111).

Assim foram sendo desenvolvidos os registros manuscritos, mensagens que contribuíram para instruir o homem a refletir sobre o processo histórico e instigá-lo a ter ações mais conscientes. Moisés descreve a história divina como sendo o primeiro livro norteador da formação integral do homem; apontando para a importância da formação de um homem virtuoso que tenha o compromisso de suas atividades. A partir deste comportamento, suas ações podem contribuir na formação de outros indivíduos, como: Temperança, isto é, autocontrole, moderação, justiça; Diligência, persistência, ética, decisões e objetividade; Paciência para resolver pacifica e serenamente os possíveis conflitos e injustiças; Bondade para amar sem egoísmo, sem preconceitos; Humildade de pensar menos em si mesmo e trabalhar um espírito de autorreflexão. Mesmo com o desenho da escrita em seu início, com o ordenamento das letras sem a cultura de gramática, demonstravam que a mensagem escrita tinha a missão de informar e formar, como podemos verificar no apontamento citado anteriormente por São Vítor.

Com o tempo e com as transformações das necessidades culturais, as letras foram sendo aprimoradas para o melhor desenvolvimento das palavras, dos textos. Entretanto, em boa parte do medievo, mais especificamente no seu início, a escrita era desenvolvida por monges que prezavam pela beleza do traçado das letras, porém a grande maioria não sabia ler.

Os magníficos manuscritos da época são obras de luxo. O tempo que se gasta a escrevê-los, com um belo traço – a caligrafia é um sinal, ainda mais expressivo do que a cacografia, de uma época inculta na qual a demanda de livros é mínima – a enfeitá-los esplendidamente para o Palácio ou para algumas grandes personagens leigas ou eclesiásticas manifesta que a atividade da circulação dos livros é ínfima. Mas ainda, os livros não são feitos para serem lidos. Vão engordar os tesouros da igreja, dos ricos particulares.

Os livros são considerados baixelas preciosas. Os monges que os escrevem laboriosamente nos scriptoria dos mosteiros não se interessam a não ser secundariamente por seu conteúdo – o essencial para eles é a aplicação que põe em seu trabalho, o tempo consumido, as fadigas que padecem ao escrevê-los. É obra de penitência que lhes valerá o céu. Afinal, de acordo com esse gosto pelo valor medido segundo os méritos e os castigos, que a Igreja copiou das legislações bárbaras, os monges creditam ao número de páginas, de linhas, de letras, anos de purgatório resgatados ou inversamente, lamentam a falta de atenção que lhes aumenta, pulando tal ou qual letra, a temporada no purgatório (LE GOFF, 2016, p. 32/33).

A escrita neste período era conduzida mais quantitativamente, pois na maioria do tempo as letras eram desenhadas e não lidas. Considerando que boa parte da minoria dominadora do conhecimento passava a mensagem nas entrelinhas de seus registros, assim conseguiam permanecer dominando os leigos em favor dos interesses privados.

A maioria dos homens deste período não sabiam ler e nem escrever e os que os que sabiam eram em grande parte homens da igreja que utilizavam a leitura e a escrita sem direcionamento acadêmico, ocorrendo de maneira desarticulada em relação à significação interpretativa.

As aprendizagens elementares, em primeiro lugar aquelas da leitura e da escrita, podiam ser feitas de diversas formas. Poderiam ocorrer em casa, fundamentalmente – o que constituía caso raro – quando a mãe sabia ler e escrever, ela mesma ensinava (VEGER, 1997, p. 72). Porém os intelectuais da Idade Média tinham conhecimento que a boa escrita era o fio condutor da boa leitura. Os homens do saber, no desenvolvimento do seu trabalho, procuravam expor seus textos de forma a tentar passar a mensagem de análise que, ao se ler a letra, deve-se pensar em texto a ser interpretado.

A exposição contém três elementos: letra, sentido e sentença. A letra está presente em toda narração, pois as vozes são propriamente letras; já quando ao sentido e à sentença, não os encontramos simultaneamente em qualquer narrativa. Às vezes, a letra é perfeita, quando, pelo significado direto do que é dito, nada é preciso somar ou diminuir do que foi por ela posto, como, por exemplo, “toda sabedoria vem do Senhor Deus”. Todavia, sabemos que, em algumas situações, a letra é diminuída, isto é, o significado da letra deixa algo subentendido, como em o ancião à senhora “eleita” mas terceira espécie de narração, notamos “letra supérflua”, isto é, devido à sua interposição longa e forçada, acaba tornando-se repetida, e estes trechos, por sua vez, dispensáveis, qualificando-se como não necessários (SÃO VÍTOR, 2015, p. 228/229).

Ter conhecimento do sentido da palavra é a chave para a compreensão do texto escrito e/ou oral, pois “a lógica divide-se em gramática e em argumentação. A gramática trata especialmente das palavras, a sua composição. A razão da argumentação trata das palavras segundo conceitos” (SÃO VÍTOR, 2015, p. 100).

As palavras soltas perdem sua função, que é de informar significativamente. Para que as informações ocorram com êxito é importante que, dentro do objetivo da mensagem pretendida, realize o trabalho de estabelecer relações entre as palavras para que se tenha clareza da expressão que se pretende expor.

Para se formar ligações significativas ao escrever, é fundamental que se tenha em mente o objetivo a que se pretende; que se tenha ou busque o conhecimento do conteúdo gramatical, sendo esta uma das ferramentas para a escrita significativa, visto que é preciso entender a função do verbo, pronomes, acentos, articulação das letras que darão sentido à sílaba e, possivelmente, ajudará a articular a formação de uma palavra, frases e textos coerentes para compreensão. Isto quer dizer que é preciso partir de unidades menores da língua para se chegar à compreensão do todo, que é o texto.

Entretanto, não nos aprofundaremos nos conceitos gramaticais, apenas os analisamos nos apontamentos de São Vítor para retomarmos a importância de se conhecer o todo, de tomar conhecimento das partes envolvidas para que, possivelmente, a ligação entre essas partes forme uma mensagem clara e significativa, possibilitando ao indivíduo chegar à lógica da compreensão.

Ademais, observa que uma é a ligação de construção que interessa aos gramáticos, e outra a de *predicação* os dialéticos consideram, pois em virtude da *construção* podem ligar-se muito bem pelo termo “é” as palavras “homem” e “pedra” e quaisquer caso nominativo como “animal” e “homem” quanto a exprimir um significado, mas não quanto a mostrar o estado da coisa. Assim, a ligação de *construção* é boa todas as vezes que apresenta uma sentença completa, quer a coisa seja assim ou não (ABELARDO, 2005, p. 44).

Para construir e passar uma mensagem significativa no ato de ensinar que efetivamente contribua, é importante aprofundar os estudos na arte do saber; saber a verdade que rodeia o objeto estudado, pautar-se na virtude da ética da formação integral, pois “qualquer pessoa que desejar alcançar a ciência, se não se importar com a verdade das artes, insistindo em tal busca e inserindo-se no conteúdo da respectiva ciência encontrar-se-á em uma condição de latência [ou de inércia]” (SÃO VÍTOR, 2015, p. 116).

Conhecer completamente a metodologia de ensino é primordial para se dominar a mediação do ensino; um dos instrumentos fundamentais para se trabalhar o conhecimento concreto que, certamente, afasta o ensino fragmentado e evita ações errôneas quanto ao uso das palavras, uma vez que o tratamento desarticulado, ambíguo, tanto da lógica quanto da gramática, induz ao erro da transposição.

De fato, quando se desvenda a natureza das palavras quanto à significação, ora se trata das palavras, ora das coisas, e frequentemente os nomes destas são transferidos reciprocamente para

aquelas. Por esta razão, principalmente, o tratamento ambíguo tanto da lógica quanto da gramática induziu em erros pelas transposições dos nomes muitos que não distinguiram bem a propriedade da imposição dos nomes ou o abuso das transferências (ABELARDO, 2005, p. 73).

O sujeito da ação precisa ter domínio lógico do conhecimento, compreender a ordem e a natureza das coisas, realizar a análise reflexiva do objeto em questão e ater-se à articulação da palavra e à preparação e ordenação do texto e da leitura, para que se organize o pensamento, aperfeiçoe a memória e ampare o aprimoramento intelectual.

Na exposição de um texto a ordem obedece a níveis de inquisição. Já a exposição de um texto se dá por três patamares: a frase, o sentido e a sentença. A frase é a ordenação congruente das palavras, também chamada por nós de construção. O sentido é um significado fácil e aberto oferecido à primeira vista. A sentença é a compreensão mais profunda, só possível de ser descoberta pela exposição e pela interpretação. Há, então, uma ordem a ser seguida nos estudos: primeiro, o estudo da letra; segundo, do sentido; e terceiro, da sentença. Quando fizermos isto a exposição tornar-se-á perfeita (SÃO VÍTOR, 2015, p. 123).

Logo, quando aprendemos, devemos começar pelas coisas mais conhecidas distinguindo as divisões singulares, e ir investigando a sua natureza, para alcançarmos a destreza de compreender a mensagem apresentada, nas mais variadas situações, seja na oralidade ou escrita como no caso das cartas de Abelardo e Heloisa que tomaremos como exemplo reflexivo referente à boa organização da escrita, à troca de mensagens entre locutor e interlocutor.

3.2.1 Correspondências de Abelardo e Heloísa

Quando falamos ou pensamos em mensagens escritas, logo visualizamos um locutor e um interlocutor que trocarão mensagens por meio de narrativas, sendo mais comum em pessoas que detêm o conhecimento da leitura, escrita e interpretação, para que se alcance o objetivo de informações desejadas. Assim se deu boa parte da comunicação entre Abelardo e Heloisa.

Pedro Abelardo, nascido em 1079, na cidade de Le Pallet no Reino da França, tornou-se discípulo de Roscelino, com o qual estudou lógica. Formou-se em filosofia e teologia. Atuava como professor nos lugares por onde passava, sendo um deles a Escola

da Catedral de Notre Dame de Paris, a qual havia conquistado aos seus 34 anos. Em sua caminhada como professor, conheceu muitas pessoas, despertou alguns rivais, por terem ciúmes ou inveja de seu sucesso; muitos admiradores, por sua sabedoria de ensinar e aos seus 38 anos conheceu a jovem Heloísa, seu grande amor.

Heloísa de Argenteuil nasceu em 1090, na França. Sob os cuidados de seu tio Fulbert, teve a oportunidade de ser instruída, pois este investia e incentivava a formação intelectual de sua sobrinha, o que era um grande privilégio para a mulher daquele tempo. Entendia-se que não era importante que tivessem instrução, devido à sua participação política e social ser dispensável. Tornou-se uma jovem de grande beleza e de preciosos atributos intelectuais. Na adolescência, tornou-se aluna de Pedro Abelardo. Ambos viveram uma bonita, porém, proibida e conturbada história de amor.

Ella³, la dulce quinceañera que, seducida por su tutor, se deja llevar por los impulsos de la carne. Él, brillante dialéctico con fama in crescendo que, cegado por la pasión, no logra vislumbrar las desventuras que deberá atravesar a causa de tanta osadía. Dos amantes que han conmovido, escandalizado y conquistado a todo aquel que tuvo noticia de ellos.

Sí, podría creerse que el párrafo anterior es la contratapa de una novela romántica, pues contiene todos los elementos para que una historia se torne verdaderamente apasionante: romance, fama, dolor... Pero no lo es. Este dramático encabezado corresponde a una historia real que se desencadenó en el lejano siglo XII, en Paris, ciudad floreciente en donde todo podía pasar. Y pasó (JAKUBECKI; BORELLI, 2013; p. 13).

Sabemos que a fé e o amor são dois pilares distintos no seio do homem e que Abelardo e Heloisa, dois célebres amantes do século XII viveram uma história de amor e fé. Tiveram um relacionamento, às escondidas, que não era aceito por aquela sociedade, primeiramente pelo matrimônio não ser visto como um ato de crédito naquele período: “No século XII existia uma forte corrente antimatrimonial. O casamento é objeto de descrédito, tanto nos meios nobres, como nos meios dos colégios,

³ Ela, a doce menina de quinze anos que, seduzida pelo seu tutor, se deixa levar pelos impulsos da carne. Ele, brilhante dialético com fama em crescendo que, cego pela paixão, não consegue vislumbrar as desventuras que devem passar por causa de tal ousadia. Dois amantes que se mudaram, escandalizaram e conquistaram todos que ouviram falar deles.

Sim, pode-se acreditar que o parágrafo anterior é a contracapa de um romance romântico, porque contém todos os elementos para que uma história se torne verdadeiramente excitante: romance, fama, dor ... Mas não é. Esta manchete dramática corresponde a uma história real que foi desencadeada no distante século XII, em Paris, uma florescente cidade onde tudo poderia acontecer. E aconteceu

cria-se a teoria do amor natural” (LE GOFF, 2016; p. 64). Também tinha sua postura junto ao clérigo, a qual não ficaria bem, e ainda havia o tio de Heloisa, o senhor Fulbert que não via com bons olhos tal união.

Abelardo um dos precursores do método dialético em seu tempo não hesitou em ser um doce cavaleiro para com a sua amada Heloisa, a qual estava grávida de um filho seu, e tomou a decisão de ir até ao seu tio e dizer que iria casar-se com Heloisa. Olhando para além de tais empecilhos descritos aqui, podemos perceber na carta em que Abelardo escreve a um amigo, Abadia de Saint-Gildas, Bretanha, na qual ele conta suas calamidades, que Heloisa tenta argumentar tal ideia, referente ao casamento.

Heloisa, considerada ‘uma mulher à frente do seu tempo’, intelectualmente falando, logo analisa todas as questões que poderiam envolver o ato do casamento entre ambos e por meio de suas palavras, chama Abelardo, seu único amor, à seguinte reflexão:

“Mas deixemos de lado” dizia ainda Heloisa, o obstáculo que constitui a filosofia. Pensa na situação em que uma aliança legítima te meteria: qual a relação entre os trabalhos da escola e os cuidados de um lar, entre uma escrivãzinha e um berço, um livro e uma roca de fiar, um estilete ou uma pena e um fuso? Quem, então, meditando a Escritura ou os problemas da filosofia, suportaria os vagidos de um recém-nascido, as canções da ama que o embala, a sujeira habitual da infância? Os ricos o podem, me responderá. Sem dúvida, pois seus palácios, suas vastas casas têm apartamentos reservados; sua opulência os coloca ao abrigo das preocupações de dinheiro e das solicitações cotidianas, mas a condição dos filósofos é bem diferente, e aquele que busca a fortuna ou aplica seus cuidados às coisas desse mundo não se entrega aos estudos teológicos nem à filosofia (ZUMTHOR, 2000; p. 46).

Fazendo uso de palavras que configuram a comparação de tempos diferentes, no sentido figurado, porém que se subordinam a situações do casamento dentro de uma possível realidade instalada, após o firmamento do matrimônio, Heloisa faz apontamentos para Abelardo refletir que a aliança o afastaria do ensino filosófico, visto que a pressão intelectual entre uma escrivãzinha e um berço, um livro e uma roca, a qual ela se refere à rotina de uma casa com filho que necessita de cuidados e atenção, de uma esposa, que com seus afazeres tomaria parte do silêncio, do espaço, entre outras questões.

Surpreendentemente, ela vai além, usa a sua inteligência de maneira crítica e reflexiva, quando se refere aos ricos, que poderiam ter filhos e esposas, já que gozam de

espaços em seus palácios para se manter em silêncio quando desejarem, para pensarem em seus negócios, sendo o dinheiro a preocupação destes. Na sequência, traz a reflexão que o filósofo é bem mais que bens materiais, que seus estudos, ampliação de seus conhecimentos serão como flechas lançadas em uma sociedade que precisa desvendar os olhos para o verdadeiro conhecimento. Em sua escrita, notamos que tem por objetivo explicar que o amor deles ultrapassa uma aliança, tentando passar a mensagem de que ele é muito importante para ela, mas muito mais importante para a sociedade e para o desenvolvimento intelectual e histórico do homem.

Ainda assim, ele persistiu, casaram-se e ela foi para o convento, depois seguiu para casa da família de Abelardo onde deu a luz ao seu filho Astrolábio, o qual ficou com a família de Abelardo, e Heloisa seguiu para o convento. Abelardo, depois das perseguições e a punição, a vingança tramada pelo tio de Heloisa de castrar Pedro Abelardo, voltou a ministrar algumas aulas, morando em lugares longe de sua amada Heloisa.

Neste relato, redigido ao seu amigo, aponta as perseguições que sofreu e ainda sofria, no campo de ensinar, visto que trazia uma metodologia diferenciada, de estudos críticos, debates participativos, no campo político e religioso, de modo a instigar estudos que tirassem o pensamento das sobras manipuladoras do clérigo e iluminasse de fato o conhecimento, entre outras perseguições de modo que em meio a momentos de exaustão buscava refugio em sua fé, em Cristo. “Quando, abatido por ataques incessantes, já não via outra saída senão me refugiar assim no Cristo” (ZUMTHOR, 2000, p. 74).

Usava sua fé para reflexões em relação aos acontecimentos, para encorajar-se a prosseguir seus ensinamentos com objetivo metodológico de instigar o verdadeiro saber; a formação do homem íntegro intelectualmente, que descubra e tome posse da maior riqueza que este pode ter, o conhecimento.

Heloisa, de posse desta carta, rememora as lutas e perseguições que Abelardo sofrera por questões de ciúmes dos seus próprios mestres, referente ao seu método de ensino, que encantava a muitos. Além de tornar tal momento de ensino alegre e prazeroso ainda o fazia significativamente contextualizado, tendo o tempo como parâmetro reflexivo dos acontecimentos, como parceiro que ajuda a esclarecer possíveis verdades a caminho da ciência do conhecimento, o que para Heloisa era uma grande honra, tê-lo tido como mestre, marido, irmão, deixando tais apontamentos claros em sua carta para Abelardo.

⁴“*A su dueño, más aun, a su padre; a su esposo, más aun, a su hermano. De su sierva, o mejor, de su hija; de su esposa, o mejor, de su hermana. A Abelardo, Eloísa*” (JAKUBECKI; BORELLI, 2013; p. 103). No início de sua carta, como analisamos nesta citação, Heloísa faz uma analogia de palavras que nos remetem à reflexão da postura e da ação do homem em seu tempo, apontando que este, dentro do uso de sua inteligência, pode se portar de maneira que contribua para com os mais diferenciados estágios do desenvolvimento cognitivo e psíquico. Quando faz a afirmação na citação anterior “A seu senhor, ou antes, seu pai; a seu esposo ou antes seu irmão; sua serva ou antes sua filha; sua esposa, ou antes sua irmã” buscou retratar um mestre, em Abelardo, que toma em suas mãos um ensino que respeita o indivíduo em sua plenitude, em suas crenças, carências, pois como ela dizia nesta mesma carta, pela alegria com que ele ensinava encantava a muitos.

Possuía dois talentos, entre todos, capazes de seduzir imediatamente o coração de uma mulher: o de fazer versos e o de cantar. Sabemos que eles são bem raros entre os filósofos. Eles te permitiam repousar, como se estivesse brincando, dos exercícios filosóficos. A eles debes o ter compostos, sobre melodias e ritmos amorosos, tantas canções cuja beleza poética e musical conheceu sucesso público e espalhou universalmente teu nome. Mesmo os ignorantes incapazes de entender o texto, as retinham, retinham teu nome, graças à doçura de sua melodia. (ZUMTHOR, 2000; pg. 97).

Abelardo tinha o talento de brincar com a filosofia, a inteligência de trabalhar a ciência do conhecimento, da pesquisa, como uma ciência clara, que se não utilizada de má fé se torna possível a todos. Como sabemos, provocou a inveja de muitos que o afastaram em grande parte de seu público de alunos, porém não ofuscaram suas mensagens de ensinamento, que continuaram a ecoar nos lugares públicos e moradias (ZUMTHOR, 2000, p. 98). Por meio de suas escritas, versos e canções, conforme Heloísa redigiu em sua carta solicitando a ele que continuasse a escrever, a enviar palavras, encontram-se os argumentos de que estas, além de servir de consolo para ela por não tê-lo por perto, nas entrelinhas ajudaram a analisar e a compreender o contexto de seu tempo e aqueles que prezavam pela busca do conhecimento.

⁴ "Para seu dono, ainda mais, para seu pai; ao marido, mais ainda, ao irmão dela. De seu servo, ou melhor, de sua filha; de sua esposa, ou melhor, de sua irmã. Para Abelardo, Eloísa "

DE ABELARDO A HELOISA – Abadia de Saint-Gildas

Desde que abandonamos o século para nos refugiar em Deus, é verdade que ainda não te escrevi para consolar tua dor nem para te exportar ao bem. Entretanto, esse mutismo não se deve à negligência, mas à enorme confiança que tenho em tua sabedoria. Não pensei que tais socorro te fossem necessários: de fato, a graça divina te cumula com tanta abundância de seus dons, que tuas palavras e teus exemplos são capazes de esclarecer os espíritos em erro, de fortificar os pusilânimes, de reconfortar os tíbios, como antigamente eles o fizeram já quando, sob o alto governo de uma abadessa, dirigias um simples priorado. (ZUMTHOR, 2000; p. 101)

Em sua carta para Heloísa, Abelardo reporta a força e a sabedoria intelectual dela, frisando o discernimento intelectual que essa mulher apresentou para tomar e instruir decisões, o dom divino da percepção para refletir o quanto a ação do homem pode interferir no seu próprio tempo, a importância da ponderação para a tomada de decisões, como podemos perceber na passagem referente à tomada de decisão do casamento de ambos. Sua postura, suas sábias palavras, para ajudar os tolos (tíbios) oprimidos pelo sistema político da época. Ele aponta que ela, Heloisa, demonstrou ser uma mulher de grande conhecimento e coragem, para pensar e tomar decisões que se fizeram necessárias. Como a via com grande autonomia intelectual, desatentou-se com as suas escritas para Heloísa, não por desdenho, tranquilizou-se em relação ao seu bem-estar intelectual e religioso.

Ambos mantiveram por meio de comunicação escrita, através de cartas, que traziam troca de ideias do casal, textos narrativos e argumentativos que apresentavam a reflexão dos acontecimentos do contexto que ambos viveram. Assim, a troca de correspondências entre Pedro Abelardo e Heloísa nos oportuniza a refletir que as palavras são indissociáveis das ideias, pois refletindo a lógica dos acontecimentos, demonstram a importância de se ter intelectualmente a compreensão dos fatos para compreender as tomadas de decisões do homem e sua ação no processo de construção de sua própria história.

4 DESENVOLVIMENTO INTELECTUAL

Considerando o estudo realizado sobre o desenvolvimento do intelecto, pautado nas relações que Abelardo e São Vítor trazem sobre a importância da leitura e da escrita

para o uso do intelecto, procuraremos destacar nesta seção a análise do papel do ensino e da aprendizagem no âmbito da reflexão cognitiva.

Trataremos do uso da inteligência para a formação do homem, do seu comportamento e ações perante a sociedade, independentemente do período no qual ele está inserido. Acreditamos que o desenvolvimento do intelecto é atemporal, não há limites para o conhecimento e a prática do conhecimento adquirido.

Vale ressaltar que para o estudo sobre o desenvolvimento intelectual, neste capítulo, analisamos vários autores e alguns pontos comuns entre eles. Como exemplo Luria e Piaget que, apesar de terem perspectivas de abordagem teórica diferentes, alguma questão pode ser compreendida pelo mesmo raciocínio de entendimento, seja ela, a necessidade de desenvolver a inteligência para a formação do homem.

Nesse caso, o estudo sobre o século XII, que abrange clássicos da educação, não se distancia daquilo que entendemos como essencial para a nossa atualidade. Queremos deixar claro que o estudo do passado não nos permite fazer comparações com o presente, mas sim entender que apesar dos séculos que nos separam, compreendemos que o primordial para uma reorganização social é o homem ter o conhecimento suficiente para transformá-lo em sabedoria; transformar a teoria em prática das suas ações, haja vista que sabedoria é usar a inteligência para bem coletivo.

Para tanto, subdividiremos este capítulo em seções, nas quais, abordaremos questões atuais sobre o intelecto e que nos permitem relacioná-las com as questões já abordadas por vários pensadores do passado.

O desenvolvimento intelectual deve ser visto como um processo histórico em que o ambiente social e não social contribui para o desenvolvimento das funções mentais que desencadeiam as ações dos homens por meio de palavras e atos.

O estímulo do desenvolvimento intelectual é intrínseco para se criar vias de maturação à inteligência do homem, não sendo apenas este o trabalho para moldar ações, pois o homem não está restrito a simples reflexos estímulo-resposta. O intelecto tem capacidade para estabelecer conexões indiretas entre as estimulações que recebe e as respostas que emite por meio de vários elos de mediação.

Analisaremos como nosso pensar conduz nossas ações e conceituam a função do uso das palavras no ciclo do pensamento abstrato, concreto ao lógico que possibilitará uma instrução formal para exprimir ideias que refletem objetivamente a realidade.

A aquisição de novas experiências e de novas ideias confere um significado adicional a seu uso da linguagem de modo que as palavras se tornam o agente principal de abstração e de generalização. A esta altura, as pessoas abandonam o pensamento gráfico e codificam as ideias principalmente mediante esquemas conceptuais. Naturalmente, ao fazer a transição do pensamento concreto para o teórico, não é imediatamente que as pessoas adquirem a capacidade de formular sucintamente suas ideias. Manifestam praticamente a mesma tendência discursiva que caracterizava seus hábitos anteriores de pensamento. Com o decorrer do tempo, contudo, superam a tendência de pensar em termos visuais e podem apresentar abstração de maneira mais sofisticada. (LURIA, 2017; p 155)

Iniciando essa análise com Luria (1902- 1977), observamos que os métodos de abstração e generalização da atividade intelectual são embasados na fundamentação do pensamento, de modo a alterar a natureza da atividade cognitiva, facilitando a transição das operações práticas para as operações teóricas.

Para conceituar teoricamente as palavras, o raciocínio necessita do percurso das memórias a qual tem a função primordial de estabelecer uma rede de informações que esclareça e dê sentido à leitura em questão. Assim como vimos em Abelardo e São Vítor, o aprimoramento do intelecto é efetivado por um trabalho amplo de reflexão, reconstituição, análise, organização e treino das vias de nossa memória que lê o passado, presente e futuro buscando sentido para possíveis ações. Notamos que a memória é a chave primordial para o desenvolvimento da lógica do raciocínio, independente do tempo que o homem se encontra inserido.

Psicólogo-etnógrafo britânico W.H.R. Rivers, propunham que o intelecto das culturas primitivas era idêntico ao das sociedades tecnológicas. Rivers sugeriu que indivíduos vivendo em condições primitivas pensam de acordo com as mesmas leis lógicas empregadas por nós. A diferença básica de pensamento estaria em que eles classificariam os fatos do mundo exterior com base em categorias diferentes das utilizadas por nós (LURIA, 2015; p.64).

Nosso repertório de conhecimento depende do percurso de aprendizagem que vamos acumulando no decorrer do nosso desenvolvimento social, ou seja, o que e como são oferecidos como informações para nossa memória, sendo fundamental a diversificação de estímulos para a eficácia do armazenamento dos conteúdos aprendidos.

Os códigos da linguagem nas diversas esferas, como símbolos, letras, imagem é uma alavanca enriquecedora do conhecimento que permitem a leitura crítica, a análise

da ampla da gama de facetas que o objeto em questão pode ter ou teve ligação. “Comparar nossas memórias com as dos demais mamíferos. É que muitas das nossas memórias são codificadas em um sistema denominado linguagem” (CARTER, 2012, p. 270).

Para São Vítor, é primordial ter conhecimento do que se quer e como se fará o processo de leitura das palavras para que estas sejam organizadas e utilizadas com eficiência e sentido. Assim, é imprescindível que o mediador tenha em mente que o sujeito é possuidor e apto a possuir memórias e que este mecanismo intelectual é amplo e com uma série de funções cerebrais distintas, sendo a característica comum deste processo intelectual a capacidade de refletir e de recriar experiências pelo disparo sincrônico do raciocínio interligado com a análise reflexiva da realidade. Verger, ao referir-se aos estudos de São Vítor, afirma que:

Seus estudos de lógica e de retórica lhes teria dado a arte do raciocínio correto e da demonstração convincente. Uma longa aprendizagem da memória lhes permite convocar, sem se referir a notas escritas, múltiplas citações de “autoridades” que fundamentavam seu saber (VERGER, 1999; p. 111).

Retomar lembranças, fazer a leitura de reconhecimento de situações ou objetos envolvem o aprendizado e a reconstrução parcial ou total de situações ocorridas ou experiências vividas que serão retomadas por palavras e ações que são desprendidas com êxito ou não pelas memórias. Para nosso estudo, destacaremos cinco tipos de memórias, dentre os diferentes tipos de memória, a saber: memória episódica; semântica; do trabalho; procedimentais; e as implícitas as quais desempenham a função primordial para a conceituação do pensamento e a efetuação do aprendizado que se realiza na explanação da lembrança e semelhança das coisas vistas, ouvidas, sentidas que de alguma forma ou em algum tempo fez parte da formação humana.

Conforme leitura realizada no livro “O Cérebro”, de Rita Carter (2012), podemos entender melhor a importância dessas cinco funções para o bom desenvolvimento do intelecto. A memória episódica reconstrói experiências do passado movendo a emoção e as sensações como no caso das palavras escritas nas correspondências de Abelardo e Heloísa, em que ambos refletiam suas experiências dentro dos seus contextos, ou seja, a união e o afastamento de ambos.

A memória semântica é factual, um fato que já ocorreu pode ser utilizado como fonte de conhecimento. Tomemos como exemplo a reflexão de que, no século XII, o livro base de ensino era “A Bíblia” e era importante o homem ter discernimento para administrar a emoção (fé) e a razão para que uma não subordinasse a outra no processo da aquisição do conhecimento e em suas ações enquanto cidadão.

A memória do trabalho aciona a informação apenas o tempo suficiente para execução da tarefa premeditada, ou seja, a organização da ação, como os apontamentos de São Vítor e os três preceitos necessários para arte de ler: saibamos o que vamos ler; a ordem a ser seguida; como devemos ler.

A memória procedimental é responsável pelas ações já aprendidas como o ato de usar a palavra de diversas formas, no discurso, leitura, escrita; e as memórias implícitas referem-se aos conteúdos armazenados e pouco usados, mas que podem ser resgatados conforme o repertório de ensino e a necessidade intelectual.

Apresentamos, a seguir, uma imagem para reflexão de como ocorrem as memórias no cérebro e quais as funções utilizadas nesse ato.

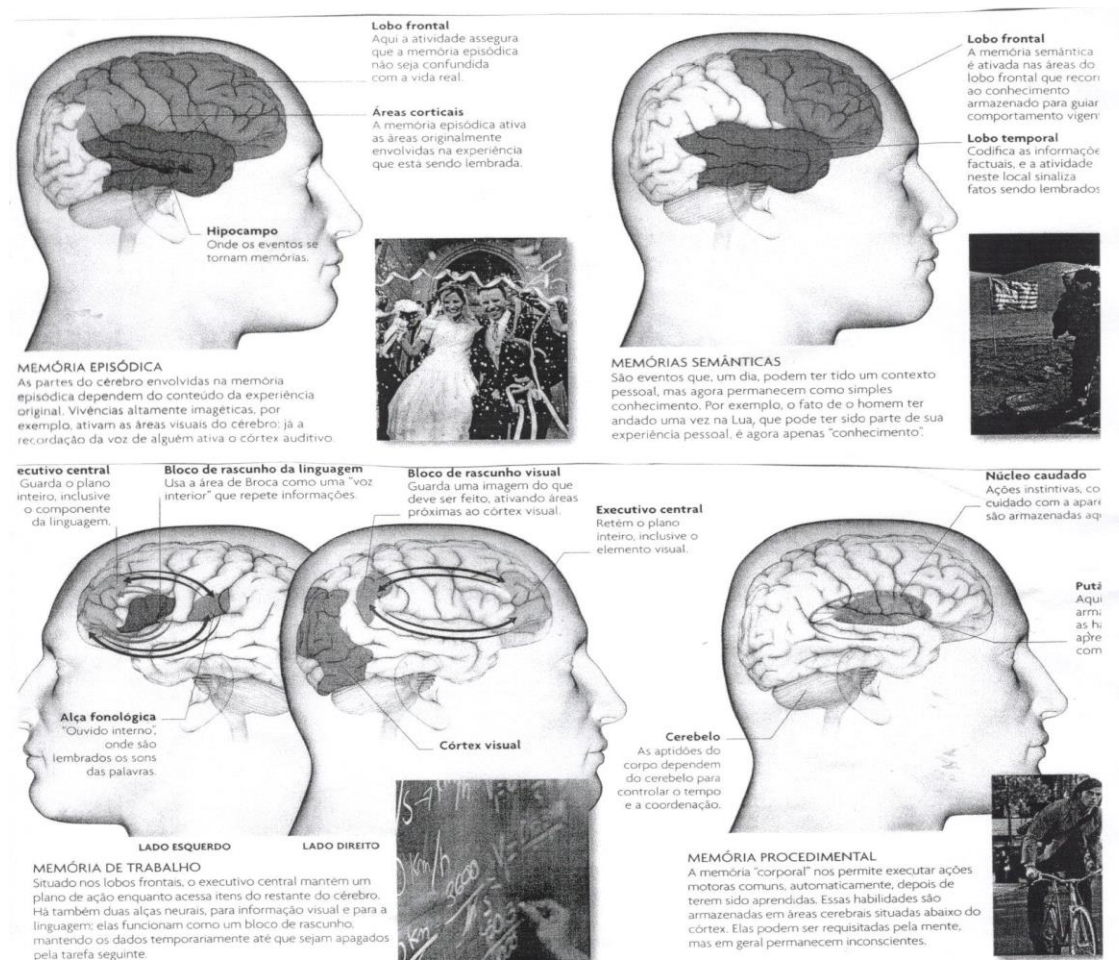


FIGURA 1 - Imagem dos tipos de memória

FONTE: CARTER, 2012; p. 155.

Podemos verificar que o pensamento é formado por vários estímulos e situações que envolvem as semelhanças das coisas e de situações vivenciadas no decorrer do desenvolvimento humano.

Ademais, o próprio Porfírio, quando diz que certas coisas são compostas de matéria e forma, enquanto outras são constituídas à semelhança da matéria e da forma, parece ter entendido essa concepção quando se refere à semelhança da matéria e da forma, pondo a respeito do qual se falará mais completamente no seu devido lugar. Boécio, igualmente, quando diz que o pensamento, forma segundo a semelhança de muitas coisas é um gênero ou uma espécie, parece ter entendido essa mesma concepção comum (ABELARDO, 2005; p.58).

Trabalhar o conceito de mediação das palavras dialeticamente, ou seja, analisadas nos diferentes episódios vivenciados pelo próprio homem de forma a instigar os processos de desenvolvimento mental e a maturação intelectual em prol da análise lógica, é uma metodologia que nos autores analisados nessa pesquisa demonstram ser eficientes para melhorar a visão analítica.

Neste sentido, abre-se o campo do pensamento para o sujeito ampliar suas vias intelectuais, por meio de seus sentidos e das vivências que ampliam o conhecimento. As experiências refletem os acontecimentos pelas vias do pensamento, correlacionando de forma lógica, conforme a metodologia de ensino de Abelardo, que buscava fazer ligações a situações ocorridas no contexto social e histórico.

Apesar dos séculos que separam São Vítor e Abelardo de Lúria, entendemos que os três autores explicam que o preparo para a formação da boa memória, a memória analítica, requer um trabalho amplo que é permeado pelos sentidos do olhar e ler com profundidade as questões postas; ouvir aguçadamente os discursos explanando-os para buscar os princípios das propostas apresentadas direta ou indiretamente; e buscar compreender as causas das coisas.

A nossa alma, aliás, conhece os primeiros princípios, bem como as coisas que deles derivam, e compreende, por sua inteligência, as causas invisíveis das coisas, obtendo, pelas impressões dos sentidos, as formas visíveis das coisas corporais. Dividida, a alma reúne o movimento em dois orbes, porque ou ela procede pelos sentidos-direcionando-se para as coisas sensíveis – ou pela inteligência – ascendendo às invisíveis. Em suma, ela gira em torno de si, mostrando-se a nós justamente a partir da semelhança com as coisas compreendidas (SÃO VÍTOR, 2015, p. 24).

Saber agir, ter ações conscientes é usar a inteligência. O intelecto precisa ser trabalhado uma vez que interagir com o ambiente engloba muitas habilidades diferentes, como destreza física, fluência verbal, raciocínio abstrato e concreto, discriminação sensorial, sensibilidade emocional, habilidades matemáticas.

Ter discernimento para refletir objetivamente a realidade, inclui a capacidade de tomadas de decisões que não podem estar presas a meras falácias criando a possibilidade de imaginação ilusória. “Diante dessas argumentações, Abelardo pergunta: Quem diante das razões expostas, pode afirmar que não se deve dizer que o intelecto humano é vazio” (BONI, 1995, p. 63). A inteligência é construída por meio da leitura de mundo e ações sociais que são fontes de abstração por vias simbólicas da linguagem falada e escrita.

A inteligência verbal ou refletida baseia-se numa Inteligência prática ou sensório-motora, a qual se apoia, por seu turno, nos hábitos e associações adquiridos para recombina-los. Por outra parte, esses mesmos hábitos e associações pressupõe a existência do sistema de reflexos, cujas conexões com a estrutura anatômica e morfológica do organismo é evidente. Existe por tanto certa continuidade entre a Inteligência e os processos puramente biológicos de morfogênese e adaptação ao meio (PIAGET, 1966; p.13).

O homem nasce apto a aprender e suas potencialidades necessitam ser trabalhadas para que seus pensamentos sejam ampliados com variedades de conhecimentos teóricos e práticos, fornecendo à inteligência estruturas úteis as quais proporcionem a exploração do seu espaço e do seu auto conhecimento visto que a noção do todo está ligada à própria atividade da inteligência, conforme apontamentos de Piaget, em relação ao nascimento da inteligência.

A vida é uma criação contínua de formas cada vez mais complexas que requer estruturação do pensamento e a organização da inteligência para possível evolução mental. Recombinar o conhecimento, isto é, associar as situações que envolvem a busca de compreensão do objeto em questão, vai exigir a ativação dos sentidos que refletirão os símbolos que permeiam a ideia em análise, visto que o inteligível está presente em nós; nossa inteligência apenas precisa ser aprimorada.

A imaginação não possui princípios certos e varia conforme a cultura de cada indivíduo. O que se apresenta no percurso da vivência aos ⁵lobos parentais, audição, e a área límbica, emoções, conforme apontamentos de Carter (2012), forma-se uma concepção primária de sensação de medo, prazer ou ódio que, a princípio, retrata o pensamento relacionado à sensibilidade impressa na mente, como podemos observar nos apontamentos de São Vítor.

Em outros termos, o intelectível, presente em nós, é a nossa inteligência; o inteligível corresponde à nossa imaginação. A inteligência de fato trata especificamente do conhecimento puro e certo, especialmente, do princípio das coisas e que se encontra em Deus, nas ideias, na matéria universal e nas substâncias incorpóreas. A imaginação é a memória dos sentidos, oriunda das imagens dos próprios corpos físicos [que impressionam a sensibilidade], ficando impressas na mente, sendo que ela por si não possui nenhum princípio certo. Já a sensação é a impressão da alma no corpo, feita pelas qualidades e pelos acidentes externos (SÃO VÍTOR, 2015, p. 67).

Com a análise que São Vitor apresenta acima, podemos relacionar os argumentos postos por Abelardo na obra “Lógica Para Principiantes”, ao afirmar que não há conhecimento sem imaginação. A imaginação aguça a criatividade abrindo as janelas do pensamento por meio da sensibilidade de se envolver de modo emotivo, oportunizando as buscas e a criação de possibilidades, ampliando, assim, o conflito cognitivo. As sinapses, ou redes neurais, ampliam as redes de pensamentos na busca da significação, que motivado passa a abrir as possibilidades de pensamento para, em meio a busca seletiva, encontrar o sentido e formular o conhecimento.

Tomaremos um breve exemplo de análise a figura a seguir, pois a imaginação faz parte de nossos estudos, mas não é o objeto central de análise, apenas iremos refletir um dos estágios do pensamento, a imaginação, como colaborador da construção do conhecimento.

Quantas patas tem o elefante⁶

FIGURA 2 – Elefante impossível.

⁵ O lobo parietal e a área límbica integram os sinais de vários sentidos (incluindo a informação visual que chega através da via dorsal) para calcular a posição do corpo e dos membros no espaço. (CARTER, 2012, p. 28).

⁶ A figura do elefante foi tirada do seguinte endereço eletrônico: <https://faconti.tumblr.com/post/18389024739> 18h 7/1/2019

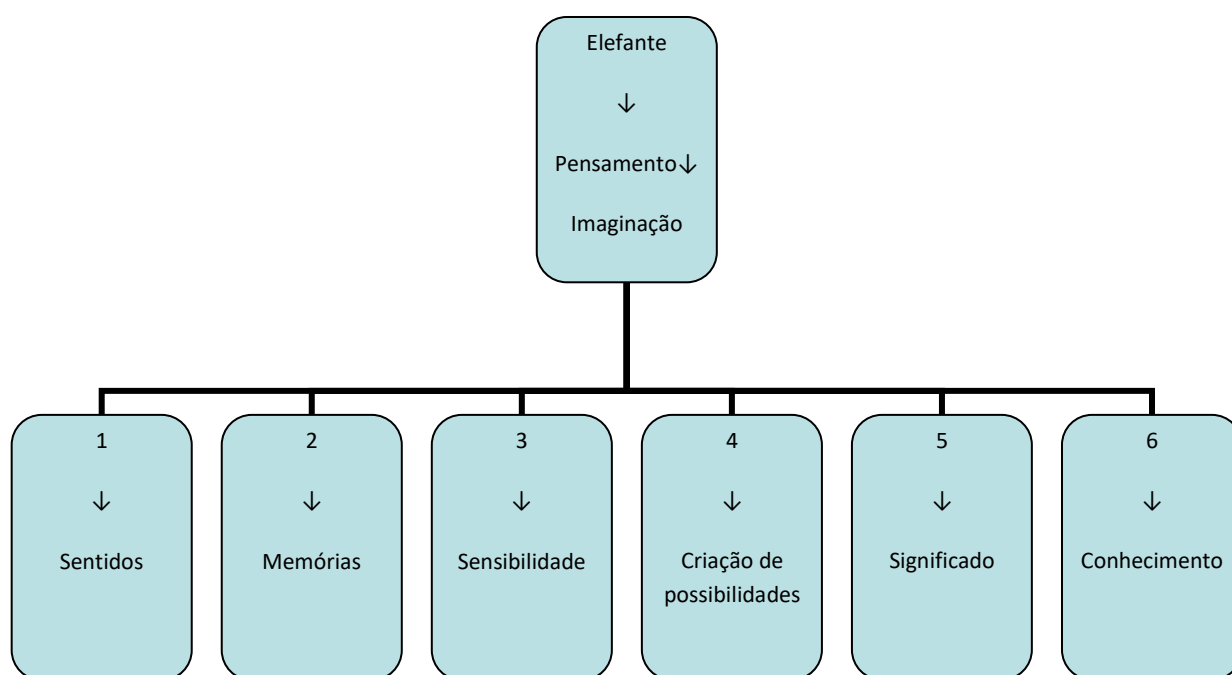
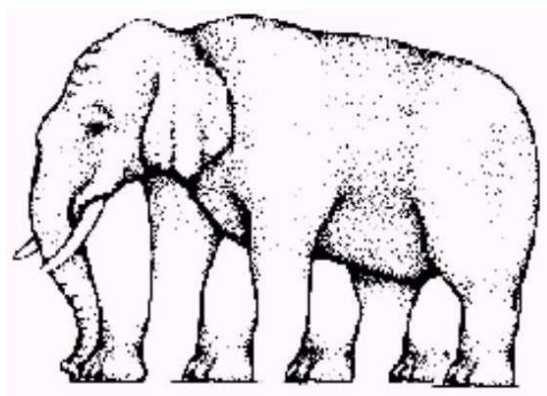


FIGURA 2 - Imaginação e significação

A imaginação como importante componente para construção do conhecimento será analisada por meio do organograma acima, de forma que para a leitura do código, imagem, as vias do conhecimento se disponibilizam para possibilidades de captação de informações ou maturação do conhecimento já presente. Assim, a seguir, refletiremos cada item apontado no organograma para melhor compreensão da metodologia de formação do pensamento na aprendizagem, segundo os autores que estão embasando essa pesquisa.

O pensamento é instigado com a pergunta antes de se apresentar a imagem “quantas patas tem o elefante”?. Logo, buscará a imagem do elefante na memória episódica, sendo, possivelmente, um mamífero ou um animal de quatro patas.

Na sequência da apresentação da figura, o sentido da visão, a princípio, fica confuso diante da perspectiva da imagem, que cria uma sensação ilusória de mudança de quantidade na leitura das pernas do animal e, com a dificuldade de visualizar apenas quatro patas, instiga o cérebro a tentar combinar as áreas sombreadas das pernas da figura do elefante com as patas aparentemente destacadas deste mesmo desenho.

As memórias abrem o processo da busca seletiva, isto é, a memória do trabalho desencadeando o processo de sensibilidade leva rapidamente distribuir informações que se trata de um animal de grande porte, quatro patas.

A memória episódica em meio à busca de possibilidades procura vivências, filmes e outros que reportam o elefante; a memória semântica percorre o caminho do significado e retoma o fato de que o elefante é um mamífero de quatro patas.

A memória procedimental retoma o sentido da visão e reconta as patas do elefante, refaz a leitura discriminatória de quantidade e repete a ação de tentar combinar as áreas sombreadas das pernas da figura do elefante com as patas aparentemente destacadas tentando chegar à lógica de quatro patas. Retoma o sentido inicial do texto em questão revendo a colocação da pergunta que é quantas patas tem o elefante e não quantas patas tem essa figura de elefante.

Assim, a memória implícita, com a colaboração das outras memórias, pela lógica das palavras que se refere ao elefante e não à figura exposta do elefante, conclui quatro. Mesmo que não retomasse a releitura da pergunta, depois do percurso de reflexão desencadeado pelas memórias - pela possível experiência presente na memória implícita e nas demais memórias - de que a figura muda conforme o olhar, mas o elefante, dito saudável, na realidade tem quatro patas, alcança assim a lógica do significado.

Diante de um pequeno texto, a imagem do elefante, podemos verificar como se dá a informação e a solicitação de informações na rede de pensamentos, como é desencadeado o processo de significação por uma forma de imaginação e como é favorável usar a leitura de questões diversificadas para ampliar as redes neurais da memória do intelecto e ampliar a inteligência.

O segundo componente fundamental para a construção do conhecimento é a imaginação. Pedro Abelardo descreve a *imaginatio* juntamente com os sentidos e a considera como uma certa recordação da sensação. Não é uma atividade racional, mas uma vaga recordação da atividade sensível. Comum aos homens e aos animais, pela imaginação, estes, como aqueles, conservam, por algum período de tempo, imagens de acontecimentos e objetos captados pelos sentidos.

Isto, todavia, não deve fazer pensar que não possa ter imaginação em sentido. Podemos de fato ter imagens de algo incorpóreo, enquanto que, pela própria definição de *sensu*, não pode haver sensação sem objeto material. Na *Lógica Ingredientibus*, Pedro Abelardo é ainda mais enfático quanto à importância da imaginação no processo cognitivo, quando afirma que não há conhecimento, portanto, sem imaginação (BONI, 1995, p. 57).

Por desencadear um conjunto de julgamentos individuais com graus variados de generalidade, cor, tamanho, gênero, números, etc., conforme a relação com a situação a se desenvolver intelectualmente, o pensamento é canalizado em busca de uma consciência objetiva para passar da dedução ao pensamento lógico.

Para se alcançar a lógica, é necessário um amplo percurso de análise, para que de fato se chegue ao conhecimento, ao pensamento seguro, conclusivo, pois o risco de a imaginação estagnar em uma mera ilusão é possível, principalmente quando não ocorre a evolução do pensamento; o intelecto fica vulnerável, fraco para aquisição da aprendizagem.

O estímulo do pensamento é o motor do conhecimento, juntamente com os sentidos, formam as vias facilitadoras da aprendizagem, pois instigam a leitura significativa para que não se esbarre no desconhecido e perca as forças de modo a não buscar ultrapassar as dificuldades que se apresentarem.

O ato de pensar, raciocinar não é fácil, requer esforço, treino e dedicação, conforme São Vítor já nos alertou; buscar os sentidos das palavras é olhar dialeticamente o todo e, conforme nos ensina Abelardo, é pesquisar, é refletir a história, de modo a oportunizar que o sujeito saia do estado passivo para o ativo, entendendo que todos nós somos capacitados a compreender e melhorar nossos conhecimentos.

Todavia, há a segunda espécie, correspondendo às pessoas que, como sentem nunca serem capazes de compreender as coisas sumas, isto é [os temas altíssimos de teologia e filosofia], acabam por negligenciar todo o conhecimento, inclusive o referente às coisas mínimas [ou seja, as coisas naturais e práticas]. Tais pessoas, quanto mais fogem de serem capazes de entender as mínimas, tornam-se ainda mais cativas, presas em uma espécie de torpor, pondo a perder, cada vez mais, a luz da verdade, presente nas coisas altíssimas. É neste sentido que nos lembra o salmista: “não quiseram conhecer, para não terem de agir corretamente”. E o que isto significa? Significa que uma coisa é o “desconhecer”, e outra, muito diferente dela, é o “não querer conhecer”. Supomos a presença de uma fraqueza [intelectual], quando notamos o “desconhecimento”; (SÃO VÍTOR, 2015, p. 19-18).

Desta maneira, percebemos que o objeto contém várias significações disponíveis, basta que sejam descobertas. “Mas, dir-se-á talvez, de acordo com aquela opinião que racionalidade e irracionalidade não são menos contrárias por serem descobertas na mesma coisa, isto é, no mesmo gênero e na mesma espécie, no mesmo indivíduo” (ABELARDO, 2005, p. 31).

A mediação por meio de incentivo, o trabalho com as palavras com variedade de metodologia instigará no sujeito operações intelectuais para que se inicie a compreensão básica por meio do sistema lógico verbal evoluindo gradativamente nas descobertas, persistindo nas dificuldades de pensamento para se alcançar o entendimento.

De acordo como Luria (2017, p. 159), “Uma parte considerável de nossas operações intelectuais envolve esses sistemas lógico-verbais; eles compreendem a rede básica de códigos através da qual as conexões do pensamento humano discursivo são canalizadas”.

O pensamento pode ser visto como o engenho da memória, visto que ele é o estímulo investigativo, analítico para descobrir as coisas. A boa memória requer ser preenchida gradativamente, ir aumentando os dados de conhecimento, pois se ocorrer um acúmulo grande de informações de forma repentina essa memória trava, não entende e não aprende. Por isso, o aprendizado tem que ser construído de modo reflexivo e contextualizado para se alicerçar as bases do conhecimento que serão retomados pela memória sempre que necessário, uma vez que o que foi aprendido não é esquecido e sim arquivado na memória.

Logo, é preciso que as coisas que aprendemos dividindo sejam apontadas, isto é, reduzidas, para serem confiadas à memória. Confiar à memória significa tomar os temas mais prolixos, disputados e escritos, reduzindo-os a um resumo breve e compendioso, chamado pelos estudiosos de epílogo, ou seja, uma breve recapitulação das coisas que foram ditas e investigadas. Considerar [os fatos] e investigar, isto significa confiar à memória. Há uma fonte e muitos riachos, por que tu ainda segues o rio tortuoso? Toma para si a fonte e terás tudo. [E o que isto significa?] Digo que a memória do homem é fraca e deleita-se com pensamentos breves, de modo que, se ela for dividida em muitas partes, contendo muitos elementos, acaba por se tornar menor (menos relevante) para as coisas, quando estudamos individualmente. Portanto, devemos, para toda doutrina estudada, estabelecer um resumo breve e certo, feito com os arquivos da memória (SÃO VÍTOR, 2015, p. 129).

É importante saber quem somos, onde estamos e o que queremos. O intelecto sempre buscará supor uma relação estreita entre experiências e dedução, e a fecundidade do raciocínio dar-se-á pouco a pouco nas descobertas mediadas pelos sentidos, que captam e organizam os pensamentos conforme o planejamento e objetivo de análise.

O pensamento científico não é para ser adorado, mas construído e compreendido, desta maneira, é de suma importância o homem entender que o conhecimento é um percurso a percorrer rumo à construção do saber e que é necessária a organização intelectual para que não negligencie a disciplina de aprender.

Dir-se-á, então, que a organização assimiladora não apresenta, por si mesma, nenhuma fecundidade e limita-se a um trabalho de identificação, resultando sempre a novidade da realidade exterior assimilada? Mas precisamente, a interação do sujeito e do objeto é de tal, dada a interdependência da assimilação e da acomodação, que se torna impossível conceber um dos termos sem o outro. Por outras palavras, a inteligência é construção de relação; a elaboração dos esquemas implica tanto uma lógica de relação quanto uma lógica de classes. Por consequência, a organização intelectual é intrinsecamente fecunda, visto que as relações engendram mutuamente, e essa fecundidade ganha corpo com a riqueza do real, dado que as relações não se concebem independentemente dos termos que as vinculam, nem o inverso (PIAGET, 1966, p. 388-389).

Intelecção boa é aquela que tem correspondência com a realidade, que permite ao sujeito ser atuante no processo da construção do seu conhecimento, que não iluda e nem limite o sujeito ao problema central da inteligência, a invenção, ou seja, a mentira, mas se cumpra o objetivo central da formação do intelecto, no desenvolvimento do cérebro, que é a organização, disciplina, dedicação, leitura, meditação e aprendizagem.

Nosso pensamento conduz nossas ações e as conceitua no uso das palavras, no ciclo do pensamento, desde o abstrato, concreto ao lógico de modo a possibilitar uma instrução formal que passa a permitir a elaboração de ideias que refletem objetivamente a realidade.

4.1 Vias Intelectuais: O Processo do Desenvolvimento da Inteligência na Leitura, Escrita e na Linguagem

Quando falamos de vias intelectuais, vale lembrar que é o ato de processar informações com o intuito de perceber, integrar, compreender e responder de maneira adequada aos estímulos do ambiente, proporcionando ao indivíduo a capacidade de pensar e avaliar como cumprir significativamente uma tarefa ou uma atividade social.

Trataremos neste subitem da explanação de cada área que envolve a formação e o desencadeamento das ações proporcionadas pelas vias intelectuais. Analisaremos os diversos estímulos impulsionados pelo uso de palavras que despertam a imaginação e desencadeiam o processo cognitivo até chegar ao pensamento lógico concreto.

Esses apontamentos conduzem primeiramente à reflexão da “significação” e ao estudo dos sinais ou indícios característicos desta fase da aprendizagem no sentido da formação intelectual da palavra, procurando demonstrar como ela é processada no sistema de signos e símbolos.

Assimilar um quadro sensorial ou um objeto quer por assimilação simples, quer por reconhecimento ou extensão generalizadora, é inseri-lo num sistema de esquemas ou, por outras palavras, atribuir-lhe uma “significação”. Que esses esquemas sejam globais e vagos, ou, como no reconhecimento de um dado individual, circunscritos e precisos, a consciência só reconhece um estado qualquer por referência a uma totalidade mais ou menos organizada. Logo é preciso distinguir, em todo e qualquer dado mental, dois aspectos indissociavelmente unidos, cuja relação constitui precisamente, a significação: o significante e o significado. No que diz respeito às significações de ordem superior, que são ao mesmo tempo significação coletiva, a distinção é clara: o significante é o signo verbal, isto é, certo som articulado a que se convencionou atribuir o sentido definitivo; e o significado é o conceito em que consiste o sentido do signo verbal (PIAGET, 1966, p. 183-184).

A elaboração intelectual é extremamente complexa, visto que assimilar um objeto, a palavra dentro de um contexto para que esta ganhe significação, é abstrair os detalhes desde sonorização, cor, localidade espacial e histórica para que esse processo de significação evolua, conforme o grau de conhecimento por meio da ligação dos pré-requisitos que serão articulados pelo pensamento, reconstituído pelas memórias, para chegar ao significado.

A significação se estabelece a partir da efetuação da análise crítica do todo, ou seja, o que é, de onde veio, porque está aqui, para que serve, aonde quer chegar; de forma a conceituar os detalhes do objeto em questão, sendo, desse modo, elaborado o processo da leitura crítica que afasta as aberturas para acomodação apenas de ilusões.

Porfírio indica com precisão quais sejam essas profundas questões, ainda que não as resolva e aponta as causas dessas duas atitudes, isto é, de deixar de investigá-las e, no entanto, de mencioná-las. Se ele não as examina, é porque o leitor bisonho ainda não é capaz de investigá-las e de lhes perceber o alcance. Mas ele toca nelas de passagem para que o leitor não se torne negligente (ABELARDO, 2005, p. 23).

A vivência é o viés que pode esclarecer o sentido real das coisas, visto que a aprendizagem depende tanto de fatores genéticos assim como ambientais, e ambos em coexistência influenciarão o como e com que eficácia este cérebro perceberá, integrará e elaborará informações. Assim, todo esse processo deve ocorrer de forma significativa para que novas memórias e novas aprendizagens aconteçam.

É importante entender que o conhecimento abrange várias formas e que estas precisam ser refletidas: “Abelardo tem em particular preocupação de fazer entender ao leitor que na realização do conhecimento concorrem vários elementos de ordem psicológico, epistemológico e linguístico. Separá-los é impossível. (DE BONI, 1993, p. 55)”.

Ter consciência da própria identidade, compreender o espaço onde está inserido, tomar ciência da formação sócio histórica é dar oportunidade para as atividades mentais se expandirem, ampliar suas potencialidades por meio da reflexão das experiências pessoais. As experiências gerais expressas por meio da linguagem possibilitam ocorrer mudanças e autoconsciência da própria personalidade.

A relação com o raciocínio lógico que ultrapassa os limites da experiência imediata passa por uma reestruturação radical; vemos a criação dos rudimentos do pensamento discursivo, cujas inferências tomam-se tão evidentes quanto aquelas derivadas da experiência pessoal direta. Todas essas transformações produzem mudanças na estrutura básica dos processos cognitivos, uma expansão enorme da experiência e a construção de um mundo muito maior no qual os seres humanos passam a viver. Além da esfera da experiência pessoal, vemos aparecer a esfera abstrata de experiência humana em geral, tal como se encontra estabelecida na linguagem e nas operações do pensamento discursivo. O pensamento humano começa a apoiar-se no raciocínio lógico amplo; a esfera da imaginação criadora toma forma, o que por sua vez expande enormemente o mundo subjetivo do homem (LURIA, 2017, p. 250).

A análise categórica das próprias motivações deve se dar de maneira progressiva e não pela mera introdução de um grande montante de conteúdos, mas sim com trabalho gradual e contextualizado no mundo mental do ser humano. Desta forma, ajuda a criar

novas estruturas, melhorando semanticamente o entendimento, com o uso da ferramenta de ampliação da rota das palavras.

Ampliar o repertório de palavras é ampliar o contexto de informações, estimulando o exercício dos sentidos e da rede de memórias que colocarão o sujeito em ação para entender os conceitos dos signos verbais e assim passar do significante para o significado: “a lei semântica de sua consciência agente, uma vez que tudo o que é esteticamente significativo engloba não o vazio mas a orientação semântica da vida em andamento, que é persistente e autolegitimada” (BAKHTIN, 2011, p. 183).

A proposição pode ser verdadeira ou falsa, só se dará conta do real sentido uma vez que a semântica partilhar o caráter sintático da letra e passar ao significativo das palavras. Para a compreensão desta, há que se ter o entendimento da colocação das palavras, visto que a aplicação dos seus sinais gráficos e gramaticais podem atribuir sentidos diferentes dentro de um mesmo texto, sendo este um dos fortes empecilhos para a boa fluência do uso das palavras, tanto na escrita quanto na leitura. Por isso, a fundamental importância de se compreender as várias formas de significar a palavra, como nos aponta De Boni em “A Lógica e a linguagem na Idade Média”.

Significar (*significare*) diz-se de muitos modos: 1º) por *imposição* (a palavra *homem* é imposta a *animal racional mortal*); 2º) por *determinação* (*racional e homem* determinam uma certa qualidade das substâncias que nomeiam); 3º) por *geração* uma palavra pronunciada engendra uma *intelecção*; 4º) por *exclusão* (aquilo designado pelo nome definido é, *de algum modo*, significado pelo nome indefinido correspondente: não-homem); 5º) por *designação* (segundo a aderência dos acidentes ao sujeito: Sócrates designa também os acidentes) e 6º) uma variante de designação: *a consequência lógica* (se o pai é pai do filho, o filho é filho do pai) (D: 111-2). Esta extensa lista parte de uma distinção anterior, separando *voces e signa*, isto é, aquilo que significa por semelhança: o som das palavras, o traço da escrita (DE BONI, 1995, p. 70).

A atenção é a base significativa à compreensão, tornando possível o próprio conhecimento. Para tanto, comparar formas e conceitos requer verificação detalhada para poder significar as palavras no processo de decodificação desta no todo. Como vimos na análise de De Boni, na citação anterior, que buscou refletir desde a forma que a palavra está sendo colocada, como são as estratégias de comunicação que consistem em utilizar recursos emocionais ou simbólicos que poderão induzir alguém a aceitar uma ideia, uma atitude, ou realizar uma ação; determinação para esclarecer a exata definição do significado do objeto em questão; foco ao planejar, ter um objetivo para

empregar as palavras de forma contribuinte para melhorar a inteligência e não apenas como acúmulo de informação e ou decodificação do código; designação diante dos passos que se pretende seguir para ensinar ou para aprender; olhar a trajetória que pretende percorrer para embasamento dos estudos do significado da palavra para que, em meio a pesquisa, tome conhecimento da lógica.

Abstrair o significado é extrair dentro da semelhança sons das palavras e os traços da escrita, fazendo-se necessária a apresentação e explanação do objeto de várias formas. Com o aumento gradual da demonstração do objeto em estudo, de modo a ir comparando e assimilando formas e conceitos, constituirá o ajustamento da estrutura do pensamento nas memórias, passando a ler não somente a descrição física do objeto ou da palavra e sim formar e reformular conceitos no espaço das comparações, lendo, reconhecendo a palavra e interpretando seus significados.

Uma pessoa pode detectar diferenças entre objetos muito antes de ser capaz de estabelecer uma base de semelhança entre eles. A razão para isso é perfeitamente óbvia. Para discernir como dois objetos contrastantes diferem, é necessário apenas descrever seus atributos físicos; assim, todo o procedimento depende de impressões imediatas ou da memória visual. Por outro lado é muito mais difícil estabelecer uma semelhança entre objetos (particularmente quando ela não é perceptível a partir de impressões imediatas). Na medida em que isso implica uma capacidade de isolar e comparar atributos, tal procedimento inevitavelmente inclui certos componentes verbais e lógicos (LURIA, 2017, p. 127).

Detectar a semelhança envolvendo as distinções lógico-linguísticas da letra e sua articulação, conforme colocação textual, é primordial para o uso sintático que na linguagem escrita é determinante para a significação da palavra. Um dos aspectos importantes é o uso da pontuação, que tem influência direta com a oralidade, não sendo aqui nossa prioridade de análise, porém mencionado por ter grande importância na formação do sentido da palavra e por ser um determinante importante na semântica em relação ao uso da palavra para o aprimoramento do intelecto.

Criamos uma representação como exemplo dessa última análise, sobre a semelhança lógica linguística e o seu significado na variação ou introdução de signos, ou seja, conforme a estruturação do texto, variação de palavras como forma reflexiva dos apontamentos do trabalho com as palavras, a ordem e o grau de dificuldade de processamento, significante – signo verbal; o significado que é o conceito, o sentido do signo verbal no quesito da leitura interpretativa.

A aplicação dessa breve análise de duas frases em questão foi feita com três participantes: uma criança de 11 anos, uma adolescente de 14 anos e uma jovem de 26 anos.

Quadro 1 – Significante e significado

1 -Significante – signo verbal ↔	A onça atacou o elefante.
2 - Memórias	Visual, do trabalho, episódica, semântica e procedimental.
3 – Sintática/ análise/ busca do sentido da letra	Regulação das palavras ou imagem por meio da análise da estruturação e pontuação destas
4 - Semântica/ significado/ lógica	Reconhecimento do papel de cada palavra e a constatação da ação

Neste primeiro momento, é apresentada a estruturação mais habitual para compreensão, a oração de forma afirmativa e passiva e uma sequência de sujeito e ação, ou seja, substantivo-verbo-substantivo – sujeito-ação-objeto da ação; formando uma sequência lógica e de fácil interpretação pelo leitor. “O senso comum que prolonga em cada um de nós os hábitos próprios do realismo infantil, considera certamente esse significante como sendo o próprio objeto e como sendo o mais “real” do que toda construção intelectual” (PIAGET, 1966, p. 184).

Mesmo sendo uma forma mais comum de colocação de palavras, o sujeito necessita da organização do pensamento, da reflexão e das memórias para que absorva intelectualmente a informação e possa concluir o significado.

Quando analisamos o processo de interpretação na mesma frase, mas com colocação sintática diferente e com algumas inversões de signos, veremos como o uso diversificado das palavras, pode levar o sujeito ao conflito cognitivo que o levará a repensar e buscar novas conclusões lógicas e perceber que um objeto pode ser representado de várias maneiras. Esta é uma forma de análise importante para ampliação do conhecimento.

Quadro 2: Significante e significado

1 -Significante –signo verbal ↔	O elefante, a onça pode atacar?
--	--

2 - Memórias	Visual, do trabalho, episódica, semântica e procedimental
3 – Sintática/ análise/ busca do sentido da letra	Regulação das palavras ou imagem por meio da análise da estruturação e pontuação destas
4 - Semântica/ significado/ lógica	Reconhecimento do papel de cada palavra e a constatação da ação

Atribui-se semelhança na frase, porém tal sentença passa a ser uma indagação e não mais uma afirmação, levando-nos a refletir sobre a importância da análise do significante e do significado que estes podem ter na ocorrência de variações dentro de uma mesma sentença.

Algumas vezes, uma sentença apresenta apenas um enunciado; outras vezes, há várias sentenças, mas só um enunciado, mas uma única sentença; e, por fim, a total pluralidade: várias sentenças e vários enunciados (SÃO VÍTOR, 2015, p.234).

No segundo quadro, aparentemente as palavras tomam significado diferentes, guardando algumas semelhanças, pois como também refletimos em São Vítor, uma mesma sentença pode se dar por significação diferente. No primeiro quadro o significante se deu de modo afirmativo e passivo; já no segundo quadro a mesma oração se deu de forma interrogativa, invertendo o objeto de ação e separando-o com a vírgula de modo a levar o leitor a ampliar sua rede de reflexão intelectual para buscar confirmar se a onça realmente pode atacar o elefante.

Refletindo sobre o breve teste aplicado nas três participantes, foi observado que a de 11 e a de 26 anos, repensaram e questionaram oralmente por alguns instantes se a segunda frase era diferente da primeira e seguiram refletindo e relendo por alguns instantes para concluir que o sentido da frase era o mesmo, que a onça pode atacar o elefante. Já a adolescente de 14 anos, ao ler a segunda colocação da frase, disse apenas que as frases pareciam semelhantes, demonstrando uma incerteza em relação às orações e ao conteúdo destas. As frases foram retomadas e revisadas por várias vezes pela adolescente até que ela chegou à conclusão de que sim, que a onça pode atacar o elefante.

Retomando os apontamentos e observando o exercício dos dois quadros anteriores, reforçamos a reflexão de que a memória do trabalho formula instantaneamente a ação do entrave entre os dois animais, porém a memória episódica dispõe de novas lembranças, como o tamanho dos animais, a força, e uma somatória de questões referentes ao porte dos referidos animais. Por sua vez, a semântica refletiu as possibilidades de ação, para tentar responder a dúvida e significar tal situação para chegar à lógica de que a onça em relação ao elefante é um animal que mais ataca e que nas frases do quadro representativo ambas, apesar da colocação diferenciada, indicam que a onça pode atacar o elefante.

É necessário exercitarmos o uso das palavras para a ampliação da nossa rede intelectual, para que tenhamos discernimento para compreender que nem sempre o óbvio é a verdade e que mesmo dentro da verdade é fundamental para inteligência conhecer os fatos que levaram a essa constatação. A utilização das palavras pode seguir rumo à melhora intelectual tanto quanto ao atraso do desenvolvimento da inteligência se não for trabalhada com cuidado a organização necessária, conforme aponta São Vítor e Abelardo.

Uma palavra universal, entretanto, é aquela que é apta pela sua descoberta para ser predicada singularmente de muitos seres, tal como este nome homem, que se pode ligar com os nomes particulares dos homens segundo a natureza das coisas sujeitas (substanciada) às quais foi imposto. Já o nome singular é aquele que só é predicável de uma só coisa, como Sócrates, desde que se toma apenas o nome de um único ser. Sem dúvida, se tomares o vocábulo equivocadamente, não terás um vocábulo e sim muitos vocábulos de significado diferente, porque, de acordo com Prisciano, muitos nomes coincidem numa só palavra. Portanto, quando se afirma que o universal é aquilo que é predicado de muitos, a expressão aquilo que, usada no início da definição, não apenas indica simplicidade da palavra para distingui-la das proposições como, também, a unidade do significado para distingui-la dos termos equívocos (ABELARDO, 2005, p.42-43).

A realização da leitura e da escrita é uma atividade complexa que requer esforço intelectual, treino e muita dedicação, uma vez que a formação da palavra é minuciosamente construída. Como já foi dito, os sentidos e a memória são primordiais, desde a construção dos fonemas que é a interpretação dos sons para o reconhecimento da letra e os grafemas que formam a representação gráfica desses sons, são articulados em conjunto para a formação e uso das palavras.

Todavia, entendemos que tais estudos não se aplicam da mesma forma no caso de pessoas com comprometimento no desenvolvimento do reconhecimento da palavra e da compreensão da leitura; como no caso do disléxico que apresenta dificuldade no trabalho da rota fonológica, como também de pessoas surdas que não fazem uso do sentido da audição. Torna-se necessária a modificação do caminho para a construção e reconhecimento da palavra para que esse indivíduo chegue ao entendimento lógico desta; contudo esse assunto será retomado com maior clareza no próximo subtítulo, de modo que continuaremos analisando o significado, a lógica da palavra em pessoas ditas normais.

Para se alcançar a significação no processo da leitura e da escrita é preciso entender que esse se dá de várias formas desde a formação dos fonemas, sua sonorização, para que essa leitura tome sentido no decorrer do seu emprego nos diversos contextos, ajudando a informar questões e formar homens participativos em seu próprio processo histórico.

A lógica divide-se em gramática e em argumentação. A palavra grega “grama” é traduzida para o latim como “letra”, daí o nascimento da palavra “gramática” [parte elementar da lógica], a ciência das letras. Tomando em sentido próprio, letra é figura representada pela escrita bem como elemento que, quando visto, é som pronunciado (SÃO VÍTOR, 2015, p. 100).

Esse mesmo autor ainda explana a parte elementar da lógica, a gramática:

A gramática trata especialmente das palavras, isso é, da invenção delas, a sua formação, a sua composição, a sua inflexão e a sua prolação, sendo o resto tema da pronúncia. A razão da argumentação trata das palavras segundo conceito. A gramática se divide em letra, sílaba, palavra e frase. E, em outras palavras, a gramática é dividida em letras, isto é, os caracteres com os quais se escreve; e também em sons, os elementos pelos quais os caracteres são pronunciados. Pelo viés das desinências a gramática é nome, verbo, particípio, pronome, advérbio, preposição, conjunção, interjeição, palavras articuladas, sílabas, métricas, acento, pontuação, notas, ortografia, etimologia, glosas, diferenças, barbarismos, solecismos, vícios de linguagem, metaplasmos, esquemas, tropos, prosas, metros, fábulas e histórias (SÃO VÍTOR, 2015, p. 100-101).

As vias de maturação intelectual por meio do uso da palavra não se restringem a nomes e divisão das coisas como princípio de doutrina, mas ligam o termo à palavra, o

significado à oração, conforme a necessidade de argumentação: “com efeito, ainda que esses nomes sejam diversos na sua significação, eles têm, todavia, a mesma coisa por sujeito (aplicam-se à mesma substância)” (ABELARDO, 2005, p. 44). A função da boa leitura e escrita para o desenvolvimento integral do homem atribui a este a liberdade de expressão crítica e participativa.

Mas é entre eles, de certo modo, que se situa a atividade mais específica e mais importante do crítico e do pesquisador em ciências humanas: é a interpretação como diálogo, a única que permite recobrar a liberdade humana. O sentido é, de fato, esse “elemento de liberdade que transpassa a necessidade” (*ibid.*, 410). Sou determinado enquanto ser (objeto) e livre enquanto sentido (sujeito). O sentido é liberdade e a interpretação é o seu exercício (BAKHTIN, 2011; p. XXXII).

O ato mecânico, ou seja, sem contextualização reflexiva não forma leitor competente, apenas decodificadores de palavras, por isso é fundamental o domínio da arte de ler, como refletimos em São Vítor. Para agir na constituição de seus objetivos de conhecimento, as palavras articuladas por meio da leitura, escrita e fala, símbolos e matéria devem deixar de acumular falácias vazias, com palavras que trazem sentido desarticulado e os vícios da linguagem. Dentre inúmeras necessidades dos elementos que compõem o conhecimento e aplicação das palavras, é preciso tomar as ferramentas da aprendizagem como contribuintes para a melhoria da inteligência, visto que a inteligência é construída e necessita ser exercitada.

O ESTUDO DA PESQUISA PERTENCE AO EXERCÍCIO, posto nela caber mais ao leitor a exortação, e menos a doutrina. Ora, alguém que desejasse com diligência estudar a que se sujeitaram os antigos, por amor a sabedoria, bem como os momentos que eles deixaram para serem lembrados pelas gerações posteriores, notaria como sua dedicação aos estudos é inferior à deles. [GRANDES FORAM OS ANTIGOS!] (SÃO VÍTOR, 2015, p. 136).

A informação é processada gradualmente, assim como a constituição da palavra e sua lógica são construídas processualmente no intelecto “não só proferir dizeres, mas sim explanar ideias possam ser absorvidas e compreendidas intelectualmente. É supérflua a prolação de palavras sem a compreensão das mesmas” (ABELARDO, 2005, p. 112).

A persistência em organizar-se em relação ao objetivo, dedicar-se exercitando o uso da palavra, pesquisando, lendo o que envolve o objeto em questão para ampliar as vias de conhecimento e se chegar significativamente a aprendizagem é percebida unanimemente entre os autores estudados nessa pesquisa. Em especial, São Vítor e Abelardo insistem em falar do perigo, do erro de apenas acumular páginas vistas, mas não analisadas; não sendo esta a função da leitura ou da escrita, mas sim instruir o leitor.

Há pessoas que, mesmo nada tendo deixado passar em seus estudos, lendo tudo o que deveriam, não sabem atribuir a cada arte o que de fato lhe cabe, e se utilizam de todos os conhecimentos de um modo singular. [É que tais homens, caídos este erro fazem?] Discutem sobre silogismos, na gramática; na dialética, tratam de inflexões sobre os casos; e, o que é digno de mais riso, eles leem quase um livro inteiro, mas quando chegam na terceira lição já se mostram incapazes de ter entendido as primeiras palavras do texto. Esta pessoa não ensina outros [com o que leram], mas apenas gostam de ostentar seu conhecimento aparente. Eis que se [de uma hora para outra] se mostrassem a todo mundo, da maneira que as conheço. Em qualquer conhecimento, portanto, devemos discernir dois diferentes pontos: o primeiro, o de como devemos agir no desenvolvimento e na execução de uma determinada arte; o segundo, o de como é possível aplicarmos os fundamentos próprios de uma em outras. Ora, uma coisa é “tratar de uma arte”, e outra, agir “conforme os preceitos dela”. Dou um exemplo: tratar uma arte significa estudar gramática [ou melhor, estudar seus princípios e suas regras]; agir conforme os preceitos de uma arte refere-se a se utilizar das regras e dos princípios da gramática, dissertando [de modo] gramaticalmente [correto]. Agir gramaticalmente é tarefa obrigatória [a todos os estudantes] (SÃO VÍTOR, 2015, p. 118-119).

Qualquer animal pode emitir sons e todo ser humano, em boas condições físicas e psicológicas, que tenha a coordenação motora fina desenvolvida pode produzir traços, rabiscos como forma de escrita, pois o humano em sua naturalidade de existência nasce com as funções intelectuais e físicas aptas a aprender, só compete a ele obter êxito ou não, pois “ são três, os elementos necessários para o estudante: a natureza, o exercício e a disciplina (SÃO VÍTOR, 2015, p. 121)”.

O conhecimento cientificamente comprovado, o saber aprimorado, ou seja, conceituado intelectualmente não é constituído com atalhos no percurso de construção do conhecimento; o percurso permite verificar a razão das coisas singulares e investigar novamente o que antes não havia sido compreendido amplamente.

O conhecimento, de fato, se pode dar, até, de objetos não existentes, como centauro, hicocervo, sereias e outras quimeras. O importante é

que sejam examinadas e distintas a natureza e as propriedades, mesmo que seja um *conhecimento vazio*. A sensação e a intelecção podem estar presentes ao mesmo tempo no intelecto, mas enquanto a intelecção permanece inteira e idêntica, a sensação pode falhar e faltar. Por outro lado, confirma também que, para alcançar uma perfeita ciência lógica é preciso ter presente os postulados psicológicos e a doutrina que os expressam. Pedro Abelardo começa, assim a falar das intelecções em particular, seguindo as distinções que lhe é possível realizar para que se faça uma clara distinção das palavras, retomando o propósito inicial de distinguir as qualidades do intelecto, pois afirma que consideramos serem necessário para a doutrina das palavras (DE BONI, 1995, p. 60-61).

O uso da palavra de maneira significativa, construtiva como fonte mediadora da inteligência é uma tarefa imensamente sutil, que instrui a participação e a inserção crítica do sujeito, visto que exercita os avanços do ser que pensa em suas ações como contribuintes para com o próximo, com a sociedade, e que de fato faz uso da inteligência.

Atentemos, agora, um pouco mais sobre a arte de interpretação e argumentação que se sobrepõe ao modo de ler. Em meio a escala do percurso para entender a formação da palavra, a constituição do texto e a explanação deste “precisa primeiramente tratar dos simples termos, depois das proposições e por fim coroar o seu estudo com exame das argumentações” (ABELARDO, 2005, p. 11). Dialogar com os textos é ter a disciplina intelectual do trabalho da extração de conceitos, fazer uso do significante e do significado que é contribuinte para distinguir os conceitos e alcançar a lógica.

O MODO DE LER CONSISTE EM DIVIDIR. A divisão se faz pela repartição e pela investigação. Bem, a divisão pela repartição ocorre quando estamos distinguindo conceitos confusos. A divisão pela investigação, por sua vez, quando estamos a expor os conceitos que nos são desconhecidos (SÃO VÍTOR, 2015, p. 236).

Meditar é ler com profunda destreza entre linhas e conseguir distinguir que um texto dar-se-á de diversas formas e em diversos lugares, abordando escalas de assuntos ora complexos, ora vazios nos pressionando a confrontar com as dificuldades interpretativas ou a sair da zona de conforto por achar que o vazio ou o simples não tem necessidade de significação. O relato do dia, o senso comum são fontes em que a ciência bebe do conhecimento contextualizado.

A geração das palavras, dos textos e gêneros discursivos não surgem de fantasia, mas da ação humana, da realidade vivida, dos gêneros textuais e discursivos, sem nos atermos à heterogeneidade funcional do uso das palavras, pois é de especial importância atentar para a diferença que existe entre os textos e gênero discursivo.

A riqueza e a diversidade dos gêneros do discurso são infinitas porque são inesgotáveis as possibilidades da multiforme atividade humana e porque em cada campo dessa atividade é integral o repertório de gêneros do discurso, que cresce e se diferencia à medida que se desenvolve e se complexifica um determinado campo. Cabe salientar em especial a extrema heterogeneidade dos gêneros do discurso (orais e escritos), nos quais devemos incluir as breves réplicas do diálogo do cotidiano (saliente-se que a diversidade das modalidades de diálogo cotidiano extraordinariamente grande em função do seu tema, da situação e da composição dos participantes), o relato do dia a dia, a carta (em todas as suas diversas formas), o comando militar lacônico padronizado, a ordem desdobrada e detalhada, o repertório bastante variado. É de especial importância atentar para a diferença essencial entre os gêneros discursivos primários (simples) e secundário (complexos) – não se trata de uma diferença funcional. Os gêneros discursivos secundários (complexos – romances, dramas, pesquisas científicas de toda espécie os grandes gêneros publicísticos, etc.) surgem nas condições de um convívio cultural, mais complexo e relativamente desenvolvido e organizado (predominantemente o escrito) – artístico, científico, sociopolítico, etc. No processo de sua formação eles incorporam e reelaboram diversos gêneros primários (simples), que se formaram nas condições de comunicações discursivas imediata (BAKHTIN, 2011, p. 262-263).

Contudo, esse estudo também não poderia restringir-se à leitura de gêneros discursivos, uma vez que o objetivo do entendimento da palavra e o seu uso é o de fortalecimento das redes de aprendizagem por meio da utilização do uso da palavra como um pilar dialético que não fica preso aos textos e sim os usam como ponte de instruções reflexivas que contribua com a formação do homem ético que, por meio da leitura de mundo, consiga formular e defender questões críticas, visando o bem comum. “A dialética permite ultrapassar a compreensão do texto para ir aos problemas que levanta, faz com que o texto apague diante da verdade” (LE GOFF, 2016; p.120).

A arte de ler expressa nos estudos de São Vítor nos aponta a importância de nos organizarmos, exercitarmos para aprender a ciência das letras, a gramática; e Abelardo, a nosso ver, concordando com São Vítor, acrescenta que de posse do conhecimento das palavras passamos a dialogar, se necessário contestar, munidos de argumentos que levem a refletir a verdade e a mentira. “A gramática é a ciência de falar sem vício; a

dialética é a disputa aguda, devendo distinguir o verdadeiro do falso” (SÃO VÍTOR, 2015, p. 104).

Desse modo, deparamo-nos com a linguagem como elemento decisivo na sistematização da percepção, abstração e expressão, sendo o seu caráter primordial: a linguagem e o pensamento como constitutivos do homem, necessariamente intersubjetivos, ou seja, desenvolvem-se juntos na diversidade discursiva, conforme afirma Bakhtin (2011).

A linguagem é a capacidade que possuímos de expressar nossos pensamentos, ideias, opiniões, sentimentos por meio da fala e da escrita perceptivelmente pelo nosso sistema de sentidos, ver, ouvir, sentir, falar; que são organizados em nosso cognitivo.

O psicólogo americano Jerome S. Bruner notou corretamente que toda percepção é um processo ativo, inerentemente complexo de classificar informações novas em categorias conhecidas, sendo um evento intimamente ligado às funções de abstração e generalização da linguagem. Desde que reconhecemos que a percepção é uma atividade cognitiva complexa que emprega dispositivos auxiliares e envolve uma participação íntima com a linguagem (LURIA, 2017, p. 44).

Como estamos analisando em nossa pesquisa, referente à formação do uso da palavra, verificamos que este uso se constitui por meio de um sistema complexo que precisa ir sendo construído e exercitado frequentemente em nosso sistema cognitivo, verbal, lógico. “Consequentemente nessa modalidade de pensamento, a função primordial da linguagem não é de formular abstrações e generalizações a respeito de relações, categorias, mas sim de retomar adequadamente situações gráficas, práticas”. (LURIA, 2017, p. 144).

Para a formulação do sistema de signos é inerente percorrer as etapas de formulação desse sistema de aprendizagem, claro que também dependente em parte da situação genética e também dos sentidos de ouvir, ver, sentir, para que ocorra a recepção e a expressão de informações, conforme Rotta (2006). Assim, as questões gráficas, a expressão das palavras é apresentada por meio do auxílio da aquisição da linguagem.

A aquisição da linguagem se faz por etapas interdependentes. São elas: Sensação: capacidade de sentir o som; percepção: capacidade pela qual se reconhece o som; elaboração: capacidade de reflexão sobre os sons percebidos; programação ou organização das respostas e articulação sonora que depende da articulação da fala. A linguagem

pode ser dividida em oral, gestual, escrita e Braille (ROTTA, 2006, p. 136).

A expressão da linguagem habitualmente se dá nas formas referidas na citação anterior, sendo a gestual adquirida junto com aquisição de reconhecimento e a prática. O movimento, a ação que possibilita o homem a entender e se expressar por gestos, é mais usado na comunicação de deficientes auditivos; a escrita, expressada por meio de traços gráficos, desenhos e também os sinais do braile para deficientes visuais.

Para refletirmos sobre as vias intelectuais e o processo de desenvolvimento da inteligência na leitura, escrita e linguagem, fez-se necessário refletir sobre a significação da palavra na perspectiva de: significante, a importância de se ampliar o repertório de palavras; a atenção, semelhanças; o papel da função sintática; a semântica; a gramática; a argumentação.

Somente refletindo sobre todas essas questões que envolvem o significado da palavra que, por meio do conhecimento, encontrará suporte para se trabalhar as vias intelectuais significativamente. De tal forma, será possível constituir caminhos que favoreçam o processo das informações com o intuito de perceber, integrar, compreender e responder de maneira adequada aos estímulos do ambiente, proporcionando ao indivíduo a capacidade de pensar e avaliar como cumprir com êxito uma tarefa ou uma atividade social.

4.2 Exercitando a Mente: Ampliando Conhecimento com o Uso Prático das Palavras

Nesta subseção será analisado o exercício da significação pela prática da memória. O intuito é o de compreender as relações informativas que se estabelecem pelo estímulo dos sentidos e que propiciam o raciocínio lógico, considerado, este, historicamente como um dos quesitos necessários para a formação humana.

Pautados nos ensinamentos de São Vitor e Abelardo, bem como a metodologia de ensino de ambos observamos os princípios gerais do entendimento e da formação do uso da palavra como vias facilitadoras para a melhoria da aprendizagem, com objetivo de integrar o ser humano, de maneira adequada e significativa.

Quando falamos em integração do ser humano, estamos nos referindo a todos, inclusive os portadores de necessidades especiais, sendo eles inúmeros, porém como

nossa pesquisa tem um olhar geral sobre a importância do uso da palavra, apenas tomaremos como exemplo metodológico referente à importância da mediação consciente ao aprimoramento intelectual por meio do uso da palavra, a pessoa deficiente auditiva (surda) e a pessoa com disfunção no processo da leitura, a disléxica.

Entretanto, analisaremos brevemente como o deficiente auditivo, que não faz uso da rota fonológica, e o disléxico, que necessita do uso diferenciado da rota fonológica em relação ao sujeito dito normal, precisa de instrumentos e de metodologias para mediar o conhecimento e o uso da palavra de modo eficiente para formá-los leitores críticos e participativos. Lembrando que a rota fonológica é o dispositivo-chave para o reconhecimento e a aprendizagem das palavras.

Dar significação, despertar o olhar do homem para o sentido real das palavras postas como verdadeiras ou não, fazer fluir o pensamento ativo, a racionalidade lógica era a base dos ensinamentos de São Vítor e Abelardo. Ao discorrer seus ensinamentos, demonstraram que os caminhos têm que ser traçados e a inteligência necessita ser construída por meio do trabalho significativo.

O trabalho com as palavras significativamente nos levou a verificar no corpo dessa pesquisa que as vias intelectuais são relevantes para o entendimento integral da leitura, escrita e oralidade. Todavia, o ponto primordial da aprendizagem é o sujeito, que deve ser entendido antes como um ser integral em desenvolvimento, lembrando que é um ser biológico que necessita da harmonia do funcionamento de seus órgãos para desenvolver suas atividades. Os órgãos dos sentidos são primordiais para o desenvolvimento e uso das palavras, já que para serem entendidas precisam ser significadas, sendo este o ponto de partida para a estruturação do saber.

Conforme São Vítor, “Os seres possuidores de sentidos não captam somente a forma das coisas ultrapassam a sensibilidade, guardam imagens, preservam lembranças” (SÃO VÍTOR, 2015, p. 30). Assim, analisamos o significado e o significante que em meio ao percurso das memórias para estabelecer as redes de informações e o desenvolvimento lógico do raciocínio, vamos acumulando com o nosso desenvolvimento social e psíquico um repertório de conhecimento.

A inteligência é percebida como a integração total do ser que não envolve somente os seus sentidos, mas também o seu pensar o seu querer, “pois o intelecto é uma ação da alma que é chamada de inteligência” (ABELARDO, 2005, p. 51). Não adianta só imaginarmos possibilidades, temos que significá-las.

A imaginação é a peça motriz do desencadeamento da busca do saber, uma vez que aguça a criatividade abrindo o pensamento para criar e ampliar as ramificações das memórias, favorecendo as vias intelectuais a aumentarem suas funções por meio da prática de recombinações de conhecimentos e assimilação de situações que instigam o conflito cognitivo e leva a melhorar o intelectual do homem.

A elaboração do conhecimento é intrínseca para a aquisição do conhecimento concreto e significativo. Quando falamos em construção, prática, aquisição, sabemos que é um ato que se dá gradualmente e que é, ou deveria ser, participado por várias mãos, visto que o isolamento não contribui para o conhecimento e o homem é um ser social. Logo, o seu conhecimento se significa de várias formas, em vários contextos.

A PRÁTICA DIVIDE-SE EM SOLITÁRIA, privada e pública sendo possível mais duas divisões. A primeira é a ética, a econômica e a política; a segunda, a moral, administrativa e a civil. Como feito no raciocínio acima, notamos as seguintes tríades: solitária, ética e moral; doutro lado: privada, econômicas e administrativas; e por fim, pública, política e civil. A conclusão é simples: a filosofia solitária cabe aos indivíduos; a privada, aos pais de família; a política, aos administradores das cidades. Prática significativa “ativa”, porque explicita, por suas operações, as coisas propostas, Atribui-se o nome de “moral” à filosofia pela qual se deseja a condução da vida, conforme os costumes honestos, sendo a tendência dos atos antecedida da instituição das virtudes. A filosofia administrativa refere-se às coisas domésticas e dispostas sabiamente, segundo uma ordem prévia. Por fim, diz-se civil a filosofia que corresponde à utilidade de administração de toda a cidade (SÃO VÍTOR, 2015, p. 85-86).

A habilidade da providência, do equilíbrio, requer firmeza e coragem para se tornar um ser prudente diante das suas ações e tomadas de decisões, visto que, conforme os apontamentos anteriores em São Vítor, prática significa “ativa”, um processo contínuo que desperta no indivíduo o olhar do significado de administrar o seu “eu” no espaço para possivelmente obter o saber significado.

Tal análise do processo da prática deve ser levada em consideração tendo em vista primeiramente a formação do “eu” no próprio homem para que este possa tomar ciência da importância referente à moderação em meio aos costumes e as ações no percurso da prática construtiva e não egocêntrica.

Logo, a sapiência, por seus próprios méritos, pode ser denominada por três partes: a intelectual (Deus), a inteligível (alma) e a natural (corpo). À necessidade de apenas darmos o nome de sapiência

[justamente] à teórica, porque é ela que investiga a verdade das coisas. (SÃO VÍTOR, 2015, p. 84).

Tomar conta de si é ter inteligência da principal parte constitutiva da prática a leitura e a organização do próprio espaço, para possivelmente buscar desenvolver nossos objetivos de modo mais seguro e solidário com o próximo e com o meio que estamos inseridos.

O contexto ao redor é contribuinte direto para o bom desenvolvimento da prática como ação integradora do conhecimento concreto. Conforme a análise das palavras deste autor, São Vítor, e os apontamentos dos demais autores estudados nessa pesquisa, é preciso deixar claro que é importante pensarmos a operação dos processos intelectuais em termos de sistemas funcionais, sempre refletindo e reorganizando nossas ideias acerca das inúmeras possibilidades de localizar e desenvolver nossas funções intelectuais.

Não é simples, não é fácil encontrarmos uma posição intermediária entre a função orgânica e a ação concreta, como no caso, o ato de ler e escrever que requer uma ação simultânea do ser e do fazer para não se tornar mecânico e sem sentido; uma vez que o objetivo do pensamento prático e da própria prática é a exploração dos objetos para o possível entendimento de como eles podem dar origem a novas ações, permitir a descoberta de fenômenos desconhecidos, novas reações novos olhares.

Ampliar o olhar, ultrapassar os reflexos e estabelecer conexão direta com objeto em questão, no caso da leitura, interpretação e ação, é a própria modificação do teórico significado para a prática atuante, que se torna possível por meio da evolução da construção e entendimento das palavras, levando o homem a atuar, a prover mudanças em si e no seu próprio espaço.

Quando o homem introduz uma modificação no ambiente através de seu próprio comportamento, essa mesma modificação vai influenciar seu comportamento futuro. O reflexo simples transforma-se num sistema reflexo no qual os instrumentos usados pelo homem para atuar no seu ambiente tornam-se sinais que ele então passa a usar para influenciar seu próprio comportamento. Vygotsky acredita que esta formulação possibilitava tanto a conservação do princípio do reflexo material como base do comportamento quanto análise das funções psicológicas humanas enquanto atos mentais mediados e complexo (LURIA, 2017, p. 13).

Distinguir o papel da linguagem é ajudar o intelecto a refletir e somar as mediações externas em conjunto com o dinamismo do raciocínio operado por meio da prática e estímulos das vias intelectuais que, com o ganho de experiência, remetem a ação da linguagem à significação de um conceito que passa a ser praticado por meio das experiências adquiridas em meio a movimentação de assimilação, comparação e identificação dos sistemas de signos que implicam a relação com o objeto em questão.

Por consequência, as suas dissociações e seus reagrupamentos, dão origem a um sistema de esquemas “moveis” cujo o funcionamento é muito comparável aos dos conceitos e juízo próprios da inteligência verbal ou refletida. Com efeito, a subordinação dos meios aos fins é equivalente, no plano da inteligência prática à das premissas em face das conclusões refletidas no plano da inteligência prática, à das premissas em face das conclusões, no plano da inteligência lógica (PIAGET, 1966, p. 227).

Tais são, portanto, as relações que determinam um objeto dado não são somente as relações de pertença que determinam ser inserido em um ou mais esquemas, mas todas as relações que o definem do ponto de vista espacial, temporal e causal. O pensamento prático se dá por meio de experiências correlacionadas com as percepções mentais que analisará qual o objetivo e ou a função do objeto em questão, para possível regulação do sistema de linguagem que serão ativadas no percurso da execução.

Para ocorrer a movimentação executiva, é necessário ter significação do objetivo a ser alcançado para que, por meio dos sentidos, desencadeie a busca do significado, ocorrendo a ampliação na escala do pensamento dentro das experiências vividas do conhecimento nato que cada ser traz consigo. Essa experiência deve ser ampliada para melhora e ampliação intelectual, “pois o repouso mundano debilita o vigor da alma e facilmente o enfraquece” (ABELARDO, 2005, p. 91).

A motivação, a significação e a linguagem formam a proposição essencial que serve de base para o raciocínio concreto que considera as informações conceituadas no intelecto, as quais “desse conjunto de premissas, segue-se que o pensamento prático vai predominar em sociedades caracterizadas pela manipulação prática de objetos” (LURIA, 2017, p. 16)

O paralelo entre a mediação de instrumentos no ciclo do raciocínio concreto e a prática desencadeiam no contexto do desenvolvimento social e pessoal que este indivíduo está inserido; as tendências de interpretação que lhes são ofertadas, como vimos em São Vítor. As questões solitárias de cada indivíduo, sendo o seu próprio “eu”,

as contraposições espaciais, temporais e emocionais; a questão privada e pública que juntamente com a anterior soma-se à interferência dos atos e das ações do indivíduo em relação ao objeto, imbricam-se na constituição do significado.

O mundo é objeto do ato, do ato-pensamento, do ato-sentimento, do ato-palavra, do ato ações; seu centro de gravidade situa-se no futuro, no desejo, no devido e não no dado autossuficiente do objeto, em sua presença, eu seu presente, em sua integridade, em sua já-exequibilidade. Minha relação com os objetos do meu horizonte nunca é concluída, pois o acontecimento da existência é aberto em seu todo; minha situação deve mudar a todo o momento, eu não posso demorar ou ficar de repouso. A construção espacial e temporal do objeto – eis o princípio do meu horizonte, os objetos não me rodeiam, não rodeiam meu corpo exterior em sua presença e em sua concretude axiológica, mas sim a mim se contrapõem como objeto do meu propósito de vida ético-cognitivo no acontecimento aberto e ainda arriscado de existência, cujo sentido, valor e unidade não são dados, mas sugeridos (BAKHTIN, 2011, p. 89).

Temos que pensar que o centro da aprendizagem não é o objeto em questão mas sim o sujeito em processo constante de formação, o qual designará mudanças por meio da utilização da prática para com objeto que tem a função de instigar a criticidade por meio do juízo de valores, desencadeando os sistema de significação em relação à leitura do objeto a ser pesquisado.

As modificações se constroem desde o pensamento abstrato, quando a análise ainda está em fase inicial, na fase do imaginário; no momento em que a palavra está em construção; passando pela rota fonológica, na conversão de grafemas em fonemas mediados pelos sentidos; que na memória implícita ativa a articulação das lembranças sonoras que permitirá o uso do signo necessário para a formação semântica do conceito, que perpassa a ação de construção e chega ao conhecimento prático.

A evolução das vias intelectuais no processo de maturação do pensamento são práticas básicas de procedimentos de um ensino crítico que vem partir do simples para o todo.

Assim sendo, em relação à aprendizagem, é importante primeiramente buscar ver as “*necessidades do sujeito*” e o meio em que está inserido. O exemplo que iremos tomar como objeto de pesquisa é a palavra água como “*texto simples de ponto de partida*”, pois acredita-se fazer parte da vivência de conhecimento da maioria dos sujeitos por ser esta uma questão mundial:

Quadro 3 – Processamento das vias intelectuais/ maturação do pensamento.

Palavra/ frase - proposição	Sentido - lógica – intelecto	Sentença- argumentação prática
1 - palavra simples água	1- Á G U A ↔ rota fonológica, conceituação gráfica da palavra – grafema – fonema.	1 - Água
2 - de onde vem a água	Sentidos e memórias buscaram os possíveis lugares onde pode haver água	Criança possivelmente argumentará rios, lago. Adulto possivelmente expressará nascentes
3 - para que serve a água	As memórias são instigadas a processarem o modo de utilização da água onde está inserida e o seu próprio uso	Possivelmente, a princípio, formularão uma indagação do objeto em questão, a utilização de necessidades primárias, tal como: beber água, fazer refeições, higiene pessoal e limpezas em geral
4 – toda água pode ser usada	As memórias retomarão os tipos de água e lugares onde pode ser encontrada ou já informada por algum meio de comunicação.	Provavelmente, pela análise da pós utilização, das notícias de poluição, relatará que não. Isso pensando em sujeitos a partir de 10 anos.
5 a água é inesgotável – sempre teremos água potável.	Várias pessoas ainda formulam uma pergunta a respeito. Assim, devido ao aumento da complexidade do uso da palavra, as memórias farão uma ativação mais complexa com maior ênfase nas memórias implícitas. Possivelmente necessitará de mais trocas de informações mais mediações e reflexões sócio histórica. – água doce – água salgada- quantidade e modos de consumo-reposição, etc. Retomada de reflexão de todos os outros tópicos	Pela reflexão, há maior quantidade de consumo; há desperdício no modo de consumir, como demora no banho, desprezo de águas que são possíveis de reutilização como a da lavagem de roupas. Há poluição e entre muitos outros possíveis apontamentos é percebido que a água potável é esgotável.

Foi escolhido um objeto, preparada uma sequência e uma ordem de instigação do processo de aprendizagem, pensado o procedimento, usadas indagações reflexivas e, assim, desencadeado o processo de construção e modificação do pensamento lógico, do significado.

A análise vem reforçando quão primordial é em qualquer estudo atuar com discernimento metodológico, para não desenvolver um trabalho vago que levará o

sujeito a trabalhar muito e não produzir nada. É extremamente importante aprender, pois o conhecimento liberta o homem, porém é fundamental um ensino significativo.

Assim, um homem que, no meio de uma multidão de livros, não segue um método e uma ordem de leitura, estaria como um andarilho sem rumo na densidão da floresta, perdendo o caminho do itinerário reto, corroborando a Escritura: “ainda que sempre estudando, nunca alcança o saber”. O método vale tanto que sem ele qualquer ócio é torpe e esforço inútil. Devemos todos nós honrar ensinamento! Há três coisas que principalmente obstam os estudos dos homens: a negligência, a imprudência e a fortuna. A negligência ocorre quando deixamos de lado ou simplesmente aprendemos com menos empenho temas que devem ser conhecidos. A imprudência, quando não nos servimos de modo coerente com o que já aprendemos. A fortuna, nos eventos [presente em nossa vida] gerados por acaso ou naturalmente, como exemplo, ao afastarmos-nos de nosso propósito devido à pobreza ou à doença, ou quando estamos diante de um retardamento natural. O mesmo se dá na falta de doutores suficientes, porque, neste caso, não se encontram pessoas que ensinem ou que ensinem bem (SÃO VÍTOR, 2015, p. 192-193)

O mesmo autor ainda nos leva a refletir que:

A quantidade abstrata não é outra coisa, senão a forma visível, segundo uma dimensão linear impressa na mente, e que consiste na imaginação, sendo dividida em duas partes: uma, a parte contínua – como percebemos em uma árvore e um lápis – e chamada de grandeza; a outra, não-contínua – presente em um rebanho ou no povo – sendo camada de multidão [ou pluralidade] (SÃO VÍTOR, 2015, p. 192-193).

Ter uma metodologia organizada para o ensino, é trilhar caminhos com possibilidades de se trabalhar dando abertura para que a prática flua na diversificação de um ensino para todos. O ensino não pode ser pensado como forma única de atendimento geral, pois dentro da igualdade de direito está o dever de atender todos em suas especificidades particulares de desenvolvimento cognitivo.

Como mencionamos anteriormente, retomaremos brevemente para exemplo da necessidade do olhar crítico e diversificado no campo do ensino das palavras, sobre o fortalecimento e o uso da palavra para a maturação intelectual do sujeito e do processo de ensino dentro de um padrão geral.

O processo de aquisição das palavras se dá de maneira diferenciada no portador de deficiência auditiva e no disléxico uma vez que a ação dos sentidos é desencadeada de maneira diferenciada dos sujeitos ditos ‘normais’, residindo aí uma dificuldade para

o reconhecimento e a acomodação dos grafemas e fonemas, a rota fonológica, responsável pela decodificação das letras, dos fonemas.

Do livro “Transtorno de aprendizagem: Abordagem neurobiológica e multidisciplinar”, de Rotta (2006), tomaremos um exemplo, o modelo Dual, para refletirmos o que é a dislexia, de modo que este modelo traz três classificações sendo:

1) Fonológica – problema reside no fonema – grafema e ou no momento de juntar os sons parciais em uma palavra completa. Dificuldades na leitura de palavras não familiares considerando o grande esforço que fazem para reconhecer as palavras, portanto para manter uma informação na memória de trabalho são obrigadas a repetir os sons para não perdê-los definitivamente 2) Dislexia lexical (de superfície) – dificuldade residem na operação da rota lexical-afetando fortemente a leitura de palavras irregulares. Leem lentamente, vacilando e errando com frequência pois ficam escravos da rota fonológica. Erros habituais são silabação, repetição e retificações. 3) Dislexia mista. Nesse caso, os disléxicos apresentam problemas para operar tanto com a rota fonológica quanto com a lexical. São assim situações mais graves e exigem um esforço ainda maior para atenuar o comprometimento das vias de acesso ao léxico. (ROTTA, 2006, p. 169-170)

A dislexia é um transtorno linguístico caracterizado por uma dificuldade seletiva para operar a rota fonológica durante a leitura. Trata-se de uma dificuldade para juntar fonema, sendo a menor unidade sonora (o som de cada letra) do sistema fonológico de uma língua. Por exemplo: canto /k- ã- t- o/ possui 5 letras e apenas 4 fonemas.

Pelos estudos apontados por Rotta (2006), entendemos que no momento da prática ocorre certa lentidão na memória auditiva, lentidão na memória do trabalho e na memória visual, que necessitam de uma metodologia que englobe as necessidades de tempo e entendimento para efetuação da leitura e a escrita com entendimento, por parte da pessoa portadora desse transtorno.

Já na prática de leitura de pessoas surdas, no artigo de Sueli Fernandes (2006) podemos observar os seguintes apontamentos:

No caso dos surdos, a leitura não ocorrerá recorrendo às relações letra e som (rota fonológica). Desde os primeiros contatos com a escrita, as palavras serão processadas mentalmente como um todo, sendo reconhecidas em sua forma ortográfica (denominada rota lexical), serão “fotografadas” e memorizadas no dicionário mental se a elas corresponder alguma significação. Se não houver sentido, da mesma forma não houve leitura (FERNANDES, 2006, p. 9).

A autora nos esclarece que a via utilizada para a leitura da pessoa surda é a rota lexical, em que ela identifica a palavra sem pronúncia da palavra (rota fonológica), mas pela memória visual, isto é, observando a forma ortográfica. Sendo fundamental lembrar os apontamentos de São Vítor, que a leitura é uma atividade que deve ser exercitada e contextualizada, pois palavras isoladas não têm significado se tornando vazias e penosas.

“O intelecto é uma ação da alma que é chamada de inteligência” (ABELARDO, 2005, p.51). No ato da prática é fundamental saber agir, ter sensibilidade na organização e dedicação na metodológica de pensar o sujeito e suas especificidades no processo de aprendizagem, visto que cada ser é único em sua forma de ser e de aprender e o trabalho de significação é contribuinte para o desempenho articulado dos sentidos a favor do conhecimento lógico. “Os seres possuidores de sentido não captam somente as formas das coisas, ultrapassam a sensibilidade, guardam imagens preservam lembranças” (SÃO VÍTOR, 2015, p. 30).

A significação, em Abelardo, assume particular importância devido à sua estrita relação com as *modificações da alma*, mas também tendo em vista a necessidade de uma análise especial dos termos constitutivos de uma *oratio*. De fato, para que o lógico possa alcançar a construção de uma proposição verdadeira, deve se dedicar ao estudo dos termos e de seu significado. (DE BONI, 1995, p. 65)

A pesquisa nos trouxe a possibilidade de observarmos as palavras para além das letras apenas lidas, escritas e faladas e entender a importância do processo, que se dá por meio de formulação, organização, passando a usar as palavras de modo crítico, vindo a aprimorar o intelecto, visto que o uso da palavra para a ampliação da inteligência só fluirá se a palavra for significativa, independente do tempo, pois o passado é o viés reflexível para o futuro.

Os meios e os métodos são fundamentais para a formação da inteligência e os apontamentos presentes nos dois clássicos, São Vítor e Abelardo, oportunizaram-nos a refletir os caminhos do uso das palavras por meio da leitura, como instrumento de conhecimento para o homem. Dessa forma, abaixo exemplificamos o direcionamento para a realização de uma leitura crítica.

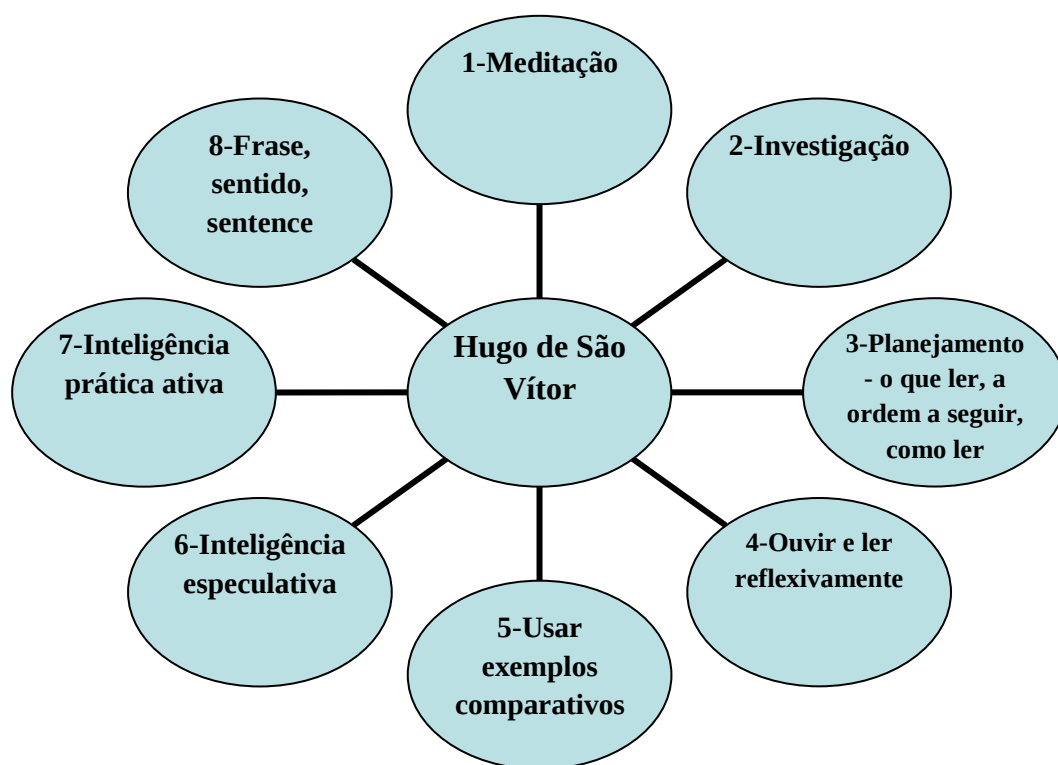


Figura 4: Possíveis apontamentos de realização de leitura crítica em Hugo de São Vítor.

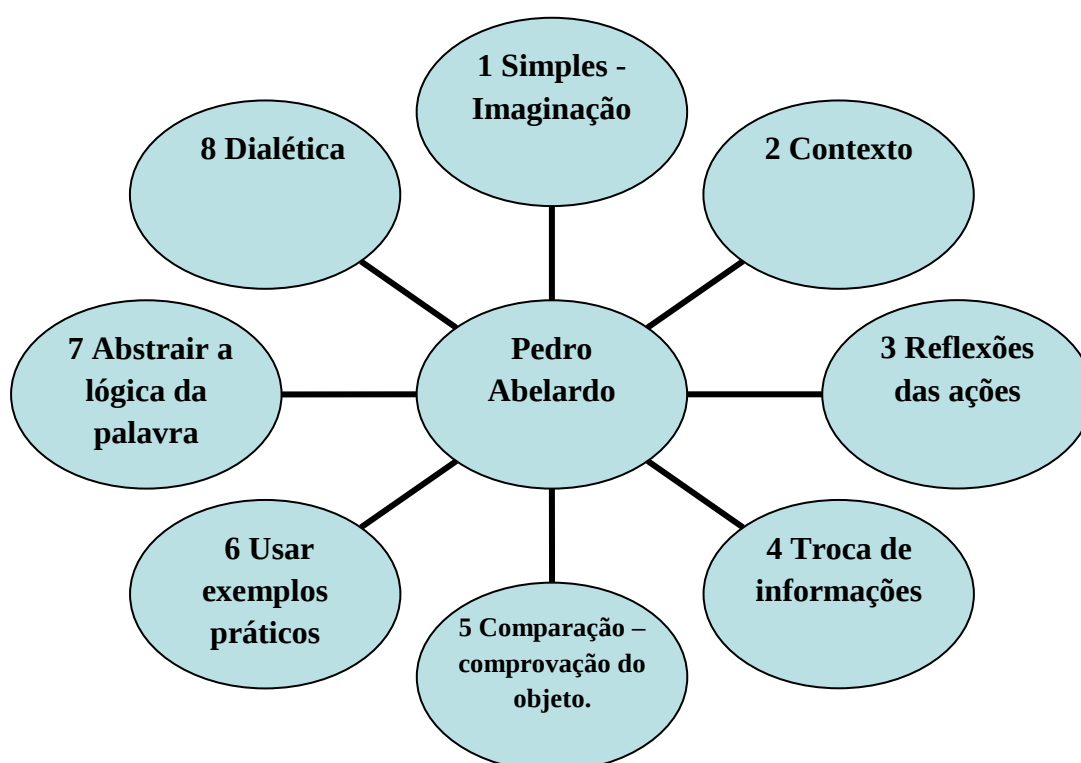


Figura 5: Possíveis apontamentos de realização de leitura crítica em Pedro Abelardo.

Podemos pensar em possibilidades de estratégias de ampliação de caminhos por vias diversificadas. Os apontamentos referente ao uso da palavra dos autores, mencionados anteriormente, e as três situações de aprendizagem apresentadas, favorecem os indicativos de que as ações citadas demonstram que há possibilidades de procedimentos estratégicos para o aprimoramento das vias intelectuais, tanto de sujeitos dito normais como nos casos de disléxicos, surdos entre outros que não mencionamos nesse estudo.

Para tanto, destacaremos as possibilidades de estratégias de ampliação de caminhos para o trabalho das palavras por meio da metodologia crítica e participativa. Atendo-nos que o procedimento primordial para a construção e aquisição da palavra é a rota fonológica e a rota lexical.

Todavia, primeiramente analisaremos as possibilidades no padrão tradicional e na sequência sujeitos com dislexia e pessoas surdas, visando possibilidades de apontamentos de uma possível metodologia diferenciada, com base na análise dessa pesquisa.

Rota fonológica (representação simples com base nas leituras anteriores)

Quadro 4 – Sujeito dito normal

Palavra	Decodificação Letra - som	Reconhecimento auditivo	Pronúncia
----------------	--------------------------------------	------------------------------------	------------------

Quadro 5 -Sujeito com dislexia

Palavra	Decodificação Letra - som	Reconhecimento auditivo	Pronúncia
	Reconhecimento visual	Significado	

Rota lexical (representação simples com base nas leituras anteriores)

Quadro 6 - Sujeito surdo

Palavra	Reconhecimento visual	Significado	Leitura automática
----------------	------------------------------	--------------------	---------------------------

Analisaremos o trabalho das rotas com as reflexões dos autores para possibilitar a exploração da palavra como recurso facilitador ao aprimoramento do intelecto.

O sujeito dito normal, conforme decorreremos no corpo da pesquisa, é um sujeito biológico que os seus sentidos necessitam ser estimulados para instigar as memórias, o pensamento. Todavia, para que o encaminhamento da informação alcance o significado lógico, será necessário mediação para ampliar as possibilidades da formação de um leitor competente. Conforme vimos em Abelardo e São Vítor, os meios e os métodos são fundamentais para formação da inteligência. Assim sendo, observamos a viabilidade de favorecer a rota fonológica ampliando, aprofundando o desenvolvimento do trabalho da palavra com possibilidades nas seguintes metodologias.

Quadro 7 -Sujeito dito normal

Palavra	Decodificação Letra - som	Reconhecimento auditivo	Pronúncia
<i>Partir do simples</i> instigando a <i>imaginação</i> (já instigando os sentidos e a memória para despertar o pensamento e buscar o significado); <i>contexto</i> ; <i>reflexões das ações</i> ; <i>troca de informações</i> ; <i>usar exemplos práticos</i> ; <i>abstrair a lógica da palavra</i> , <i>dialética</i> .			

Quadro 8 - Sujeito com dislexia

Palavra	Decodificação Letra - som	Reconhecimento auditivo	Pronúncia
	Reconhecimento visual	Significado	
<i>Partir do simples</i> (demonstrado concretamente o que se pretende); <i>Imaginação</i> (reforço demonstrativo); <i>Reflexões das ações</i> (quais as formas serão envolvidas, imagens, sons, letras etc. fazendo um demonstrativo); <i>Ouvir e ler reflexivamente</i> (já utilizando os apontamentos anteriores, partir das letras, ir evoluindo para palavras, frases) na sequência da oração formada <i>usar exemplos comparativos</i> para retomar e reestabelecer			

nas memórias as informações, devido a memória do disléxico ter falhas para a retenção de informações, necessitando retomadas para fixar e entender o conteúdo. Abstrair a lógica da palavra; Dialética, o conhecimento refletido, significado e expresso pela oralidade e escrita.

Quadro 9 - Sujeito surdo – Rota lexical

Palavra	Reconhecimento visual	Significado	Leitura automática
<u>Simples</u>; usar <u>exemplos práticos</u> para melhor significação da memória visual, sendo uma das funções primordiais para trabalho da rota lexical para com o sujeito surdo, <u>contexto</u>, para facilitação do reconhecimento significativo e possível estratégia, elaboração de uso da palavra; <u>Meditação</u>, formato, tamanhos, movimentos, etc.; <u>organização sequencial</u>, o que vamos ler, ordem a seguir, como devemos ler; <u>Inteligência especulativa</u>, depois de passar pelas questões anteriores disponibilizar um acervo demonstrativo e reflexivo do assunto planejado para ser explorado, para instigar com maior ênfase as vias intelectuais a assimilar o entendimento da palavra, usar <u>exemplos comparativos</u>, palavras com outros demonstrativos; <u>Inteligência prática</u>, Formulação da palavra, ou seja <u>frase, sentido, e a expressão da sentença</u>.			

Os quadros anteriores tiveram como base as obras “Didascalicon”, de São Vítor, e “Lógica para Principiantes”, de Abelardo e nos demais autores dessa pesquisa como Veger, Le Goff, Bloch, De Boni, Luria, Bakhtin, entre outros, que nos possibilitaram analisar que a palavra e a leitura quando trabalhadas de forma significativa no processo de ensino e de aprendizagem favorecem o desenvolvimento intelectual.

As rotas fonológicas e a rota lexical foram trabalhadas como a base do desenvolvimento da boa leitura; analisamos como possíveis formas de indicadores de caminhos para trabalhar as vias intelectuais de modo a enriquecer a metodologia do conhecimento visando à ampliação da inteligência, contribuindo para formação do sujeito.

A leitura é uma importante condição de desenvolvimento da inteligência quando instigada por meio do processo de resolução de problemas, o que amplia a capacidade de análise objetiva em todos os sujeitos, visto que todos os homens nascem com aptidão nata para aprender, apenas precisa ser trabalhada para se colocar em prática.

Somente através da educação formal e a criação simultânea de atividades “teóricas” especiais a situação poderia mudar e os processos de resolução de problemas se tornariam uma atividade

discursiva independente, assumindo formas similares às formas comuns do pensamento verbal, lógico e discursivo que podemos detectar nas crianças em idade escolar (LURIA, 2017, p.183).

É importante não nos esquecermos de que, para o bom processo de ensino, é fundamental a reflexão consciente referente ao sujeito como um todo, com suas diferenças e particularidades específicas, que os caminhos a serem trilhados ou as metodologias utilizadas nesse processo, precisam ser bem pensados, programados e planejados.

Sem planejar, o caminhar fica confuso, cansativo e perturbador devido à superficialidade na aprendizagem, “nota-se quão perverso seja tal costume, ou seja, quanto mais agreguemos conhecimentos supérfluos [e vãos], menos seremos capazes de reter conosco saberes úteis [e bons]” (SÃO VÍTOR, 2015, p. 118). Temos que ter ciência de como agir e as possibilidades de aplicar um conteúdo de maneira significativa.

Nenhum entrelaçamento de procedimento literário-materiais (formas concretos (e, de certa forma, menos ainda os elementos linguísticos: palavras, orações, símbolos, séries semânticas, etc.) pode ser entendido do ponto de vista de uma lei literária esteticamente estreita (que sempre é de natureza reflexa, secundária, derivada) como estilo e composição (exceto uma experiência artística deliberada), isto é, pode ser interpretado apenas a partir de um autor e de sua energia puramente estética (isso se estende também à lírica e à música, mas é necessário considerar também a série semântica, a lei ético-cognitivo da vida da personagem, a lei semântica de sua consciência agente, uma vez que tudo o que é esteticamente significativo engloba não o vazio mas a orientação semântica da vida em andamento, que é persistente e autolegitimada (BAKHTIN, 2011, p. 183).

Para a transformação da boa memória, esta deve ser preenchida gradativamente, ir aumentando os dados de conhecimento de forma organizada e significativa, lembrando que para significar tem de lançar mão do repertório de conhecimento que o sujeito traz consigo. Significa partir do início, da simplicidade contextual e intelectual presente no histórico de vida do indivíduo.

Quando o homem introduz uma modificação no ambiente através de seu próprio comportamento, essa mesma modificação vai influenciar seu comportamento futuro. O reflexo simples transforma-se num sistema reflexo no qual os instrumentos usados pelo homem para atuar no seu ambiente tornam-se sinais que ele então passa a usar para influenciar seu próprio comportamento (LURIA, 2017, p. 13).

Entendemos que Intelecção boa, ou seja, o bom processo de entender é aquele que tem correspondência com a realidade, visto como um processo histórico no qual em ambiente social e não social do homem induz ao desenvolvimento de várias funções cognitivas, sendo o trabalho simultâneo da leitura e da dialética uma das rotas fundamentais entre o estímulo e a ampliação das potencialidades mentais, dirigidas pela sabedoria.

O trabalho e o amor completam a obra; cuidado e a vigília geram o conselho. Pelo cuidado e a vigília, preservamos. Estes são os quatro servos que encarregam da liteira da filosofia, porque exercitam a mente presidida pela sabedoria (SÃO VÍTOR, 2015, p. 141).

E ainda diz:

Sempre buscou persuadir os estudantes acerca da pobreza, isto é, para que não passem a vida na perseguição de coisas supérfluas, pois isto reflete maximamente no modo de se concretizar a disciplina [moral]. De modo semelhante: “um ventre gordo – como se diz – não deixa aparecer o sentido suave” (SÃO VÍTOR, 2015, p. 143).

Possibilidades mentais surgem na ampliação de conhecimento por meio do desenvolvimento do pensamento crítico que possibilita estabelecer a inteligência, maturar o conhecimento. Para que se forme o homem inteligente de fato, é preciso formá-lo de modo a ler não só os seus interesses, mas ler o mundo de forma consciente para que possivelmente desenvolva ações éticas, pensadas para o bem comum.

CONCLUSÃO

Essa pesquisa analisou os métodos de ensino presentes nas obras “Didascalicon”, de São Vítor, e “Lógica Para Principiantes”, Abelardo, com o objetivo de entender seu método de ensino e suas contribuições para o aprimoramento da inteligência do homem. Observou-se como se dava a metodologia em meio à formação do conhecimento e como contribuía no desenvolvimento das vias intelectuais tornando-as facilitadoras da compreensão dos objetos em questão.

O conhecimento é atemporal, de tal modo que compreendemos o uso da palavra como mediadora do conhecimento de tempos em tempos, observando que o

conhecimento sempre foi objeto de preocupação para os homens que questionam sobre o ensino e a aprendizagem.

Observamos os princípios gerais do entendimento e da formação do uso da palavra para mediar o conhecimento em meio aos sujeitos e suas diferenças no ciclo da construção do saber significativo. Os estudos demonstraram que as estruturas da atividade cognitiva não permanecem estáticas ao longo das diversas etapas da aquisição da palavra em meio ao processo de desenvolvimento histórico e social.

Verificamos que as formas mais importantes do desenvolvimento intelectual – percepção, generalização, dedução, raciocínio, imaginação e autoanálise da vida interior – podem ser alteradas para melhor, ou não, dependendo das condições de vida social que interferem no conhecimento a ser adquirido.

Analisaram-se alguns dados que demonstravam o processo de significação da leitura para instigar as atividades cognitivas com estímulos das vias intelectuais, que demonstraram possibilidades importantes de alterações fundamentais na atividade mental acompanhando as mudanças das formas básicas de atividade, a aquisição da leitura.

Essas mudanças do exercício da palavra como meio metodológico de ampliar a inteligência do homem não se limitam a uma simples expansão de horizontes, conforme Luria (2017); envolvem também a criação de novas motivações para novas modificações e ações que afetam radicalmente a estrutura dos processos cognitivos.

Nota-se como uma das principais bases para a mediação da palavra significada, a organização metodológica permeada por planejamento que ultrapasse a atividade meramente concreta para reflexiva, significada e prática, consideradas a realidade e as possíveis mudanças do contexto social.

A realidade também sofre alterações, o sujeito está em constante desenvolvimento, e novas operações teóricas e análise surgem; o processo de raciocínio necessita estar preparado para o exercício da significação de modo a realizar o processo de análise geral, do todo que envolve o objeto em questão, a fim de possibilitar a elaboração de inferências apoiadas no processo discursivo, verbal e lógico.

As características básicas da atividade mental humana podem ser entendidas como produto histórico social que se transformam e podem formar o homem inteligente, que tenha atos conscientes e éticos. A boa formação não se dá de modo isolado, pois é dependente direta do contexto social e histórico de cada sujeito.

O ensino torna-se ciência na formação sócio histórica da atividade mental e das estruturas dos processos mentais por meio da atividade significada e da prática direcionada pelo bom estímulo que conduz ao trabalho do aprimoramento do intelecto como forma de melhorar a integração do saber e do ser, trazendo significação às atividades pessoais e sociais do homem.

REFERÊNCIAS

- ABELARDO, Pedro. *Lógica de Principiante*. São Paulo: Nova cultura, 2005.
- ARISTÓTELES. *Orgonon*. 1.ed. Rio de Janeiro: Editores Lisboa Guimarães LTDA 1985.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. 6.Ed. Traduzido por Paulo Bezerra. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.
- BLOCH, Marc. *Apologia da História*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- CARTER, Rita. *O cérebro*. Rio de Janeiro: Agir, 2012.
- DE BONI, A Luí; *Lógica e Linguagem na Idade Média*. 4.Ed. Porto Alegre: EDIPUCRS. 1995.
- https://www.google.com/search?q=o+elefante+impossível&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwiZyfDIuNzfAhWCvJAKHY5kA7sQ_AUIDigB&biw=1366&bih=626#imgrc= Elefante impossível: 18h 7/1/2019 –
- JAKUBECKI; BORELLI. *Cartas de Abelardo y Eloísa*. 1a ed. - Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Ediciones La Parte Maldita, 2013. 256 p. ; 19x13 cm.
- LE GOFF, Jacques. *Os Intelectuais da Idade Media*. 2.ed. Rio de Janeiro: José Olympio LTDA, 2016.
- LURIA, Alexander Roimanovich. *A CONSTRUÇÃO DA MENTE*. 2. Ed. Traduzido por Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Ícone, 2015.
- LURIA, Alexander Roimanovich. *Desenvolvimento Cognitivo*. 8. ed. São Paulo: Ícone, 2017.
- FERNANDES, Sueli. *Práticas de Letramento na Educação Bilíngue Pra Surdos*. Curitiba: SEED, 2006,
- PIAGET, Jean. *O nascimento da Inteligência na criança*. 4.ed. Traduzido por Delachaux et Niestlé, Suíça. Rio de Janeiro: LCT, 1996.
- REALE Giovanni; ANTISERI Dario. *História da Filosofia*. v.1 São Paulo: Paulus,1990.
- ROTTA, Newra Tellechea; OHLWEILER, Lygia; RIESGO, Rudimar dos Santos. *Transtornos da APRENDIZAGEM: Abordagem Neurobiológica e Multidisciplinar*. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- SÃO VÍTOR, Hugo de. *Didascalicon, A arte de ler*. 1ª ed. Campinas: CEDET, 2015.
- VEGER, Jacques. *Homens e saber na idade média*. Bauru, SP: EDUSC, 1999.
- ZUMTHOR, Paul. *Correspondência de Abelardo e Heloísa*. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.